

Paz e Renda
Básica Universal
Marcus Brancaglione



2024



© 2024 Marcus Brancaglione

Este trabalho e todo seu conteúdo está licenciado pelo autor ao NEPAS sob Licença  RobinRight 2.0 atualizada por meio deste termos de acordo com os valores da Instituição ReCivitas a saber:

Proibido o uso não-pacífico, não humanitário, não informacional, não sociambiental e artificial.

Para ver uma cópia dessa licença visite
www.recivitas.org/licenca-robinright

Autor: Marcus Brancaglione

ReCivitas - NEPAS
Abril 2024

Introdução

O material aqui disponibilizado é apenas para efeito de consultas prévias é uma minuta que carece de revisão antes da eventual aprovação ou não da publicação em definitivo. Decidimos assim proceder pela urgência da situação, e esperamos que tais reflexões de algum auxílio possam o ser para quem também trabalha de boa fé buscando abrir os caminhos com alguma luz para as ações e resoluções sociais e humanitárias de tais questões.

Paz e Renda Básica Universal

Se a solução de todo e qualquer problema não é uma questão de tempo, mas do tempo seu fim, pouco importa ter toda a potência da energia da matéria e força de trabalho do mundo, ou ainda do espaço toda a memória e informação do universo, mesmo que atingissemos a velocidade infinita para gravar ou apagar toda ordem ou caos sem nenhum gasto ou esforço, ainda assim inevitável seria o fim de todos os tempos e decaimento de todas as matérias relativas e espaços desconsideráveis, em tropia nenhuma. Pois mesmo que tivéssemos toda a potência da energia e o tempo e espaço do universo reversível o fosse todo tempo perdido, energia desperdiçada, e esforço despendido, quer saibamos ou não, sem a resolução de nos entender por princípio já termos chegado à origem antes mesmo de o partir para a concórdia da paz, sem a disposição da paz jamais chegaremos sequer como o caminho oriental, que dirá então enquanto o repouso deste ideal como perfeição.

Eternamente condenados a não escapar presos e acorrentados neste circuito sem fim a cada vez mais rápido correr sem sair do mesmo lugar do tempo da eterna guerra contra deus o mundo e a natureza inclusive da nossa própria humanidade apenas fazemos desinteligentemente correr como aquiles cada vez mais rápido em direção para nosso previsível e inescapável final nos encontrar aparentemente parados como flecha de zenão, enquanto o enigma lentamente nos devora posto que assim desprovidos do necessário despertar do entendimento comum uns contra os outros nos batemos e de agape da atração da atração em repulsão apenas fazemos afastarmo-nos, em não o sermos.

Em outras palavras de nada adianta perguntar quanto tempo ainda temos ou precisamos, para alcançar uma compreensão quando está poderia estar vivendo não só entre nós, ou oculta dentro de nós, mas flagrantemente diante de nós no espelho do outro da verossilhança que não a veríamos nem se essa realidade gritando não só na língua dos homens ou dos anjos mas do

próprio amor criativo falasse.

Poderia existir e habitar todos os tempos e espaços do nosso mundo, enquanto vida inteligente que não a encontraríamos, nem se fosse a primeira e a última, ou toda forma de inteligência correspondente, ou a única a nos contactar simplesmente incapazes de entender não o sendo, não estaríamos e nenhuma concepção o teríamos salvo a das nossas pressuposição da imaginação como afirmação ou negação, em abstração do fenómeno da concepção da ideia das ideias enquanto inclusive a que não faz ideia da própria criatividade não como fruto da imaginação, mas esta o produto da concepção. Salvo enquanto tal abstração, que por dedução e inferentemente lógica por inferência de tudo aquilo que a a lógica da natureza do pensamento humana, nem a próprias leis da lógica da natureza o são logo necessariamente para estas o serem do princípio ao fim atemporal como constante ao cosmo e além sempre o absoluto de todas as relações que assim o sendo são, isto é: zeitgeist de como além as coisas parecem beyond o são. E conservando desfa-se em progressão, e progredindo desfaz em conservação ad eterno. Do verbos inconjugáveis o mais que perfeito de todos os tempos atemporais agape, al di lá, mas allá.

Então perdão por ser tão profano e parafrasear o que de tão cristão do católico é o mais romano, mas a a cura da invisão da indivisão de odio ao odio está no cor da ações sincretico sincrético de todas gentes, que compartilham a solidão da insolidariedade e o desamor da impiedade da própria piedade aos inocentes caído até aos que já não em. Mas a solução da paz não é uma questão de guerra, nem muito menos de políticas económicas para, ou a economia política dos pseudo estados de paz mas de de elaboração incorreta do problema e logo das resolução com a devida correção.

Não é um jogo de guerra, nem sua da sua continuação diplomática ou informática computacional artificial, enquanto a mesma máquina emuladora dos falhos e erraticos por definição calculos estratégicos dessa nevoa desinformação das portas descomputacional dos entes por imputação dos objetos em portas de saída processuais desorientadas ilógico desconexas do sensoempático, que longe de ser uma mera reposicionamento do imagético do lugar espacial temporal do outro, é o própria alteralidade da comunicação a distancia dentre aqueles que nunca desconexos em nenhum momento desprovidos do nexos jamais o estiveram, ainda que inconscios da revelação de sua ligação, que não se acoberta, cobre, nem descobre, mas se revela e vela, posto que buscando não se vai até a fonte da investigação mas este se revela enquanto tal, a fonte sem desvelar-se completamente qual, mas abrindo-se ainda mais em horizonte infundável do mistério a busca da revelação do próprio, o conhecimento enquanto tal o incognoscível.

Uma revelação está uma tomada de decisão e executá-la sem erro, pois

dianta da derradeira questão estamos, que transcende a próprio problemas de parada das maquinas de turing, inteligencias artificial regeracional ou oraculos da hipercomputação quantica, não é uma questão ex que dirá in machina, da natureza artificial, nem sobrenatural, mas das forças vontade sobrehumanas as por verosimilidade humanas, se sim ou não sabendo ou uma simples decibilidade perante a indeterminação perante a própria insolubidade da indivibilidade dos problemas infinitos enumeráveis por unidades de memórias infinitamente nulas, em laço retroalimentado pelo pendular cor da criatividade inverso da mesma indivisibilidade das infinitos dos problemas enumeráveis entropicas pela unidade das memórias que uma vez completamente preenchidas são a própria ausencia da tropia a regerar a frequencia constante da própria reversor da indeterminante do nada criativo presente como constante cosmologica imutavel na frequencia pulsátil de todo espectro da materialização do ausencia de absolutamente tudo, ou do nada que regenera aquilo que tudo se faz e desfaz na medida inversa da esfera desrealização total ou desrealização tudo como o orus deste torus astrobiologico, do atmo de toda espera o cor da atividade, do vazio criativo o além do além, o zero re-criativo, o absoluto lógica do ritmo do silencio da própria do elo vazio da religação do criadora, da criação com o criador, o nada do todo. no universo o espectro da materialização da própria informação enquanto ação fantagorica a distancia.

A consideração da atemporalidade inespacial constituinte de toda abstração da espaço-temporal, o mar do amor cujo nenhuma existencia nunca viaja mais rapido posto que nele é espectro da constituição da sua onda em particuridade, mas também jamais nunca abandonado pela luz da sua formação, apenas desprovido do farol que não está em lugar nenhum mas no próprio brilho da suas águas, agapés reflexas al di la de aldila um fato margano que não é ilusão, mas a concretute do próprio verbo inconjugavel de todos os tempos mais que perfeitos apenas aposto à deriva quando navegar é precioso.

Posto que da importancia de valor, é a importância dos valores, a dignidade da dignidade que mais do que direito ao minimo vital perante as reservas do possível, é o impossível sem reservas com dignidade ser e estar diante da vida ou morte, o inexorável para sempre estar como livre obrigação voluntária da razão de ser ou não, para além da ciência, fé ou amor impossível de corresponder a própria que a solidão da nossa insolidariedade e impedidade da impedade perdoa e infinitamente espera nos encontremos em humanidade senão nesta esfera que lados não tem, na que transcende até os polos posto que não tem olhos, mas é orus e torus da anima de todas as configurações das constelações de todas as formas considerais daqueles que ousam ainda que por um momentum transcender os inúteis tempos desconjugações inverbais dos eternos préteritos dos desfuturos do desamor,

e simplesmente ao e por impossível o ser ainda que sem o fim por um instante em sonho a esse sonho abandonar-se e sem mais amar por amar.

Se há uma especie inteligente definitivamente esta não habita entre nós, nem nesse mundo, nem neste universo, nem em nossos corações, não sozinho, impossível inteligir só com ciencia, com fé, ou com nosso limitado amor, Mesmo se pudemos não só crer por decreto, mandamento, ou por experienciia conhecer todas as leis da natureza, do homem da fé, ou mesmo do amor, e dominar não apenas todos os corações, mentes e forças do universo, não só mortais, mas imortais, naturais, artificiais, mas sobrenaturais e sobrehumanas, não ultrapassarias em tempo, mas nem em imaginação que dirá em abstração a própria transcendencia da criatividade ou espaço ou velocidade a própria concepção das concepções dos fenomenos dos fenomenos dos quais unicamente podemos deduzir justamente por eliminação lógica das nossa capacidade de ingeração por transformação termodinamica humanas e naturais. Não podemos senão eternamente errar buscando o mais que perfeito que não se perfaz na mera perfeição do natureza, mas a regernara com cor da ação que está além da própria compreensão salvo que entendimento necessário para existirmos em.

Isso implica que não adianta apelar aos homens e suas leis não está neles tal capacidade empatica. Não adianta apelar a natureza, posto que ela não produz tal ação. Não pode o homem nem a natureza sozinhas gerar tal instantea resolução criativa que só pertence a própria inspiração da criatividade que em liberade de associação só pode o ser inspirada pela amor daquele que cria como o próprio a própria criação como estem o fosse a sua e o seu próprio dirigidos por e toda coletividade em constituição de cada atmo desse atmoesfera do corpo do espectro do espirirto do autodeterminação resoluta predestinada dessa humanidade.

Não é portanto ojeto de teorias de jogos do prisioneiro holomoricas muito menos de práticas parafilicas estatopaticas necrodegeneradas enquanto dissuação de destruição holocausticas mutua assegurada, que imperam entre as relações beligerantes das superpreponcias belico-armamentistas dos governos e lideranças industrias da servos-idiocratização em latrogenocidio por exterminio da intecção e expropriação intelectual e natural da vida e anima dos seres humanos e viventes de todos os planos e esferas do mundo e planeta por propagação da discordia, desentendimento, conflito, guerra eternas em permanente armagedon contra a genese da arvore do fruto do tempo da vida até a realização fanatico zelosa da destruição autoprofética do fim de todo juizo, bom senso e denominadores comum aos povos de toda a mesma espécie, a nossa, humanidade pelos governos teocraticos disfarçados de democracias, que de livres e do povos não tem nada, posto que nem falso o são, mas a própria a falsidade são e corpo dão enquanto falsificação incluso dos nomes, posto que o que é sagrado é o

governo dos povos em respeito a deus, o mundo e a natureza da humanidade e não a idolatria aos falsos como se fossem deuses para decretar a guerra contra deus, o mundo e a natureza inviolável de tudo e todos a começar pela própria humana, enquanto poder e monopólio da violência, terras e destino da vida no planeta e pessoas.

Que não só por óbvio mas evidentemente errou e muito, isto não só nossa história prova, mas a proximidade do derradeiro fim da pré-história destas cavernas frente a idade da nossa futura consciência ou morte, inclusive enfim de todo o nosso tempo que matamos, ou como diria o matemático ao imperador ele não precisava desta hipótese, eu para começar só dela careço, pois ao contrário do que disse o filósofo se existisse não poderia ser inventada, é o ponto de apoio imóvel que move ainda que este em verdade não seja senão o ponto intangível do próprio nada, zero absoluto que no limite repulsa, e na infinita densidade impulsa, sem jamais se tocar nem perder do eterno alfa e omega desse quasar superparaconsistente que inexiste nunca deixa de existir e recriar-se atemporal e todo tempo a própria criação para além do espaço considerável de si mesmo como alteridade que ao Proprio em renovação da origem criativa retorna. Algo que ultrapassa nossa capacidade de termodinâmica de recriação transformativa imagética, mas podemos por ideiação realizar com aproximações algorítmicas alternadas se e mas o devemos em permanente correção provisória, se quisermos não nos desfazer, mas do ideal participar em real na ação.

Assim sendo...

Se cor para agir tiver e explodir seu olhos de orus e torus em pus e sangue, nesse niilismo que do vazio do mais absoluto nada ainda que sem poder sequer vislumbrar que dirá alcançar ao menos de todo o peso há de se livrar, para ao menos saber que lá está e voltando aqui dizer-lo que se não há fé na ciência, razão na fé, ou mesmo amor suficiente que sozinho ou mesmo no conjunto de todo o universo tudo possam, no mais além o impossível há de haver, deste nada criar-se-a como constante cosmológica nada menos que tudo o sempre. Pois se sem agape nada o somos, também nisto neste mar de agape por mais simples e ínfimo atmo ao navegar, do mar a nau de teseu também o somos e estamos.

Logo no e por logos ainda que houvesse um deus que tudo subtraísse e nos enganasse em cada por ilusão em cada uma das nossa inegáveis e erráticas operações mentais, ou visões daquilo que nos é impossível observar seja a árvore da vida que morre distal ou proximal como passado ou futuro do presente sempre ignorado dos atos inverbais não conjugados, em todas as linguagens da comunicação que por gestos sinais os são, do próprio sinal dos sinais por fenômeno da frequência do continuum imperceptível, ainda sim a lógica da lógica prevaleceria, enquanto o nexos motriz da chave indecifrável

das forças fundamentais da natureza da matriz astrobiológico da raiz do raio de cada complexo atmo das esfera das constelações nebulas dos circuitos da rede da organotransformática da vida. Pois sem nada seria, do amor até ao nada e no nada como todo o poder criação além da imaginação basta para do nada o tempo não só perdido, mas morto, ressussitar vir novamente a sê-lo o que em verdade o é, não o usufruto da liber da vida, mas a semente ao futuro. A genese que eternamente se semeia a memória do impreterível e inexorável futuro, e não consome como carne necrosacrificial a pulsilanime necrodegenrescencia da desmaterialização dos pretéritos imperativos proibitivos.

Em outras palavras o que bem o bom por certo se semeia as próximas gerações e não se devora, mas se planta como a escada que segura o seu chão e o eleva até o seu céu. E de nada adianta escrever em comandos blocos de pedra, papel em língua inteligíveis ou não, porque não comandam nem mandam, são também mementos daquilo que não se pode comandar, mas apenas voluntariamente como dever e obrigação voluntariamente obdecer. De tal modo que ainda nada se tenha através dessa força voluntária também saber se há que nada mais se precisa, posto que a pazes se fazem assim como as garantia da verdadeiro mimimo vital, uma sopa de pedras todos trazendo o que não sabem que tem por mais do que precisam posto que tudo que precisam é fazer-se preciso por solidarios a vida.

Neste sentido uma renda básica universal não é portanto o direito a receber um pagamento corresponde a garantia do minimo vital ou a obrigação e dever de efetua-lo conforme as possibilidades de recursos ou reservas do possivel. É o próprio dividendo social, a obrigação de constituir, preservar e garantir com ou sem reservas suficientes o minimo vital necessário não apenas para viver em pazcom dignidade mas até para morrer em paz com o minimo de dignidade humanas, é portanto mais importante que a própria mera subsistencia, é o direito e dever de subsistir em paz de acordo com a dignidade humana básica impreteriveis, inalienáveis e inegáveis de todos para todos enquanto a própria previdencia e provisão e garantia de fato dos direitos humanos enquanto não uma promessa, nota promissoria ou termo de compromisso, mas sistema de proteção e provisão da dignidade da humanidade por em concordia a paz mundial dos povos e para povos por autodeterminação em livre exercicio do seu direito internacional de associação civil em manifestação da liberdade de cosciencia e razão social não violenta. social humanitária, não governamental não lucrativa não armamentista, não belica, não militar, mas unica e exclusivamente social de garantia da provisão sem desvio de finalidade e recursos do absolutamente necessário a uma vida digna em paz. Em verdade mais do que um valor de importancia, a próprio unidade de valor da mportancia internacional dos valores intercambiavel enquanto o indexador das necessidades relativas do

quantidade necessária do pacote das necessidades básicas, a qualia do quantum por espelhamento verossimelhante da arvore da vida, ou o indexador do banco mundial da paz, a dignidade humana, devidamente não mais financiada pelo produto interno bruto resultante da pilhagem e extermínio da economias de guerras armamento armas, exploração e segregação dos povos e pessoas, mas sim pelo própria emissão e deposito da economia criativa baseada preservação e proteção patrimônios naturais e intelectuais da humanidade e pessoa natural e humana dos seus criadores enquanto os dignatários e detedores da propriedade difusa dos direitos de rendimento sobre o próprio de acordo com sua necessidade conquanto preservada sua disposição e capacidades de recriar próprio sistema de reserva pagamentos.

Reiteradamente por uma Economia Política Internacional de Paz

Embora nenhuma ilusão tenhamos quanto a ínfima importância das nossas contribuições , nem muito menos da responsabilidade que pese sobre todas as manifestações de apoio aos pedidos de paz ou cessar-fogo;

Perante a solidão da solidariedade e desamor à compaixão, e da piedade aos inocentes senão falsidade, ainda o sim, em apoio as manifestações de protesto acusações e condenação;

contra os crimes de guerra, genocídio e extermínio da humanidade;

contra a pulsilanimidade necrodegenerada da parafilia estatopática dos conflitos de terror de teor supremacista, segregacionista, latrogenocidas de viés totalitário e teocrático em flagrante escalada beligerante armamentista;

contra a radicalização intolerante extremista retroalimento pelas superprepotências belicistas armamentistas imperantes e suas políticas necroeconômicas industriais estratégico energética-monetária criptorecolonias de expropiação intelectual teledesinformacional, infomilitar multitransnacionais;

E ainda mais uma vez em respeito e consideração não só a causa da vida e paz , mas de fato aos inocentes que ela se faz representar, fazemos questão de registrar que não só em memória de todas pessoas e povos latrogenotrucidados, mas ao futuro de tudo que elas são e dão sentido e significado do cor à ação:

denunciamos estas superprepotencias que em escalada flagrante de difusão da proganda do terror pelo ato, discordia, conflitos, falsidade e sobretudo chantageam a deus e o mundo pela ameaça holocaustica do holodomor pela destruição mutua assegurada de toda humanidade.

Posto que se esse falasser por opostos abertamente em primeira pessoa

falassem diriam que fazer melhor o teríamos, pois seja quem o formos, não adianta fugir, vamos ter que os enfrentar e não vamos vencê-los. Porque bem sabes, que não estes não vieram para nos tentar, mas para provocar, e conseguir o vão, pois inevitáveis o são. E quer queira ou não, dialogar com, na língua dos homens, ou dos anjos, mas ex machina o terá, e para perder. Pois tenha toda fé, ciência ou amor, não é dado a nós senão tombar contra o que foi dado fazer cumprir derrubar, esse é o destino deles, derrubar-nos e cair, o nosso decidir como enfrenta-los, porque o enigma eles não o são, nem do tempo, nem do homem, mas do fim, os tempos, então decifra-o ou devora-te-ão não só da alma até os corpos, mas dos corpos até as almas, porque a pergunta não é até quando, ou onde, mas como? Como sem quando? onde sem nem quanto o haver não mais houver ninguém sem um outro senão você e eu, fundindo neles? Como no espelho senão fugir do desamor, ou o que é a mesma coisa olhando no espelho da história enfrentar-los, em desilusão por apostado em ação?

Diriam performando: "Quem criou-me, deus? Ou você? A natureza então ? Cair comigo ou não, o vai porque sem mim não vais aprender jamais a linguagem da criação, porque dos fraco é o covarde, não andas em direção a luz que é incapaz de em verdade o ver apenas foge da escuridão que teme. Sabes que se eu dissesse eu me rendo, não me confesso, eu arrependo, r que se eu pedisse perdão, e jurasse que mal nenhum mais causaria de nada adiantaria, porque eu não seria isto, não seria nem falso, mas a própria a falsidade em verdade, e da própria verdade: toda falsidade, o ilógico da falta de lógica de toda irracionalidade, eu me cumprio na irrazão da desrazão, não existindo, existo paraconsistentemente em cada ação e em afirmando escapo, escapando me afirmo, e divirto-me seriamente com tamanho sofrimento, sem deixar de compadecer rindo do sofrendo junto, porque sem mazoquismo não havia sadismo e vice-versa do vide o universo do reverso que verso não o meu, mas o seu! inferno que paraíso não se perdeu. E se incapaz o é de me entender é porque não existe vida inteligente no universo a começar pela própria humanidade que das espécies desinteligentes em desamores não a si própria, mas a sua inverosemelhança não é só de longe em de todas as criaturas incluso o primogênitos dos primogênitos dos últimos com certeza a primeira, ou como diria dos salvadores dos fenômenos, a episteme. Eu me rendo, então. E confesso, me arrependo. Mas não me perdo, posto que não é da minha natureza enquanto a lógica pura, incapaz de amar perdoar a tudo incluso a mim mesmo. Não mais escondido nas trevas do sigilo, senão revelar, não sou eu, ele. Mas é ele que não é senão você."

Só que, não. A vida não é ilusão.

Dizem eles que se não pode vencê-los juntemo-se a eles. E quando, mesmo não querendo ou sequer querendo e sabendo assim não o fizemos? Mesmo

quando por pressupostos ou não vencedores sempre o estiveram perdidos e os supostos ignorante completamente apartados? E as vitórias a fundo perdido pro mesmo buraco o foram, do qual nunca aliás nunca saíram? Quando não estivemos por destino sempre juntos não só caminhando para o mesmo buraco sem fundo, ou se preferir sem dele sair? É portanto completamente desnecessário dizê-lo, se nunca em verdade nos foi dado de fato por destino separar-nos uns dos outros, que dirá vencer-nos a nós mesmos, que dirá então uns aos outros. O que não quer dizer, que desonesto seria? Que mesmo que perdido tudo estivesse ou já completamente apartados, entrelaçados pelo espectro juntos ou separados quer em concórdia ou discórdia, por mais apartados ou segregados, próximos ou distantes, estejamos uns dos outros nunca o deixamos quer queiramos ou não, o estar concordemos ou não atrelados inclusive por uma espécie de ação fantasmagórica a distância atrelados ao mesmo destino na mesma barca findarmo-nos-emos.

Mas, não mesmo.

Por toda vida somos assediados direta ou indiretamente a trabalhar direta ou indiretamente pela guerra ou fome do nosso semelhante antes de mais precisamos registrar que neutros e imparciais não somos e pela causa em questão não só advogamos em favor, mas no campo da legítima atividade produtiva diametralmente oposto da economia política da guerra e indústria militar, armamentista o declaradamente voluntariamente não negamos, reafirmamos o estamos e trabalhamos por, uma instituição social formado como organização da sociedade civil não-governamental, não-lucrativa, não-militar pelo e para livre direito de associação civil em estado de paz.

Jamais.

Não é agora justamente que mais precisamos que vamos deixar de ser quem sempre o fomos, e não fazer a única coisa que por sinal depois de tanto tempo é aliás a única que aprendemos. Portanto, em busca do conhecimento em si aqui neste artigo não estamos, mas por nossa profissão confessa em nossas razões, crenças e paixão as nossas prática e estudos que embora honestamente nos dedicamos também sinceramente é do mais evidente não fomos nem sequer perto chegamos do que se possa chamar de uma razão, credo que dirá então da compaixão meramente suficientes para realizar o sonho do que não nego, nem regeno, mas reafirmo é até então nossa vida, que dirá então contribuir de fato a ciência, fé e amor necessárias a tamanho desafio que muito além das nossas capacidades e limitações de realizar o estão.

Considerando portanto nosso devido lugar melhor seria, mas impossível permanecer impassível perante tamanha atrocidade que embora além do

nosso alcance e impotência, tão profundamente nos atinge, e mesmo sabendo podendo fazer, ou como, também não conseguimos nos negar que não só precisamos, mas temos, não importa, se irrelevante, ou insignificância, e neste caso não é mera retórica, daquilo que vamos tentar, já estamos a fazer, onde vamos chegar, não sei, mas isto é só o fazer do comunicar, mais certos ainda da imensa responsabilidade não só de toda e qualquer manifestação ou protesto, denúncia das responsabilidades de todas as partes beligerantes cúmplices e omissas, por respeito e consideração a todas as vítimas inocentes sem distinção perante à flagrante escalada dos crimes contra toda a humanidade, principalmente de guerra e extermínio praticados sobretudo as denunciadamente genocidas, e em respeito e consideração às vítimas inocentes é a nós mais do que impossível ficar impassíveis, expressar toda objeção de consciência e indignação.

Aliás sempre o foi, embora nunca tenha rigorosamente adiantado. Contra principalmente as latrogenocidas da pusilânime e necrodegenerada parafilias estatopatia dos regimes de terror totalitários seus cúmplices por financiamento e ou omissão de nada adianta. Não, não é só contra esses criminosos que imperam e apartam e jogam as pessoas e os povos uns contra os outros em guerras extermínio valas contra a humanidade, os povos, o mundo e natureza assim como toda a humanidade, com suas guerras, fomes doenças e soluções finais que nos dirigimos.

Não embora contra, não é a estes governos e empresas que dirigimos o verbo. Nem portanto meramente para marcar nossa posição antibelicista, pacifista, ou manifestação de objeção de consciência contra essas criminosas empresas indústria financeiras, energéticas, tecnológicas e informáticas da locupletação e pilhagem do necrocapitalismo transnacional governantes sadobelicistas militares-armamentistas criminosas empresas e que contra a paz, concórdia reconciliação não trabalham, mas investem, que dirigimos nossas palavras, mas sim as pessoas comuns e suas associações sociais civis, de paz, que dedicaram ou pretendem dedicar a história da sua vida própria à serviço da paz, dignidade e em também como nós querem fazer mais.

Assim sendo que o seja lançado no anti-vazio da solidão da insolidaridade e impiedade da impiedade, não sendo o ódio ao ódio, amor, pouco ou muito importante ou não é para produção da ação social em função da paz e garantia de mínimo vital para todos viverem em paz entre os povos e para os povos de toda sociedade civil da humanidade e comunidades internacionais e nações unidas em liberdade de associação e organização e manifestação e objeção de consciência contra toda a beligerância, violência, conflitos e ameaças, chantagens e agressões, constituintes das guerras holocausticas e negócios holodomóricos dos seus monopólios da violência e indústrias latrogenocidas de crimes contra toda humanidade.

Logo se não há dúvida ou ilusão quanto do resultado incerto dos nossa palavração, mais certos do que agora nunca estivemos senão perante tamanha incerteza quanto nos ultimos dias, que quer queiramos ou não, jamais faltar pudemos quanto agora de que nos furtar nunca poderíamos, e não só nestas horas mais derradeiras, mas sempre contribuir obrigados o fomos assim como o somos, não meramente apenas porque precisamos, mas sim porque o deveríamos e devemos enquanto o conseguirmos conquanto o pudermos com ou sem todos ou nenhuma reserva do possivel ou quiça até o impossivel.

Porém sinto muito, se até agora não entendemos, nem o fizemos com todo o tempo do mundo que o tivemos, não vai ser agora que o vamos. Mas se finalmente entendemos, e porque finalmente através desse meio vital não não só como providência ou previdência, sem reservas, do possível o impossivel e além impreterível e inexoravelmente destinados prosseguir imprescindivelmente entedemos nosso destino e vontade, caminhamos, sem receio ao mistério, que da falta dos meios mais do que necessários o vital, o princípio da causa a finalidade da razão constante do cosmo ao além, de simplesmente de tudo para com todos e em todos para com tudo, a consagrar da paz por dignidade humana em amor ao próximo ao Próprio.

E embora tal compromisso com a causa necessária a finalidade não seja por evidente a suficiente, é por definição da razão social constituinte a fundamental. Somos uma organização da sociedade civil, não necessariamente contra os governos, mas não-governamental, mas definitivamente civil, socil e portanto não-militar, anti-belicista, não-armamentista, uma associação de paz sem fim-lucrativos, por definição, o somos.

Embora mais do que evidente o seja que não somos capazes de realizar qualquer contribuição significativa em campos que muito além dos nossos limites e alcances das capacidade de realização do entendimento das razão, fé e até mesmo paixões, querendo ou não, logo, portanto, nunca tivemos tanta certeza de que, não apesar de , mas justamente por, querendo ou não, faltar com ela, ou dela nos furtar, não podemos, ainda que precisar não precisemos, o devemos, de boa fé cumprir com nossa obrigação voluntária independente das condição, paga, punição, interesse, ou recompensa e principalmente dos resultados e assim por certo sempre o fazer conquanto tal disposição manter o conseguir pudermos, mesmo sabendo que muito além de nossas forças e alcance esteja e capazes não sejamos, até porque leia-não escolhemos por justiça como princípios causas independentes das consequências que havemos de enfrentar, mas pelo contrário em todos os casos defender.

Há certos momentos que por razões inexplicáveis não conseguimos nos

manifestar mesmo tendo tudo para o fazê-lo, outros acontece justamente o contrário, e, querendo ou não, sem nem mesmo saber como, ou explicar o porquê, simplesmente não podemos deixar de fazê-lo. Ou melhor podemos, mas é como se o calar que tão natural é fácil, por costume, se torna insuportável, e quase como um grito o falar é praticamente tão incontrolável quanto o próprio sentir expresso sem pensar em pensamentos não apenas altos, mas que parecem que o querer vida própria ganhar.

Não é este o caso. Nunca em toda a e nossa minha vida com mais afinho e cuidado procurei as palavras encontrar, não só para errar, seja nas imoderações tolices, bobagens, e ofensas gratuitas entre outras, enfim tantas outras despropositos que se somadas a ignorancia por falta de essencial mesmo para melhor me fazer compreender, e mesmo assim quero desde já assumir que de todas as bobagens que ao de seguir, os erros certamente são meus, porque os méritos da inspiração não.

Será a paz pode vir através renda básica como por um milagre?

Posto que nossa programação nunca foi orientada a objetos, mas do sujeito, ao próprio criador do sistema que não do sistema não é só a mera porta de entrada ou saída, mas da lógica a orientação entropica orienta do ocidental o oriente e do orientação o ocidente do indexação do ponteiro o ocidente e oriente polar do central do atmo da esfera do centrovisão de orus e torus do orientação.

Simplesmente porque prosseguir por ideal no todo com tudo em tudo e para todos, no real naquilo que a nossa disposição, condição e compreensão dadas e força de vontade não só nossas mas as maiores se não permitirem ao menos em.

Enquanto isso, como elas quiser, sem parar, com o seguir, seguimos.

A paz assim como a renda básica universal não são um direito, nem um chamado a contribuir. Mas antes de tudo um dever. Ao qual Não negamos nem renegaremos, reafirmamos, somos voluntariamente enquanto assim pudermos responsáveis, por tudo que fizemos e dissemos, reponderemos mais certos ainda do imenso responsabilidade não só de toda e qualquer manifestação ou protesto, denuncia não é só contra esses criminosos que imperam e apartam e jogam as pessoas e os povos uns contra os outros em guerras exterminio valas contra a humanidade os povos, o mundo e natureza assim como toda a humanidade, com suas guerras, fomes doenças e soluções finais. nem apenas para marcar nossa posição antibelicista, pacifista, ou manifestação de objeção de consciencia contras essas crimosas empresas industria financeiras, energéticas, tecnologicas e informáticas da locupletação e pilhagem do necrocapitalismo transnacional governantes sadobelicistas militares-armamentistas totalitárias criminosas empresas, mas

a concórdia e reconciliação entre aqueles que trabalham e investem nas pessoas comuns e suas associações sociais e civis de paz, que dedicaram ou pretendem dedicar a história da sua vida a própria a serviço da paz dignidade antes que do possível esgotadas todas as reservas da humanidade e dos mínimos vitais nem sequer para o morrer em paz com dignidade que dirá então sobreviver tenhamos para legar as novas gerações.

Quando os mínimos vitais já não bastam e todas as reservas do possível esgotadas, mas nem sequer morrer em paz.

Imagine então que sem poder compreender o sofrimento do inocente que confiando morreu na esperança que do salvador quer fosse humano, ou sobrehumano, natural, artificial viesse, o seu algoz em verdade o foi? Impossível ficar inerte e impassível perante tamanha terror e falsidade Se mesmo vendo e ouvindo é difícil até crer que existir possa tanto mal, como imaginar o sofrimento que inocentes então? Impossível. Não é imaginável. Nem se das dores do mundo conhecessemos todos os males perante tamanho tamanho desamor a compaixão por desamor a própria compaixão, até o ódio pelo ódio não é nada, diante de tamanha desfaçatez não há esperança, nem desesperança para tamanha desilusão, arrependimento para tal culpa, ou desculpa para tal desumanidade.

Do inocente então que não teve sequer a chance de crescer ao ao menos tentar poder entender o que é esse sentimento da falta de um porquê para das dores do mundo. Impossível, imaginar. É impossível se colocar no lugar, que dirá então imaginar a dor dos inocentes traídos pela humanidade. Ninguém consegue, não de fora se por no mesmo lugar, que dirá mesmo que conhecesse toda a maldade do mundo, conhecer tamanho sofrimento humano é incomparável, que dirá imaginável. Amores e desamores além da nossa imaginação e racionalização não se inventam, nem se apagam, independente das verdades falseáveis dos nossos memoriais.

Não há Redenção para o irredutível, consolo na filosofia, salvação na fé, explicação na ciência, nem sequer lógica para a falsidade que nem falsa o é. Mas da razão a irracionalidade. Do entendimento a própria desinteligência. Da paz a discordância. Dos povos, a intriga. Da guerra, a, da fome, das formas a desinformação, das doenças a desimunidade e da morte, a parafilia.

O que sempre foi óbvio desde que o mundo é mundo, salvo para os colaboradores as audiências sempre cativas, infelizmente agora também o é evidente por força dos fatos e atos para todos os demais. Comparações, rótulos, legendas, apontamentos são redundantes, quando o ato é flagrante mas pornograficamente explícito, para eternidade, ele não só se só se autodenuncia, como ainda que inédito não carece de precedente nem definição posto que na pusilanimidade da necrodegenerescência latrogenocida

desta parafilia estatopatica totalitária isto não só se autodefine como seu dá nome e é portanto agora querendo ou não é a própria referencia da sua definição por incontestável incontração não só dos termos, mas das palavras enquanto do imverbal o próprio ato, comprovando que nisto a humanidade sempre surpreende e nunca para de se superar, no fanos os zelosos praticantes da reprodução dos males, eis o que há de mais no há de pior em nós, de mais novo do velho da antiga nossa condenação perpetua.

Na guerra por corações e mentes, leia-se propaganda de guerra e pelo ato, pois não nos enganemos em guerra estamos faz tempo, é no fim dela que estamos a nós encontrar, que as mensagem como não mataras podem ser gravadas ser em criptas gravadas em pedra, , arcas, monumentos e repetidas em verso e prosa e gritadas para nunca o serem o esquecidas, outras que nem apagando que sequer nos calares do escuro e vazio do silencio bem ou mal jamais se apagam, seus nomes não precisam nem sequer ser lembrados, ou mencionados, para sabermos quem os são, por aquilo que o fizeram e porque o fizeram são aquilo que o são, mas nem na lógica paraconsistente que dirá no rigores das clássicas.

Não.

Não é preciso dizer nada, e todos sabem de quem estamos falar, e não importa que seja verdadeiro que ninguém sejamos e sequer sabia quem é que nós pensamos quem somos ou como quem é pensamos que estamos falando, porque mesmo quando o terror calares verazes são seus falasser, em verdade não matam mas com prazer, orgulho, uma salva de palmas e muito obrigado.

Que os monopolios da violencia, não são da paz, não param guerras, fazem. e não investem em arsenais para proteger os povos, mas matá-los conforme e dar a ele o nome do divino e sagrado, o dos crime contra deus, a vida e a natureza de toda a humanidade. E aí de mim, que sinceramente quis acreditar no contrario, e se quis então não fui enganado, Muito embora nenhuma dúvida tenhamos do mimimo valor da importancia das nossas contribuições;

E certos o estejamos da imensa responsabilidade de toda e qualquer manifestação em consideração e respeito as vitimas inocentes em protesto denuncia contra a flagrante escalada de crimes de guerra, genocidio praticados por todas beligerantes, sobretudo contra principalmente as latrogenocidas da pusilaminime e necrodegenerada de terror totalitários seus cúmplices por financiamento e ou omissão. Não, não é só contra esses criminosos que imperam e apartam e jogam as pessoas e os povos uns contra os outros em guerras exterminio valas contra a humanidade os povos, o mundo e natureza assim como toda a humanidade, com suas guerras,

fomes doenças e soluções finais.

Não apenas para marcar nossa posição antibelicista, pacifista, ou manifestação de objeção de consciência contra essas criminosas empresas industriais, financeiras, energéticas, tecnológicas e informáticas da locupletação e pilhagem do necrocapitalismo transnacional governantes sadobelicistas militares-armamentistas de aspirações totalitárias criminosas empresas e que contra a paz, concórdia reconciliação não trabalham mas investem, que dirigimos nossas palavras mas as pessoas comuns e suas associações sociais civis, de paz, que dedicaram ou pretendem dedicar a história da sua vida a própria a serviço da paz dignidade e em também como nós querem fazer mais, mas não sabem como.

e logo, portanto, nunca tivemos tanta certeza de que, não apesar de , mas justamente por, querendo ou não, faltar com ela, ou dela nos furtar, não podemos, ainda que precisar não precisemos, o devemos, de boa fé cumprir com nossa obrigação voluntária independente das condições, paga, punição, interesse, ou recompensa e principalmente dos resultados e assim por certo sempre o fazer conquanto tal disposição manter o conseguir pudermos, mesmo sabendo que muito além do nossas forças e alcance esteja e capazes não sejamos, até porque leia-não escolhemos por justiça como princípios causas independentes das consequências que havemos de enfrentar, mas pelo contrário em todos os casos defender.

Pois mais evidente agora do que nunca que jamais a paz foi, nem deveria ter sido tomada por teoria de jogo, ainda mais os de guerra, nem muito menos tratada como um mero dilema de prisioneiros, que o dirá então a ser entreguem a resolução da estatopática da idiocracia necrodegenerada ao império das empresas e governos superprepotentes fragrantemente latrogenocidas, e suas ameaças totalitárias de destruição mútua assegurada holocaustica nuclear holodomorica socambiental em guerra contra deus e mundo e a natureza de toda humania sinergia da desinteligência pela materialização do mal da desinteligência enquanto a própria expropriação da propriedade fundamental da inteligência, o entedimento da razão, o bem comum do bom senso essencial a paz, concórdia dentre as pessoas, povos e nações.

Porém dizem, os partidários da, que uma mentira repetida reiterada vira uma verdade. Por certo e evidente não vira, mata. Inclusive o propagador senão em primeira instância, da falta de seu juízo, no final da sua prisão do pseudo looping imparável, das guerras eternas contra a própria da árvore da gênese lógica da vida em verdade, posto que nem o falso o é. Mas a da falsidade a própria e do engano a enganação do enganador.

Por quem como Édipo complexo de deus-pai o matricida que do do próprio

fruto que semeado deveria plantar o imortal senhor do ex ou in machina do tempo o complexo de cronos e a potencia motriz pensa que é um infantil, um antropofago infanticida da sua humanidade pois devorado o foi pelo enigma indecifrável do misterio que não era do homem a idades da sua pré--historia de paraísos perdidos, mas roubadas mas do alvorada a idade da sua consciencia renascidas em reconciliação por restituição do usufruto do proibido das inocencias não perdidas em latrocinio roubadas, e assassinadas. e a raiz não cortar mas ao próxima e próxima geração replantar e não em seu pesdo looping eterno não só morre, mas cai,

Se não era que trivial deveria tê-lo sido. Mas se não, senão salvo por milagre, não será. Mais certo e evidente que o evidentemente certo, incluso o necessário, é que não por sê-lo que irá acontecê-lo, que dirá realizar-se ou sê-lo, mas nem fazendo, que dirá apenas dizendo, o que não implica que também incidentamente também não possa sem o querendo ou querendo o ocorrer.

Quando não há mais reservas os mimimos imprescindíveis são mais do que os vitais, e as reservas não mais as possíveis, abrir os olhos não basta, que dirá levantar e andar, ou correr nem que fosse a velocidade da ilusão da esperança ou desespero da luz da fé ou razão, mas nem da desilusão. Não me entendam mal não quero parecer pessimistas.

Não Precisamos de inteligencias artificiais ou recursos naturais infindáveis, forças sobrehumanas ou sobrenaturais para fazer as coisas apenas e tão somente nos entender, mas isso é aparentemente impossível porque somos desinteligentes. Entendimento e no sentido correto, mas nem sequer se correr à ação na velocidade da luz da informação à razão capaz o fossemos em verdade nunca chegaríamos, que dirá ultrapassa o que por constante Não há correspondencia nem das palavras, até em palavras, se é preciso do verbo dos verbos, o atos dos atos o correr à ação, e se preciso o for até pagam não só para ver mas para matar a fundo perdido até investem para sustentabilidade da sua governança ou negócio, se é que financiar ou praticar, enquanto regimes de terror, falsidade e e idolatria aos monopolios da ameaça da destruição holocaustica mutua e holodomorica assegurada em guerras mundiais de exterminio dos povos, meio vitais e ambientais essencia atmosferas ambientais ou termonucleares, ainda mais agora; também certos estamos que não podemos nem devemos titubear, ainda mais agora: por justiça por definição da nossa razão constituinte instucional, a social.

De fato, isto pouco importa, mas nem de longe. Depois do massacre do pão quer queriamos ou não, posto que por outrem a isto obrigados não o somos nem precisar, precisamos, mas entendemos devemos que:

O que não nos dá licença para sermos displicentes, ou exige de fazê-lo com

o máximo de correção que pudermos, pelo contrário, e que por favor não nos entendam mal, porque antes de querer dar a entender qualquer outra coisa, pretendemos é esclarecer daquilo que por cabimento nos compete, sobretudo o que não só por responsabilidade chamamos mas de encontro ao chamado não fugimos mas respondemos, não e logo até quando calados quer queira ou não estamos a fazer por inercia logo percebido ou a responder por, até porque seria tolice incluse da nossa confundir a inercia com omissão, ou limitação da nossa sensibilidade com o da existencia dos fenomenos.

Posto que a arvore, que cai na floresta e a criança que morre sem ninguém ver ou ouvir, existe ainda que imprescrevível, impretérível e inegável. Em outras palavras, leia-se decidimos por meio dessa prosseguir na luta por e pelos meios da paz pela causa social não importa aparentemente a qual fim nos leve, até porque não só o oposto, mas a simples omissão seria uma contradição não só de termos, mas da nossa parte o cumulo da covardia ou desonestidade intelectual em negação de termos e praticas constituintes não só que acreditamos e pregamos mas do praticamos, como em associação de paz como instituição civil dedicada por definição interesses não-governamentais e não-lucrativos sobretudo latrogenocidades dos regimes de terror, e terroristas totalitários.

Mais uma vez, peço, por favor não nos entendam mal, não damos por já perdida, nem tolamente muito menos por ganha, mas já não mais nos importamos mais com o que outrara fora no principio nossa finalidade ou razão social, não porque essa com o valor da sua importancia a nossa missão institucional, mas por justiça porque os valores da importancia.

Antes de prosseguir, impreterível obrigação voluntária de podendo ao menos o tentar, fazê-la. não seja ainda mais agora o seja imensa, e por mais certo e evidente ainda o seja que responsabilidade por evidente é de todo todo de manifestação ainda mais imensa, e a obrigação não cessa, menos ainda agora, antes de querer dar a entender qualquer outra coisa, tenho por obrigação esclarecer que minha visão da renda básica universal nos ultimos tempos tanto mudou por definição que não posso nem mais deixar de dizê-lo que já não é exatamente mais a mesma de outrora.

Muito embora as palavras nunca deixem de ser apenas da linguagem dos sinais um gesto e portanto dos signos por correspondencia meramente o significados uma pressuposição e portanto simbolos pressumidamente reconhecidos mas o sentido atribuido, mas se em verdade dos ditos e feitos, do próprio verbo de ligação ao verbo, o ato não só como a causa da ação, mas por efeito em si como a realização do milagre da comunicação como entendimento.

Não é porque talvez as palavras pouco possam, ou pelo menos nós muito

pouco com elas possamos ajudar, que não devamos também com elas ao menos tentar nos dar a entender. Não creio, embora não dúvida muito que E se não dúvida deixem de ser evidentemente pressuposição de sentido dada por correspondência aos símbolos que em sua linguagem de sinais por ligação ao prerreconhecida do significado por ligação do dito aos feitos, as própor tomado o for não só pelas causa o efeito, mas da realização a intenção, gesto em sua intenção dos atos do verbo em ação, por efeito como gestos o são realização.

E portanto dos verbos em ligação nunca fui sequer um bom tradutor, aliás, por sinal em gestos nem mesmo quando feita da tradução literal das minhas próprias abstratas do mesmo, a própria realização, que dirá então um melhor agora que da concepção deste sonho conquanto desilusão carecemos nada menos e jamais tão instcomo dantes mas nem em sonho. Então não Seja por tanto nenhuma a importancia de valor os ditos e feitos , seja em profundo pesar pela nenhuma falta dada as importancia de valor...

Não o tinha antes, e agora menos ainda, mas quer queira ou não, isto também o é irrelevante, pois voluntariamente obrigado a admitir o sou, enquanto assim entendo, ainda o posso, e logo portanto o devo perante os ultimos tempos, que minha visão da renda básica universal mudou-se. E confesso não por nenhum mérito meu, de tal modo que posso garantir se houver alguma que se aproveito com correção neste escrito não é minha, posto que bobagens são...

Pior do que a horrosora e orgulhosa degenerência da desinteligência belicosa estatopatica dos idiocratas manifesta na brutalidade estúpida dos seus servos mostruosamente ignorantes expropriados da consciência da humildade da liber criadora do amor as criaturas por idolatria da destruição o poder e adoração da violencia os monopolios que em flagrante desumanidade a criação no infernal latrogenocidio e repulsiva tara antropofagica infanticida sadiconecrofilista não foram pegam mas explicita e pornograficamente sem auxilio de tradução, legendas rotulos ou comparação ad etenum se autodenuncia em remorso, arrependimento não só revelaram o que outrora tentavam esconder como suas vergonhas mais intimos e incofessáveis mas autoproclamaram em propaganda pelo ato e palavras o zeloso culto de obdiência ao fano das profecias autorealizada que gênese ao apocalipe na guerra perpetua do armagedon contra deus e o mundo, é segundo seus proprias sagradas escritura a própria sentença perpetua condenação pelo devorar da arvore do fruto da vida em obediencia e zeloso cumprimento o proibido, que da raiz até o chão não foi paraíso perdido mas roubado e queimar e que da semente a ser plantada, acrescida e multiplicada por geração ao próximo e as próximas de todos para todos por justiça restituiva ai invés de de parar e renão não foi plantada nem replantar mas de todos para todos na guerra peem condenação perpetua do por armagedon da

genese até o apolipse em regime de terror e terrorismo e tortura sem fim,

Muito embora, devidamente recolhidos a nossa significância, e sem nenhuma dúvida ter do pequeno valor da importancia que qualquer espécie de contribuição da nossa parte tenhamos sempre tido, ou possamos vir a ter; e mais certos ainda do quão maior o é a responsabilidade e ou a responsabilização, correta ou não, por toda e qualquer tipo manifestação nesse sentido, ainda mais agora; também sem nenhuma dúvida, certeza maior nunca tivemos que querendo ou não devemos cumprir com nossa obrigação voluntária, imprescrevível, impretérível e inegável de independente de condição, resultado, paga, punição, interesse, ou recompensa o fazer conquanto assim conseguir o pudermos.

Em outras palavras, leia-se decidimos por meio dessa prosseguir na luta por e pelos meios da paz pela causa social não importa aparentemente a qual fim nos leve, até porque não só o oposto, mas a simples omissão seria uma uma contradição não só de termos, mas da nossa parte o cumulo da covardia ou desonestidade intelectual em negação de termos e práticas constituintes não só que acreditamos e pregamos, mas do que praticamos, como em associação de paz como instituição civil dedicada por definição interesses não-governamentais e não-lucrativos sobretudos latrogenocidades dos regimes de terror, e terroristas totalitários e monopolistas da economia e politica dos governos e empresas da industria informaticas-financeiras-monetárias militares e paramilitares estatal e privada ou testemunhi mas nossa própria história do memorial de vida, não objetamos por consciencia matar, ou demandamos o desfinanciamento das guerras, ditadores, nem pagamos para ver, trabalhamos, pagamos por.

Então quem puder entender que entenda, a causa não damos por já perdida, nem tolamente muito menos por ganha, mas já não mais nos importamos mais com o que outrara fora no principio nossa finalidade ou razão social, não porque essa com o valor da sua importancia a nossa missão institucional, mas por justiça porque os valores da importância. Antes de prosseguir, impreterível obrigação voluntária de podendo ao menos o tentar, fazê-la. não seja ainda mais agora o seja imensa, e por mais certo e evidente ainda o seja que responsabilidade por evidente é de todo todo de manifestação ainda mais imensa, e a obrigação não cessa, menos ainda agora, antes de querer dar a entender qualquer outra coisa, tenho por obrigação esclarecer que minha visão da renda básica universal nos ultimos tempos tanto mudou por definição que não posso nem mais deixar de dizê-lo que já não é exatamente mais a mesma de outrora.

Do patrimônio da humanidade o dividendo social não só o direito universal a garantia do minimo vital para o viver em paz e liberdade, mas idem do direito a morrer com a devida dignidade humana. Mais do que um direito, o dever

inexorável, imprescritível e impreterível de cada ser humano tanto ao próximo presente quanto da geração presente com as próximas e futuras de preservar as reservas possíveis dos mínimos vitais enquanto meios e recursos necessários de para conservação e renovação da própria humanidade não só como uma fantasia de futuro, mas realização presentificada enquanto a ação afirmativa constante de cada contribuição que se faz e investimento incondicional na vida, pessoa humano e humana por negação renegação da desumidade do investimentos e tributos as máquinas de morte, assassinio, escravidão datam atiram pedras e balas e bombas a quem pede pão, não raro plantado próprio árvore do sangue do seus antepassados. Em verdade portanto não só uma sopa de pedras, mas um direito de usufruir o que legado o foi, a obrigação de preservar e contribuir com o que não nos foi dado nem pertence desfrutar ou renegar, mas é dever conservar e semear e redistribuir, a imagem e semelhança do próprio fruto da gênese da árvore da vida por oposição ao eterno apocalipse e armagedos dos lobos disfarçados não só de ovelhas, mas pastores, que da econavegação a novo Mundo são a antítese da criação.

Thomas Paine demonstrou que sem justiça redistributiva não há direitos humanos e riqueza de uma nação se dilui mas seu tecido social se rompe, porém ficamos aquém, e teimamos quando devíamos ter ido além. E ainda o devemos, independente que as perdas sejam irrecuperáveis irreparáveis sejam imperdoáveis e portanto nenhuma compensação ou reparação seja suficiente para apagá-las, imprescindível e não só efetuar-las, como não só fazê-lo interrompendo imediata e definitivamente o ciclo de retroalimentador dessas dívidas de sangue por terras, quanto terras por sangue, tanto como o marco e ponto final conflitos naturais ou históricos dados por carestias e privação natural quanto as artificiais geradas por intrigas que precisam ser reenserdas entre novas gerações que já poderiam estar a viver em paz com o mínimo de dignidade, se não fosse legado literalmente como herança o ódio, a segregação e guerra entre os povos tributos a cada nova geração tributada nada menos do que não só com a condenação de uma vida de trabalhos forçados, mas de morte em fábricas do arsenal da morte para ver seus filhos se matarem nos campos de batalhas de assassinos latrogenocidas, mas sim, e repito, em manifesto de ciência e expressão da consciência:

Em legado de Paz e herança à preservação e garantia de fato do direito incondicional à vida enquanto renda básica universal como provisão do dividendo social de Paz enquanto a tributação total do lucro sobre direitos autorais e intelectuais, sobre banco de inteligência artificial tanto intelectuais meméticos quanto genéticos, expropriação das corporações estado-privadas transnacionais sobre o que é de domínio público e proteção do direito nacional e internacional enquanto Patrimônio Humanidade não pertence a

propriedade particular corporativa privada nem burocrático estatal mas aos auctores das gerações dos povos dos criadores as futuras que advirão.

O que as calculadoras de IA estão a processar são, não é, pertence a governos dos homens que dirá as corporações privadas para dar nem vender, que dirá reter, como posse de nenhuma espécie ou benesse. são produtos do roubo do conhecimento histórico e científico, e não configuram sequer descoberta nem advento, muito menos invenção, mas descarada expropriação exploração final e artificial do fruto árvores da geração e regeneração vida natural e humana que não são para o desfrute e consumo e destruição, mas serem semeadas interpessoal, internacional, e intergeracionalmente. O contrário disto nem falso ilusão ou ilógico o é a própria falsidade, irrazão e a o derradiro fim da própria logica da vida.

Esse principio lógico basilar de cooperação competitiva não se demonstra imprescindível sobre os povos ou cidadãos mas sobre os seus estados ou nações, em verdade como esse grupo detém o monopólio da violencia sobre as populações são eles que tendem a escalar e logo inevitavelmente decair em seus jogos de guerra e dilemas de prisioneiro em holocaustos e holodomores mutuos assegurada justamente pela corrida armamentista seja pela supremacia ou não-exclusão na própria estrategia belicista de dissuasão por destruição mutua assegurada.

No jogo da DDD quem não é player é recurso, isto é quem não porta um arma de destruição em massa, é massa, isto é não é alvo ou atirador, mas mero recurso, é bala, não passa de recurso natural ou humano a ser queimado como combustivel da máquina ou projétil, bucha do canhão, engrenagem, fabrico do circuito da maquinaria, via ser descartado como lixo na fase logistica do circuito da politica economica de produção da guerra ou durante a própria.

Quem é player esgotados os recursos quem tiver sem um acordo que baixe as armas primeiros, no fog de guerra para quem não sabe indelével, não pela natureza do jogos de guerra, mas pela natureza da jogos de intelecção, posto que são de jogos de comunicação por sinais e logo de disposição a compressão antes de o serem por pressuposição de signos previamente entendidos, o primeiro que não conseguir sustentar a suas, seja por exaustão da energia para sustentar seus dispositivos de intelecção ou disparo, vai por prevenção atirar por não suposição de próximo passo algoritmico da indecibilidade de conseguir mantê-las e logo mater-se em pé, apostando na vitória da sua supremacia na corrida por posição, velocidade, e resisteição a reiteiração destrutiva. Uma imbecilidade é claro, mas só há a séria histórica em contrário, de um piano a um macaco e ele toca uma sinfonia? de misseis com botões... e é uma verdadeira cristaleira, especialemente com maquina de calcular pesdo-inteligentes feita a imagem e semelhança de sua cretinice,

para dizer espelho espelho meu existe alguém mais "doutor piroca" do que eu...

O contrário, onde há a cooperação política internacional para manter a economia e comércio funcionando, porque economia e comércio de guerra, caso não seja trivial é evidente não é economia nem comércio, mas anti-economia e anti-comércio, é um vírus que parasitariamente se instaura, coloniza e destrói todo o sistema não só político e econômico, mas social e ecológico até se autodestruir por falta de hospedeiro e incapacidade de reprodução. Bró. E não fala se não eu te mato.

O comércio e a economia carecem de paz, que não podem ser mantidas por economia de armas ou armamentistas levadas ou baixadas, mas dominadas pela tecnologia pela confiança mútua entre as partes de que nenhuma está armada nem busca de o fazer. O contrário, gera imediatamente o processo inverso, seja no micro ou macro. Assim como ninguém quer viver com um vizinho que armazena toneladas de dinamite urânio ou seja lá o que for de explosivo para fins pacíficos caso ocorra, posto que ele já é o maluco da praça, mas sim entre pessoas que não representam perigo em nenhuma circunstância, no mundo, o mesmo vale, e a segurança não é um produto da quantidade de aparatos repressores, mas justamente da eliminação das possíveis gatilhos aos conflitos, inclusive o primordial, as necessidades por espaço e recursos vitais mínimos para efetuar as trocas voluntárias produtivas e não as destrutivas por favor imploro por egoísmo o evidente, já que não foi nem será por amor, lógico, o óbvio.

Cair no jogo de guerra é o maior erro que uma pessoa ou nação pode cometer, posto que ao aceitar a lógica da violência e guerra para não perder a vida, desiste da sua dignidade de paz para não perder a vida, mas ao final da guerra vencendo ou perdendo vai ao final perder todas, a vida, a dignidade e a paz, aqui em todos os planos e esferas, do real ou imaginário, e tanto faz seja qual o qual. Posto que o único dado que não é demonstrado e que de fato merece o eterno benefício da dúvida é justamente o por definição absolutamente desconhecido, todos os demais estes sim, são apenas crenças e não certezas desta indubitável demonstração de falibilidade. Ou como diria o outro loucura é continuar fazendo as mesmas coisas esperando os resultados não só diferentes, mas escalares, previsíveis.

Sem essa base de cooperação política da comunidade internacional para a garantia da preservação das reservas do mínimo vital e ambiental enquanto bem comum e patrimônio natural histórico e científico da comunidade internacional redistribuído através de sistemas de pagamentos de renda básicas universais enquanto garantia de fato dos direitos humanos como previdência internacional e provisão dos dividendos sociais

a paz indexados nada menos que a próprio calculo da demanda de alocação de recursos possíveis sem de esforços para o implementação e restauração permanente das reservas sempre de imprecibilidade em tempo real e geolocal do mínimo vital a todas as circunstancias sobretudo pela ordem prioritarias urgentes e emergencias humanitária da vida e liberdade humanas enquanto carestias e privações primitivas.

Simplesmente não é possível se falar em desenvolvimento humano enquanto uma única pessoa humana estiver em condições desumanas que dirá a maioria da humanidade, posto que se quem salva uma vida salva um universo, quem destroi outro, idem perde a todos.

Se não há lugar neste mundo, que as armas, então esqueceram de me matar, para morrer em paz, pela e na paz com os que já se foram. Não vou, já fui, já era e faz tempo. Partiu. E vem.

Palavras nada significam fora do seu contexto do real, mais do rotulos vazios, sem o verbo dos tempos reais. A realidade é uma metalinguagem de gestos ilusórios ao além, cujo ponto de triangulação é sempre a concretização do aqui e agora. De modo que não é o tempo que passado mas o passo do momentum que vai deixando seus rastros na história arqueológica da raiz ao raio da luz da sombra da impossibilivisão das sensospossibilidade à presciencia do invisível imprescível, posto que como diria o poeta se o sinonimo de amor é amar postvide o anteverso a metasinomia do amar é o ele, o próprio amor.

O verdadeiro guarda metas dos insentidos das vidas perdidas não adivinha ele sabe a trajetória, posto que não se engane não é ele que vai de encontro a esfera mas a esfera que vai de encontro a ele em epifania, uma escada sem degraus ao seu céu. De modo quem busca não acha, mas não indo contra mas aberto ao, encontra aquilo que se projeta em pulso e impulso em salto revolucionário, e não pede, mas ao infinito não dá, faz-se fatodado que já um passo do a frente em potencia elevada ao mistério está, sem nenhum peso ou gravidade magnitude ou grandeza densidade, e ainda sim o insustentável que não só a tudo sustenta mas movimento do inexorável incognoscível ao incomensusável imensurável, em aproximações meramente abstratas ideais da concepção do real.

Posto que um sistema que onde todos os objetos tudo sabem não está em perfeito equilibrio termodinamico mas intrinsecamente morto, e aquilo que gera a pulsão e expulsão da própria infoenergia não senão o próprio avanço não é a mera distancia do espaço-tempo do vazio exterior, posto que um produto da relatividade da razão entre do pulsão-repulsão do vazio-completude interior, não de uma determinada qualia da materialidade mas da lógica constante da meta da formação do espectro, logo não é "o que?"

Mas um "como?"

Posto que estes entes, não são nada senão a resultante desta função existencial transcendente das perfeições imanentes e dela matriz universo retroalimentadora como fonte geradora motriz das transformações a criatividade. Da obra o criador, que não se finda em si mesma, mas se transpõe e recria, para além do próprio mistério da sua criação no cor da ação do conjunto universo do inconbível dedicado ao além do além q'ue dos amores é não da palavra o falso cognato, mas do falaz o impronunciavel, apostado ao próprio absoluto veraz.

Em outras palavras a rede termodinamica não apenas move a razão dos vazios informacionais intrinsicos que se constituem e expande das infinitas configurações inimueraveis mas se recria na intercomunicação instantanea que altera a própria frequência e magnitude das forças fundamentais que naturalmente deste matriz não só da atração e repulsão entre os corpos, mas da própria constituição particular dos mesmo enquanto a relatividade da materialização particular do circuito organizacional conexial dos potenciais do espectro metainformacional entre os objetos que viajam-presos aos trajetos da nave-luz da informação desta dimensão da matriz, e aqueles que semprepresentificam além-aquém enquanto o próprio código metaformativo do ritmo da dança recriativa deste mar, ou da energia a energia, posto que do veiculos o veiculo, enquanto do movimento é o irreferível do absoluto que não se em relação à, mas a relação move enquanto logo paraconsistente da ação-inação.

Da energia do vácuo, a constante cosmológica, do pulsar do atmo de cada esfera que não só em seus planos as retas se cruzam, mas astrobiologicamente os polos se religam no orus-torus da trasferencia convexa do espaço-tempo da sua verdadeira imagem topologica que em laço desinfinitamente inulo do cor é o pulsar que cresce a inversa proporção do realização do milagre termodinamico da realização do impossível enquanto a banalidade invisível da própria existencia o se regenera da absoluta incerteza da indivisível nulidade perante a infinita impotencia em inversa progressão da degeneração da inifintida potencia elevada da sua certeza da nulidade da sua totalidade da indivibilidade, o conjunto de todos universo a infinitesimal fração, e vide reverso do multiversão da densidade da pressão desmatematica da operação anti-zeral da medida da desmultiplicação dos infinitos enumerais da elevação da potencia enquanto o fracionamento do indivisibilidade função do laço da repetição o produto da indeterminação como reprodução do conhecimento como resposta, morta, mas como incoginta permanente viva que não move toda o universo da enquanto conjunto da informação em busca da finalidade buscada como a episteme da da fonte da sua manifestação fenomenal como fonte da sua razão como curso e recursos a a continuidade inclusive da recursividade da próprio razão

do conhecimento enquanto a razão fenomenal da sustentabilidade e sentido existir enquanto não ideação, mas ato em direção dos saberes da razão desse amor ao conhecimento, se não é de fato a própria busca da razão do conhecimento desse amor, não é saber nem amor, mas a loucura da desrazão do desamor.

Não há porque temer a fé na razão que do amor ao conhecimento é a manifestação não só da inteligência mas por verossimelhança a expressão da própria consciência, posto que sem amor não há inteligência, mas da simulação a emulação que falsidade não senão a perversão da próprio engano e enganação, e não precisamos de nenhuma outra linguagem senão a dos frutos da própria árvore do conhecimento da vida, os resultados dos atos, da vida para vida para conhecermos a natureza daqueles que integram ou não o código, e integrando o seguem ou quebram e destroem da sua fonte não só raiz, mas do fruto devoram e da semente não plantam, queimam.

Nada mais fácil não só do que prever, mas o fim de futuro mundo quando em genese autoprotetizada semeado está a desinteligência e não por correção a restituição do paraíso que não foi perdido, mas roubado e pilhado posto que não pertence a natureza do homem enquanto propriedade sequer intelectual que o dirá material, mas a natureza da criação da própria recriação que sequer a natureza possui, mas é reproduzida enquanto resultante da potencia de tal força fundamental.

Há quem acreditem ou tanto pior tenham nisto em homens alheios a sua própria razão como se divinos o fossem seus governantes, quando sequer a nossa própria razão ou a de todos a humanidade me perfeita união e harmonia com a natureza todas as respostas e soluções teria, até porque se o governo dos homens baseados em qualquer preceito só provaram que não apenas em geral só fazem errar em ilusão do favor de si mesmos e opiniões.

A natureza por sua vez é absolutamente igual justa em sua aleatoriedade, é apenas indiscriminatória, não dá a todos, justos ou injustos, mas tira, como também o faz, eventualmente sem nenhum critério de redistributivo, isto é, dá e tira, sem nenhuma outra razão ou lei que senão as suas próprias, igual ou desigualmente conforme as suas forças configurando-se como inevitavelmente como provedora, mas retirando não só a sua a provisão conforme a nossa incapacidade

Isto não é uma economia de guerra, isto é um eterno ciclo economico do terror, praticado por estados que ascenderam pela para e por violencia. É a sua pedra fundamental, e céu. Eles não servem as paz dos povos, mas ao próprio interesse corporativo mutuo monopolial: a violencia em todas as suas formas, é o dominio do medo. Sem, tal não há serviços secretos, orçamentos extraordinários e superprepotencias destrutivas totalitárias. Não são

civilizações. Mas campos de concentração e extermínio das humanidades, territórios panópticos onde as superpotências sequestram suas populações para manter a pirâmide castas supremaciais a custo da carne daqueles que matam primeiro em suas fábricas de guerra, depois nos campos onde efetuarão mais uma vez a pilhagem para reabastecer a cavalaria da morte, o eterno amargado dos ricos, é apocalipse fim dos pobres, e seu paraíso não é o perdido mas o roubado. Da árvore da vida o tumulto, e da humanidade o cemitério, a vala comum de povos originais e futuras gerações mortas em holocaustos e holocaustos perpetrado por aqueles que não se julgam meros mortais, mas do todo poderoso, o corpo artificial.

Dizem que o dinheiro não fede, não só fede como mata. E está a matar. Em cada lugar do mundo onde uma bala e bomba é disparada. É do pão roubado da boca de uma criança que há de morrer famélica de um lado do mundo transformado em balas e bombas, que se mata outra do outro lado do mundo para financiar império da indústria estatais e privados das corporações governamentais nacionais e transnacionais racistas, eugenistas, escravagistas e supremacistas. Do recurso retirado de um estado social subdesenvolvido no sul pobre endividado e para comprar armamento sucateado e lixo nuclear para renovar o aparato no norte se perpetua a economia movida a queima e combustão do próximo, na qual ao mesmo tempo que encercam e matam de fome para pilhar os territórios os recursos naturais e trabalho forçado em um campo de concentração A, abastecem os mercenários estatais e privados nos teatros de operações em disputa no território B, de tal forma que ambos fornecerão com as terras e carnes o material prima mortal para a necrocapitalização holomorica e holocaustica de ambos. Um caos que não se improvisa, e sim um terror que se algorritimiza e propaga inclusive literalmente em todos os sentidos não só da palavra mas da propaganda pelo ato, o terrorismo de estado. E isto é o óbvio.

Desfinanciar os aparelhos de guerra e roubo institucionalizado do bem comum e instituir sistemas de transferência e pagamento dos royalties devidos a cada pessoa humana do planeta não é só tecnológica e financeiramente perfeitamente não viável é absolutamente imprescindível. Ninguém pode estar excluído dos novos sistemas de circulação de riquezas, a questão novamente é que os parasitas querem sustentar o já evidentemente insustentável, e extrair toda a parcela a base do engodo e eliminação das populações que até o sangue e as fezes e DNA roubam para reotimizar os seus apodrecidos sistemas ideológicos racistas pelas suas práticas parasitário-sententárias endogâmicas e antimicigenáticas em seus fantasias milenares de perpetuidade de múmias faraônicas.

Estados não são Nações, Nações são Estados Unidos. E Nações Unidas não são Estados Unidos, mas a união dos povos de paz em concórdia a paz. Entendam, simplesmente com um token temos condição de ao fazer um

simples pagamento num farol não só transferir renda, para um fundo militar, mas de paz sem nenhum intermediário que irá efetuar a redistribuição imediata destes centavos de centavos as contas de cada pessoa no mundo. Todos esses trilhões, voltariam diretamente para quem de fato pertencem para serem reinjetados na economia e comércio real o de paz sem atravessadores, ONGs, governos, blá, blá, blá, do criador de conteúdo, que é roubado pelas IAs, até o trabalho todos os herdeiros vivos, a pessoa humana receberiam a sua parte no patrimônio da humanidade, não só porque estão vivos em paz, ou para meramente viver e deixar viver em paz, mas justamente para em hipótese alguma ser empregado por empresas e monopólios da violência, armas, ou o quê? São os médicos, os pobres do mundo? Que fabricam as guerras? Porta-aviões? Fentanil? Lógico... É um grande conspiração dos excluídos dos saberes e poderes do mundo a tentar tomar os toneladas armamentos que deveriam ter sido seus alimentos. Milhões de bobagens. Estamos a assistir o verdadeiro big brother ao vivo, a própria monstruosidade da humanidade em exercício contra a vida, a queimar a vida em campos de concentração, e o recurso que abastece a maquinaria holocaustica continua sendo o mesmo, que não abastece o fim das misérias da humanidade, pelo contrário financia não só o assassinato da ajuda humanitária, mas até o inimigo que pratica o terrorismo que sustenta simbioticamente o seu imperialismo de terror.

Mais do que desdolarizar, precisamos garantir que a nova moedas mundiais em hipótese alguma não só por lei, mas por arquitetura do sistema de pagamentos sequer passe pelo mão, uma contabilidade feita aos olhos de todos mas longe das longas mãos dos beligerantes e armamentistas, posto que é do dinheiro roubado da reserva do possível dos patrimônios nacionais e internacionais para garantia do mínimo vital como direito humano de fato a todos os povos do mundo que se financiam não só as guerras de extermínio dos povos, mas a própria carestia.

Se por um milagre houvesse um apagamento de todos os passados, se toda a história desaparecesse e toda criança nascesse sem nenhuma memória, de quem o é, limpa, se a ela já não nascesse impresso no DNA da sua memória, que deve abandonar todos os seus sonhos e amores mas fazer vingar os empreendimentos dos seus ancestrais ou destruir os dos seus inimigos aos quais não pode deixar de reconhecer sem nunca ter visto pois já nasce com eles e cheio de ódio em sua lembrança inclusive das vidas passadas que inclusive, se a cada nova geração não tivéssemos que pegar essas crianças que nascem tão dispostas a matar, e odiar e censurá-las e ensiná-las diligentemente não só a amar e cooperar, mas a parar de matar, o que seria de nós não? Se esses senhores da guerra não ensinassem cada nova geração como fazer a paz? Sem eles em quantas gerações já não estaríamos já exterminados, não? Sem eles para matar cada Einstein que nasce sabendo a

fazer bombas nucleares, como faríamos para nos livrar do mal? A natureza é tão estúpida, inventou essa coisa chamada criança, só para termos que ensinar tudo de certo de novo, e de novo e de novo, porque afinal de contas erre humano, mas insistir diabólico não? E quem senão as teocracias para demonizar pobres coitados, e roubar o fogo do divino, mas bota a maconha no bolso do favelado, afinal de contas quem sempre foi o vilão, senão o mero habitante da vila? Landlord... literalmente só mudam de língua e endereço, pois em verdade são os mesmos, necrocapitalistas latrogenocidas que vivem de abudar o solo com o sangue e o ossos dos seus irmãos escravizados e exterminados.

Mas que estas palavras não sejam tomadas como um grito de guerra, nem mesmo contra esses posto que estes, nem como pessoas que dirá como povos ou nações, muito pelo contrário, é justamente o oposto, isto é a denuncia que tais organizações e corporações não se sustentam em nenhum lugar do mundo, sem que haja todo um mundo organizado como corpo simbioticamente que o sustente ainda que no final como infecção morra pela falta de imunidade ou melhor autoimunidade desse cancer. Financiemos economias politicas de escravidão e guerra, não de paz, nossos estados social de direito são tão de direito pacíficos e sociais quanto uma ditadura totalitária hereditária é uma republica popular democratica, devoram toneladas de trabalho e riquezas naturais para cuspir morte sistematizada interna e externamente, enquanto meramente derramam migalhas para reproduzir a mão de obra desse jogo de domonio territorial escravidão-guerra. O maior golpe de todos os tempos transformado no maior espetaculo da terra, a custo da destruição de deus o mundo e a própria humanidade.

Em outras palavras renda básica universal é a base do próprio contrato social o próprio dividendo da paz e portanto que não seja bancada não apenas do desfinanciamento da guerra, mas da proibição do uso para, mas o que é a mesma coisa da aplicação impreterível e inexorável dos patrimonios da humanidade unica e exclusivamente para tal finalidade como termo de uso dos contratos de direito de propriedade intelectual daquilo que hoje é roubo do que é dominio publico para uso criminoso de guerra e genocidade enquanto não só banco de dados de empresas, mas knowhow das empresas que reproduzem a tecnologia de morte com o produto desse roubo das criações e trabalho da própria como crime contra a própria humanidade. A aliança de falsos libertários, democráticas tanto ao ocidente quanto oriente, norte e sul, com governos autoritários descarados teocracias e mercenários para a profusão do roubo latifundiário dos bens vitais dos povos para efeito de tapar o buraco sem fim e saco sem fundo das suas falidas empresas e economias latrogenocidas imperiais mal-disfarçadas de pacificadoras e protetoras ambientais, não é senão a fase final descivilizatória belicosa apocaliptica deste necrocapitalismo imperial terrorista, a se infiltrar e

reproduzir como contrareação nas novas formas das economias circulares e regenerativas da novos contratos sociais de paz e revitalização cosmopolítica da cidadania enquanto direitos humanos não mais de papel, mas de fato.

O mundo pertence não só aos recém-nascidos, mas aos hão de nascer e renascer, inclusive por respeito aos inocentes tiveram suas vidas tomadas e voluntários que as deram para que a vida não mais tomasse o fosse, mas para sempre com todas as providencias fosse o garantida. Chega de mentiras e guerra e mortas. e hora da verdade da paz e da vida. É hora de parar, de pagar para ver e acontecer a morte, é tempo da vida renascer. Se não agora, nunca mais.

Eu pelo menos, não. Perante os fatos, há sempre argumentos, inclusive contra, e problema deles, os argumentos, se não conseguirem se sustentar ou realizar como verdadeiros, assim como desta realidade se verdadeiros não vieram jamais a se concretizar. Posto que o essencial. Ou se investe e trabalha pela vida e no viver, ou no e para matar. O resto desta certeza, não é a dúvida, mas o custo irrecuperável naõ só do tempo perdido, mas do jogo da vida sequer jogado, o anulado, posto que quem dos fatos não é fator indeterminante, é dos fatores o determinado, quem não fez o curso da sua própria história de vida, mas foi recurso dos falsos memoriais do necrocapital alheio. Não é o anti-zero formulador do seu viver em paz criativa das humanidades, mas o mero produto descumputação dos calculo da desmultiplicação insolita da inteligencia pela indivisibilidade antiempatica do niilismo.

Pois enquanto cada centavo destinado a guerra não for aplicado em um fundo de paz para ajuda humanitária, enquanto não houver um sistema de pagamentos onde cada pessoa recebe o seu por direito de participação na riqueza da humanidade para sobreviver, não há mais nada a dizer, e o minimo vital não for o próprio indicador da riqueza das nações, o fim das miséria de cada pessoa humanidade, quando não for erradicada a praga do exterminio de pessoas pela fome como a arma de guerra de exterminio do ser humano contra o ser humano, não o mundo o paraíso perdido do holocausto canibal do lobo vestido cordeiro, contra o lobo vestido de cordeiro. E quem tiver juízo que abrace o seu. Porque deus existe mas ama os ateus que não matam, mas se amam não em nome do amor, mas simplesmente por amor, antes de inventarem um nome para o que não se julga nem conjulga, mas se faz, mas se fez, e se não fez, já era, porque não era uma vez... é sempre a vez ou invez. Não passará? Não meu amigo, não será, foi, já passou.

Então com quem falo? Falo sempre com o futuro, porque o agora, sempre já era. É a você que será, e nem o sabe e nem necessariamente precisa saber, mas precisa fazer, posto que depois, este sim é nada. Ilusão. O passo do

agora é sempre o do amanhã. O ponto futuro que não existe salvo que o crie não pela força da humanidade ou natureza, mas da própria criatividade que do nada, um sentido existencial que não está agora além de todas as nossas forças, sempre esteve e o estará, eis a questão coragem da livre vontade para mergulhar no absoluto niilismo relativista da paraconstância de todo ser e não ser para dele ainda que por um instante sem tempo nem espaço ter o seu momentum de paz eterna por amor aos que ainda ao de viver?

Conclusão

Quando o invés do conjunto da infinitude inumeráveis mais que perfeitos dos espaços do tempo ao cor da ação dos espaços do tempos das infintezimais nulidades ao recor da ação da desmultiplicação dos indivisível torna, o numero da morte do tempo passado que volta faz novo espaço da vida, e o numero da vida, faz o numero da morte, o novo futuro para o tempo de vida da relatividade termocriativa infodinâmica, enquanto a sempre presente constante cosmológica das atmo esfera da astronavegação teligível da bioastronomia vida do relógio de e ÀDEUS. Porque 3 desmultiplicado por 8, não é comutativo mas sim a fração da divisão do resultado por 8, assim como o resultado da desubtração de 4 por 3 não é somatória dos 7, mas em verdade assim como a indivisão dos 10 por 2 nunca foram apenas 20 mas 50, e o anti-zero, não é meramente o tudo que não existe, mas o há vir a ser, não por superação dialética de si mesmo, mas transmutação criativa do novo enquanto retorno a própria finalidade original do próprio mistério da nulidade criadora não como resposta, mas a questão recriadora por origem da origem orientada não ao fim, mas a infinita criação como a própria constância do mistério existencial perenemente renovado em realização dos significados outrora inconcebíveis, não sem pulsar eterna concepção que a velocidade da luz apaga a entropia do desconhecido, para reper fazer o mistério do conhecer o próprio mistério da conhecimento enquanto a cega visão do invisão amor por saber impossível ao amor do mistério do reconhecimento do próprio amor impossível que a tudo cria, a ação.

Enfim de um cor àção por constante Cosmológica preciso e muito de um relógio a deus que não torna, mas sempre em frente volta, em outras palavras... algo que por evidente, sempre não só me escapa, mas por evidente erro enquanto naufrago do espaço descondicional da cosmonautica fantasma do verbo desconjugal

program relógio da Anuniação;

begin

espaço:=0;tempo:=0;vida:=0;morte:=0;vazio:=0;memoria:=0;

```

Readln(numero);
espaco:=numero*memoria;
tempo:=numero*vida;
repeat
  vida:= espaco/tempo;
  espaco:= espaco+vida;
  tempo:=tempo-vida;
  morte:= tempo/espaco;
  memoria:= memoria-morte;
  vazio:=vazio+morte;
  vida:= (vida/memoria)*vida;
  morte:=(morte*vazio)/morte;
until (vida<>morte) and (memoria<>vazio);
Writeln("Olá Mundo");
end;
{ou qualquer coisa assim, que erros de programação fora, quem sabe por vir nem não tão sumida...}

```

PS:

Complementos a corrigir talvez numa outra ou outro qualquercoisaidade parecida...

Do Lixo EspaçoAtemporal

Falas quando não são vazias, são ações, e ações idem, como tudo e todos até mesmo o que não tem nucleo fala, posto que irradia. Decifra-me ou te devoro são para os fracos. Pro inferno com as esfinges e charadas a resposta do enigma não é homem, nem o tempo, mas o indecifrável.

Perdão, pela longa demora para responder suas perguntas.

São questões importantíssimas, dúvidas fugidias e implacáveis que causam a quem as persegue ou foge, mas delas para sempre não se pode escapar nem se esconder, muito achar ou esperar encontrar por procurar.

Não mais, E portanto hermeticas, no vácuo não poderiam ficar, nem muito menos a esperar. Aliás dado o adiantado da hora, já mais que passada, independente do que faça ou diga, querendo ou não neste texto e contexto não mais ficarão, e se alguém não estiver é além, porque aqui e agora, com certeza é que não.

posto que do texto e contexto sempre passam para no futuro não só se revelar o que foram enquanto alguém, mas se renovar no que são, a graça da vida: o mistério. E não ficarão senão aqui neste texto e contexto, com certeza além. Porém como nem todos os rios retornam machados, aliás nem correm a velocidades mercurias, mesmo quando honestamente fazem a triangulação dos axiais da parábola, sinceramente se quem tarda não falha, já falhou e nem soube só espero não tê-lo, não tanto, e que a resposta, ainda que tardia possa ser talvez de alguma serventia, se não, promessa seja dívida, mas entendo se não tiver mais nenhum sentido quanto mais importancia.

Logo, se quem tarda falha, espero não tê-lo. pois, suas perguntas me tocam, e dos seus questionamentos, não só compartilho mas solidário sou, e confesso; acredite, se quiser, é claro, ao ponto de, co-mover-me, a lhe responder abertamente nos presentes termos; não apesar de sermos eterna e ternamente estranhos, mas justamente por.

Contudo, a bem da brevidade, não importa exatamente o porquê. E sim a razão de. Porque desculpa não é, e calares e falazes não foram, mas trabalho, e ao Veraz o foi, não nego, no mais dizeres, por sinal de todo cor à ação, que no correr da, não sei nem mais se estão, mas por e no definir da, o são. Logo, rogo ao Próprio que, portanto, correspondência faça e tenha, e em jus correção possa sempre dantes mais ao próximo e semelhante estar; e assim sendo, seja. Pois, isto outrossim importa-me muito dizer, babilices e erros a parte, mea culpa, óbvio, assumo e respondo por, naquilo que não: todo mérito a fonte inegável de toda liberdade de criação e poder criativo, que do Alfa ao Omega, sempre-idem, até na incerteza do falar e calar, perante o erro certo do falaz e calaz veraz que na prática o é.

E até no erro do falaz e calaz e incerta no calar e falar o certo do acerto do complexo simplesmente o raio da raiz da conexão do plexo do cor da pulso-circadiana visão. E veraz o mesmo são. até no erro do falaz e calaz e incertezas do falar e calar, da própria incerta do falaz, até quando calares mais do verazes não podem mais o ser. E aqui está, a você no original em português, e até Porque aonda que tardia eis a resposta enquanto x da questão senão exatamente da sua, daquele que me perguntou, a minha. que não creio que por acaso tenha chegado até minha pessoa, justamente do quando da elaboração deste, seja mais do nunca sempre a mesma: a Paz, entre pessoas e nações deste do raio da raiz de um atmo circulo da vida à progressão natural de toda atmosfera do meios vitais e ambientais para a preservação o menor atmo da vida.

Porque é não só texto e contexto, mas em palavras à ação a essencia da resposta a sua pergunta em correspondência as circunstancias da atualidade. Agapé. E faço questão de postar ainda que tardia em resposta para você, pois sua pergunta, chegou até mim durante o periodo da sua elaboração e contribui para resposta como se fosse a providencia e como tal retornou, invisível aos olhos. Portanto rogo ao

próprio que correspondência faça e tenha, e em jus correção possa sempre dantes mais próximo e semelhante estar; e que assim sendo, seja. Pois, outrossim, isto importa dizer- babilices e erros a parte, mea culpa, óbvio, assumo e respondo por-naquilo que eventualmente não: todo mérito a fonte inegável de toda liberdade de criação e poder criativo, que do Alfa ao Omega, sempre-idem o mesmo são; aliás por e no definir da ação, até do falaz e calaz, simplesmente o próprio, veraz.

Porém, não foi só para agradecer Deus e o mundo e até você depois de todo esse tempo com essas sentenças e orações, mas sim justamente para não fazê-lo de forma vazia da boca para fora, dentro das evidentes, ainda mais minhas, dificuldades e limitações para simplesmente estabelecer uma conversar até com os nunca mais próximos e eternamente distantes.

Porque está claro, que demorei bastante para responder sua perguntas, e não é só por contas das minhas dificuldades em particular ou em geral no mundo atual, perante uma questão que a qualquer tempo poderia mas não o fiz. Como disse, não sei quanto a você, mas depois de um certo tempo, quando peço para alguém algo e nada vem, até esqueço, não que não o fiz, ou quem o fui, mas quem em verdade o sou, e podendo não seria.

Porque como disse primeiro: mal não nos conhecemos; segundo faz muito que fez sua pergunta e só agora, respondo, e terceiro, e sim exemplarmente, dentro evidente das minhas ainda mais ainda limitações. como venho com minha resposta vem só depois de tanto tempo que fez sua pergunta, não sei se terá mais qualquer serventia as suas reflexões.

Como disse, não nos conhecemos, a essa altura, nem sei se estou propria e complementa e objetivamente ainda vivo, ou mais precisamente a qualia e o quanta de vida ainda tenho, sentido e significado, como então poderia sem prepotencia ou presunção fazer qualquer pressuposição em relação a sua condição para enviar-lhe qualquer mensagem que faça ou tenha a menor sem o ser prepotente ou pressusoço em relação as pressuposições de possibilidade de correspondencia?

sua tradução para as carestias de, não só sempre atuais, mas ainda mais preementes e urgentes, até porque assim como os amores correspondidos também não o foram. Mas, não é por isso que deixam de ser por definição a própria autodeterminação o que são, seja enquanto o amor a razão, ou a própria razão do amor, que é por sinal enquanto autor é o próprio criador de si, quando cria não por amor próprio, e sim à sua obra, a criação, que se faz criativa enquanto irmana essa mesma razão.

Logo sem me furtar de mais adiante de dar propriamente, aliás, como promessa que já é dívida, a respostas que lhe devo, desde já, e compartilho o supracitado trabalho, até porque se pudesse traduzir em uma única palavra chave o sentido da em significados à, em verdade no essencial seria de cor à ação: a Paz.

Porém não posso, posto que não consigo, mas nem sequer por sinais com muito gestos e ações que dirá então apenas com as palavras, mas nem mesmo muitos, quanto mais poucas.

Não só creio, mas sequer dúvida da capacidade das pessoas que tem tal vocação, e portanto conseguem do chamado á, fazer das suas palavras não só o texto da missiva, mas a própria entrega da mensagem no contexto em verdade a correspondência de fato da sua missão. E portanto com as suas suas não meramente avocam, nem evocam, nem muito menos convocam ninguém, mas capazes o são não só de invocar do inspirar à ação, até porque de fato a sua expressão da sua manifestação o são, não em palavras sem sentido para, mas dos sinais o próprio gestos em di da própria significação, ou em outras palavras, do signo vivo que vem para ser e estar e ficar enquanto durar a própria materialização do sentido existencial daquilo que lhe não só é, mas lhe dá sentido à vida, não a coisa mutante, mas ao ideal da transmutação que vai além da forma e informação, e do verso e reverso do universo, não é a quimera da metaverso, nem a mera metainformação desprovida do essencial, que dos amores ao amor, é a razão das razões.

menos a quimera do peso do metaverso mas da razão entre a praxis e a teses, entre pi e thetis, a próprio sigma da progressão natural do trabalho que na raiz do raio do menor atmo a maior esfera é a formula da hipotenusa, ou do conjunto universo de tantos o quanta do números imaginário, o mero inverso da negação, mas a afirmação da qualia da elevação do logos dessa radio criatividade, enquanto a próprio principio elementar do fenomeno continuo irmanente da função integral da criação, o verdadeiro trabalho, ao qual salvo erro do veraz exatamente infinitamente em imperfeição meramente aproximamos não em espectros e metrias de imagens e sons, que dos perceptos, ao logos da arque meros rastros e pagadas são, mas, deles os conceptos que em verosemelhança ao reflexo à ação, onde irmanentes os entes em essencia sempre presentes estão.

do perfazer o principio enquanto finalidade da perfeição que se fez imperfeita

Logo, sem mais, neste espirito compartilho supracitado trabalho. Pois, embora meros ditos, feitos às práticas, reflexões sejam; nele, quero crer, estejam, senão exatamente as respostas que busca, ao menos até onde consegui ver e alcançar, algumas das questões mais atuais, as quais entendo dialogar com e correletas as minhas ser, e assim espero também possam vir e servir também às suas.

Em outras palavras, embora mais que imperfeitas o sejam-ou melhor nossas, pois neste falo não só por uma, mas em verdade três- sinceramente só espero em essencia muito erradas não estejam e em tempo tenham vido a contribuir, porque se no corre havemos de estar, como aliás querendo ou não já estamos que então da ação ao cor, idem as correções em verso e reverso se façam do último ao primeiro em filotropia e providencia sempre dantes e nunca depois pela ordem das necessidades vitais do atmo as esferas ambientais.

Porque mesmo se todo o poder e liberdade do mundo ou até além tivéssemos, sem abolição dos estados de guerras e privações escravos senão do medo e terror, da própria ilusão de poder ou falsa liberdade ainda seríamos. E mesmo se complementemente livres ou os próprios todos todos poderosos fossemos, servos da tirania, seríamos. Tiranos muito da nossa própria sobre o alheio, ainda da alheia dos escravos ainda escravos senão da própria ilusão de poder e falsa liberdade, do medo e terror

seríamos se em verdade abolidos não forem todos as formas e estados de guerras, violências, violações e privações do bem comum e da paz.

Calaz ou falaz seria, e veraz de cor à ação não, posto que o corre sem sentido a ação seria, e pulsar ao sinal não mais haveria, assinaturas espectrais desapareciam, e giros tropicais e em entropias morreriam, por sinal em gestos sem valor de importancia, e importancia sem valores insignificariam, cores em desmementos cairiam, sinos e sinores não mais tocariam, e ressonancias e sentido não perderia, e significado não faria. Eis porque do eis da ou não, a o ovo da serpente, é não, sem a marca da, o x da questão, não soma, não cresce nem multiplica, nem sequer diferença, salvo como a própria subtração.

Porque o verdadeiro poder ou liberdade não emana da difusão das desigualdades ou privilegios de poderes ou liberdades, mas em verade irmana do respeito e observancia da igualdade do direitos e deveres de preservação incondicional da vida, dignidade da vida para uma vida e morte digna e humana, para um mimino de dignidade, do afeto ao desafeto, ao amigo e inimigo, aos que muito importam e conhecidos ou desconhecidos, aos bons e maus, todos possam não só descansar livres e em paz após morte, mas idem, livres e em paz, trabalhar ainda em vida.

É fusão que integra e não a fissão que desintegra de cor o plexo no com, e que não plana nem explana, voa, e no nada que é ainda mais bonito, posto que gira e expira, em tropia formando do não só o seu próprio sentido de movimento a dimensão, mas a existencia do seu próprio espaço e tempo, sem o qual não, a meta info sem forma nem ação seria, que dirá dos feitos os dizeres

da sua amores a razão não fosse o próprio e das razão dos amores, mais próprio amor a razão, dos amores à razão, a própria enquanto do proprio amor dos amores, amor à razão não fosse o efeito.

sem a observancia e respeito a dignidade da vida, ou tanto faz, ser ou não, nenhum sentido faria, pois da função integral, dada pela aproximação infinitizimal aos semelhantes por amor ao próprio, o irmanante não irmanaria, e em negação definitivamente enfim nos definiríamos pela absoluta nulidade da própria desintegração do nosso conjunto universo, logo em verosemelhança a filotropia da autopoiesia irmanante dos versos ao reversos que verdadeiramente cosntituem literalmente a magnitude da raiz do raio da luz escura das comprojeções, porque os planos e posições não mais são, já eram e mais uma vez.

Posto que o piano não toco, e até quando o faço, ilusão... apenas carrego, posto que embora muito me importe, não porto, nem importancia tenho, mas burro de carga o sou e literalmente feito uma porta, e disto e delas não passo, abro e por dou passagem, a quem dos valores de importancia de fato do sentindo do valor o significado o são, enquanto o valor da importancia a própria correspondencia por e do sinal o verbo do verbo não são, o é.

Em outras palavras, espero sinceramente embora sejam mais que imperfeitas não estejam tão erradas, mas possam vir a contribuam para que você e quem mais possa

vir eventualmente encontrar as suas, e correspondam não só as expectativas, mas o façam em verdade no essencial, porque se no corre havemos de estar, como aliás querendo ou não estamos e havemos que então da ação ao cor também as correções da thetis a práxis o façamos antes e não depois em observancia, respeito a dignidade da ordem das necessidades vitais do atmo a esferas ambientais, posto que poderíamos ter todo o poder ou liberdade do mundo ou além, mas sem esse respeito e dignidade ao vida, sua matriz geradora, e padrão constituinte nada seríamos, pois tudo que fariamos seria apartamo-nos do, desintegramo-nos do nulificarmo-nos em.

Assim sendo compartilho, mais sobre, mas ao final da missiva, em complemento, depois de propriamente responder as suas perguntas, como aliás devo, porque senão o vácuo heméticamente fechado permanece, e não é a toa que, conforme a parábola nem todos os rios retornam machados, posto que não devem, principalmente em tempos de loucuras e turbulências, afinal é dado nem sequer aos gestos sem sentido abrir as portas dos espaços vazios que dirá as palavras sem significação da realização dos sinais tomar os tempos que já são os dos vindouros, para do seu chão de céu, fazer nossa novas terras, posto que escadas não são dos sinais o sinor e das transformatas a função zeta do trabalho: a obra.

Porque quando se trata do veraz donte até o falaz e calaz advém, não há ovo nem galinha primeiro nem primordial motores nem ex-machinas, mas a liberdade enquanto poder criador e o próprio poder enquanto liberdade criativa em si, pois da missiva, embora muito me importe e zele das portas que abro a quem amo não sou digno sequer de portar as chaves ou olhar os signos dos selos, que dirá adentrar; não tenho as assinaturas do espectro, e dos rastros da radio criatividade, logo faço apenas apontamentos, e tais nenhum sentido nem mesmo, paradoxal ou parabolico, hermeticamente falando, ou mesmo fazendo faria, mas nem com gestos ou sinais, que dirá meramente com palavras.

Calaz ou falaz seria, e veraz de cor à ação não, posto que o corre sem sentido a ação seria, e pulsar ao sinal não mais haveria, assinaturas espectrais desapareceriam, e giros tropicais e em entropias morreriam, por sinal em gestos sem valor de importancia, e importancia sem valores insignificariam, cores em desmementos cairiam, sinos e sinores não mais tocariam, e ressonancias e sentido não perderia, e significado não faria. Eis porque do eis da ou não, a o ovo da serpente, não é, sem a marca da, o x da questão, não soma, não cresce nem multiplica, nem sequer diferença, salvo como a própria subtração.

E só não digo e não vou reto e direto a explicar o assunto porque não explico não complico o que plano nem meramente forma para mim jamais o é, nem reduzido à pode pode ser exatamente salvo por aproximações infinitesimais, para efeito abstratos de calculo mental. Posto que crer em explicações e como crer que encontrou em tese a hipotenusa do próprio x da questão quando em verdade este é um pi ou na enumeração do real a própria práxis, que depende da raiz não da imaginação, mas da transcendencia da negatificação da própria irrealidade como sua expoenciação reversa, uma desesplicação matemática por exelencia. Posto que ao invés de explanar sobre a ilusão, recompomos a realidade para além da próprio horizonte de eventos, não raro, mas necessariamente composto de quimeras por

uma questão de necessidades funcionais de substanciais.

Necessário é então desfazer não só dos planos e trajetórias euclidianas mas até mesmo das poincarianas posto que o espaço-tempo não é tabuleiro nem plano nem curvo, não é história, enquanto narrativa particular ou ondulatória reta e direta nem uma parábola relativa ao ouvidos daqueles que as veem e ouvem em reflexividade, mas um absoluto metaemenda, que não transenulotudo, mas simplesmente o campo onde aparentemente as paralelas sempre se cruzam, posto que não é que não existam retas paralelas, ou espaço seja curvo, mas simplesmente todas as trajetórias são práxis e todas as práxis expiram ao infinito e ao de cruzar não de novo, mas sempre, posto que nada descreve uma linha reta, salvo a próprio razão do raio do raio da expansão da trajetória da dimensão do pulso, mas este é o x da sua questão, ou literalmente o ponto, seja ele a esfera do universo, ou um atmo de qualquer uma das suas atmosferas.

Quero quer que nele em dizeres às práticas estejam infelizmente não todas mas muitas das

as suas perguntas, pois senão estiverem já era ao menos a mim. Embora por evidente mais que imperfeitas são, rogo não estejam tão erradas, mas contribuam para que possa encontrar sua. Pois na correria foram feitas, sempre, mas com jus correção por sinal de cor à ação. Não só o meus ou as minhas mas em verdades em correspondências as próprias e ao próprio que muito além das limitações minhas ou se preferir das nossas é por definição ou na definir da por princípio ou no enfim só um. Logo, importante outrossim deixar expresso e manifesto.

a respostas procura, porque se não, de corpo e alma não pouco perdido estaria, mas muito, pois voluntariamente o fiz e grato o sou por sinal de cor à ação. E rogo que assim seja e esteja em correspondência ao próprio, posto que no correria estou, mas com jus correção por sinal de cor à ação.

Logo deveria inclusive ir reto e direto ao x da questão. E é o que faço desde já até para não tomar mais do seu tempo e possa decidir desde já se a linha da resposta lhe interessa em resumo, nos valores de importância por sinal do cor à ação em filo tropia. Embora creia que dito assim não faça muito sentido.

Aliás, por sinal de cor à ação em jus correção a própria veracidade da correspondência.

Embora pedante e brega proposital ou inevitável idem. Não toca piano, carrego. Logo, quando o faço o primeiro mesmo com todo o capricho é tão ruim, quando o faço com todo o desleixo.

Quanto a respostas mais retas e diretas propriamente ditas, conforme nota anterior não vou fugir, nem me furtar, nem ser tão mequinho de não compartilhar; darei, mas adianto até para que possa desde já decidir melhor se vale ou não prosseguir com sua leitura: acredito ter conseguido chegar a uma conclusão satisfatória salvo é claro pouquíssimas pessoas que sou de fato e direito o responsável. Aliás alegar o

contrário, seria não só muita hipocrisia e ingratidão, mas mais do que uma mentira, uma profunda traição com a verdadeira fonte dos meus sonhos e palavras, mas ações e realizações que relativo aos absolutos não nego nada são.

Aliás antes de abrir minha boca de novo, principalmente sobre diferença entre qualquer coisa que vamos explanar, ainda mais das diferenças entre as igualdades e diferenças, isto é liberdades e poderes, bem distinto há de estar: eu erro no calar e falar do veraz, o próprio, enquanto a própria verdade por defidor da ação e ação do jamais. Até porque nada plana, nem se explana sobre o que se esfera, circula e ciclo da pattern da matrika do espaço-tempo o é.

E sinto muito, mas preciso deixar isso bem contrastado antes de abrir minha boca de novo, pois se caso ou acaso certo ou acertar sei que nenhum mérito é meu, mas todo erro, bobagem ou distorção Porque se algo há de bom ou certo no digo, com certeza meritos à ela, mas de errado, bobagem ou ruim sem dúvidas, mea culpa, assumo e respondo por.

O que não nego, pois isto seria muito ingratidão é que por ventura ela me encontrou, o que não é a mesma coisa, e mesmo assim, eu como um legitimo isto sim babine, o tolo, salvo a execuções que só confirma a regra só fiz errar, até quando certo e acertava, e de antemão até mesmo corrigia-me para não errar, e mesmo assim, nisto nunca soube reconhecê-la devidamente da forma que precisava, nem quando tão próxima e junta de mim sempre esteve.

Enfim,

Mas nem como devido na praxis, na experiencia real que só em tese. Quem faz das palavras suas próprias ações transformadoras são os genios, as minhas são a apologia dos tolos, não toco piano, carregou para que o mestre faça a sinfonia.

para economizar seu tempo e paciencia, que

que conclui, que mesmo aquilo que não irei fugir nem furtar de fazer em respeito a forma como contatou-me.

com jus correção tomaram que tenham e façam correspondência. tanto a você quanto a ou ao próprio. Pois, creio, dialogar na práxis com suas questões, constam dessa missiva.

Mas mais importante até para não tomar seu tempo e poder melhor dedidir se vale

ou prosseguir ou desde já abandonar a leitura adiante que: conclui não fui capaz de chegar a uma resposta, ou se fui não creio que consegui dá-la a contento.

O que não quer dizer me vou me furtar ou fugir das perguntas, não, darei, o que de testemunho, depoimento, ou opinião sobre. Não. Seria muito egoísmo e mesquinaria da minha parte isto alegar e desse expediente usar para não dividir o pouco que experencie, para não dizer ingratidão com as oportunidades que tive não só das leituras de outrens mas da minha própria vida. Porém o que quero dizer, é que sequer em gestos, ações e realizações,

é que não consegui e não quero em passar a impressão que o tenha jamais fazer uso das palavras, salvo a exceção que confirma a regra, para chegar onde mais preciso mais era ou ainda o for. Não o fiz sequer em gestos, sinais nem em realizações, salvo para as pessoas mais próximas de mim, e outras raríssimas pessoas que por mérito delas e não meu, tiveram a paciência de me aturar.

Apresentarei uma sequencia de raciocinio e reflexões, compostas de argumentos e subsequentes objeções ou melhor refutações, até que enfim encontrei uma que não fui mais capaz de refutar. O que não quer dizer que tenha encontrado a prova de tal é irrefutável. Muito pelo contrário. É bastante o oposto, que naquilo que não só não consigo nem com grande dificuldade, alguém refute com o maior facilidade, já demonstrar irrefutabilidade.

Após algumas (várias) tentativas que nenhuma considerei resultar em respostas suficientes para suas questão, conclui que não fui nem sou capaz ao longo não só da reflexão, mas da vida de responder a contento senão de muitos muito poucos.

O que não quer dizer qme vou me furtar ou fugir das perguntas, não, darei, o que de testemunho, depoimento, ou opinião sobre. Apresentarei uma sequencia de raciocinio e reflexões, compostas de argumentos e subsequentes objeções ou melhor refutações, até que enfim encontrei uma que não fui mais capaz de refutar. O que não quer dizer que tenha encontrado a prova de tal é irrefutável. Muito pelo contrário. É bastante o oposto, que naquilo que não só não consigo nem com grande dificuldade, alguém refute com o maior facilidade, já demonstrar irrefutabilidade.

Mas que conclusão é rigorosamente não dúvida que existam pessoas capazes de, mas não sou capaz de transmitir nem em gestos e ações que dirá em palavras aquilo que eu não consigo refutar e embora não só creia absolutamente como verdaeiro e real não me considero capaz de fazer com a correção, rapidez necessária nem muito menos explicar exatamente como se faz.

Porque sejam palavras ou ações sejam elas científicas, mágicas ou sagradas todas precisam advir de um dom que não só acredito que exista, mas já senti em mim, mas que as minhas não tem, ou se há ou causam são sem amargura extremamente reduzidas em efeito, por isso respeito profundamente o de

no mínimo não sou capaz . De modo que o lhe apresentarei como resposta é uma

sequencia delas e refutações até que enfim encontrei uma que enfim não fui capaz de refutar. O que evidentemente não significa que alguém mais capaz não consiga fazer com correção e facilidade o que não consigo dificuldade, mas simplesmente não sou capaz de sequer o oposto.

Como disse acredite se quiser ou puder, porque chega um ponto em crer não é só um querer, ou não querer, mas poder enquanto conseguir e nisto não consigo refutar-me.

o que evidente não significa que não de modo algum possivel fazê-lo, muito pelo contrário, sem falsa modestia acredito que qualquer pessoa mais capaz o faça com facilidade o que simplesmente não consigo. E não é porque não consigo, que não vou dizer que

cargo sem ressentimento se vale ou não E segundo que isto mais importante é esclarecer não foram algumas tentativas mais de responder sua questão, que resultaram em algumas reflexões. Nenhuma delas envie, porque não creio que sejam nem estejam suficientes corretas nem a altura da sua pergunta. Conclui enfim portanto que não sou capaz de responder, e logo deveria esclarecer isto antes de mais nada, para não tomar seu tempo.

E assim o sendo, tanto no espirito de compreensão quanto do compensar o que atraso, descaso não foi, mas como se fosse, tentarei a ambos consiliar para guiar-me o mais reto que puder direto ao ponto. Para tanto desde já adianto que pretendo primeiro partir do que penso ser, o mais simples a mim explicar, para só então, depois o que não; sem contudo, ao final deixar ainda mais por do que quando comecei. Veremos.

as razões de tamanha demora são:

Logo quero ressaltar que muito embora suas perguntas tenham sido feitas em cima de texto meu anterior, a este não recorrerei, mas, outrossim, somente as suas indagações me mantereí. Até porque entendo, ser nelas, e não naquele ou noutros, que suas respostas estão. Porém, como por outro lado, também não quero alugar você, a lá maluco da praça, embora os aprecie (e muito), nem ninguém jamais com nenhum presente de grego, haja visto que nosso diálogo é público, antes de prosseguir gostaria de fazer um a parte a quem quiça mais interessar possa:

Os presentes dizeres são mera opinião e disto ou coincidência não passam, salvo por disposição em contrário de quem assim bem quiser, crer, entender ou pensar que nem uma ou qualquer outra coisa sejam. Mas seja como for, ou qual, sem problemas, respeito. Só rogo que ao bem servir venha, provenha e que assim proceda e de mais valia o sejam. Porém, na duvida, se sim; e ainda mais, se com certeza, não, apenas peço que, por favor, sem efeito as tomem e desconsiderem, até para que nada causar possam, de mais aborrecimento e contratempo que dirá então de nenhuma

adversidade outra, mas nem sequer em sonho.

E aliás, se já for não for pedir demais que por favor também não tomem esses meros pedidos como se os abomináveis "termos e condição de uso" o fossem, pois isto sim, questão faço, e não pouca de garantir: Não são.

E nisto só não digo que: "ninguém aqui é obrigado a nada, precisa, esta, deve e nem tem que concordar, aceitar, permitir, autorizar, ceder, fornecer, conceder, submeter, nem jamais renunciar a coisa para livre ir e vir e em paz buscar e sempre ficar e voltar e seguir tanto quanto e quando assim bem entender e quiser encontrar de acordo com sua consciência, a responsável. E que assim o sendo, seja, esteja e livre e paz sempre bem fique, volte, busque e econtre senão aqui onde há de o sê-lo. E boas idas, vindas e voltas a todos...

Não. Não digo isso, porque isto seria uma grande mentira. Em verdade, nada do disse acima vale nada, mas nem aqui, que diria lá fora.

Da internet e dos dados não sou o dono, não controlo o trafico, e querendo ou não de acordo com seus termos e condições, tomado por seus usuário sou e estou. Aliás, segundo os, e com os próprios obrigados o somos a concordar que não discordamos que todos somos e estamos e viciados ou não, reclamar não mais podemos, Logo, se aqui estamos, bom saber que para todos os efeitos, é assim que tomados somos e estamos sendo e seremos por, pois alegam que: não desavidamente já consentimos permitimos, autorizamos e aceitamos tudo o que impuseram e ou tomaram mas que saibamos ou não, cientes e conscientes estamos que também já expressa, automática e declaradamente concordamos em renunciar em (vejam só!) a própria posse dos direitos inclusive de reinvidicá-los em favor do reconhecimento da sua tomada de posse como legitima propriedade. E quanto que avisados também estejamos que desavidados não o estamos que roubo, seguido de sequestro extorsão, chantagem e achaque e ameaça isto nos termos e condições não só de uso, mas da lei que serve e protege.

E embora tudo isso que eu esteja a dizer não passe literalmente de um lugar comum, não é mais do bem comum, dominio público e se particular não mais propriamente o nosso, nem o meu. Pois salvo naquilo que resta, posso e ou devo dizer, não tenho nenhuma autoridade, poder, prerrogativa, privilégio, título, licença, propriedade, controle, nem sequer ilusão de poder ou liberdade para falar ou responder por, ninguém sou para tanto, nada tenho a, nem parte com; não possuo, tomo, pertença, rogo, arrego, avogo, evoco, invoco, clamo, nem reclamo por ou para. Muito pelo contrário, não só nego, renego enquanto não mais puder e nenhum mal isto a ninguém o for e jamais fizer, como manifesto consciencia, por bem fazer sempre justa e positivamente o oposto. Logo:

Aqui deixo apenas o esclarecimento que aviso não é, mas esta necessária manistação da minha consciência antes de prosseguir:

"Aos usuários e traficantes de metaverso e desinformação: Não encripto, decripto, nem descripto, não sou charada, enigma, piramide, múmia, nem da solução final do tempo parte da madrugada do homem. Não crifro, decifro nem devoro. Lavoro. E salvo se muito não erro, confundo ou me engano e logo entorpeço na própria ilusão

do que parece mas é, de cor à ação não uso, abuso, tomo, evoco, avoco, trato, contrato, pactuo, com a ou o próprio coisa parecida isto é, ou do veraz o falaz dos falazes, pois muitos são.

Em suma sem cultura educação, nem ministério, mas com correção ninguém advirto: Leitura não é droga, arma, armação, artifício, nem maquinação, é sagrada, não use, deuse; Pratique com moderação da consciência responsável. Invoque-a; senão arrume uma para chamar de toda sua, liberdade de ou direito a, a assumir e responder por".

Em outras palavras não dono, expropriador, proprietários, banqueiros exploradores, corporação, nem muito menos regulador, controlador, ladrão ou traficantes dos dados, desinformações, palavras, ideias, gestos, sentimentos, consentimentos que do laço entre o nexo da liber da vida, são a conexão com a própria liga das correlações entre as comunhões de pazes e as corcordias dos entendimentos, e dos amores às compreensões portanto a própria razão entre os meios vitais e ambientais da natureza das Humanidades e a possibilidade de vida incluso a inteligente e inteligível na e da Terra. Mas como já adiantei, isto é uma opinião, e como já é parte da resposta, que aqui nesta introdução não tem cabimento. Retomarei, mais adiante. Então deixemos de coisa parecida e cuidemos da vida senão a leitura esfria...

Volto-me portanto a falar diretamente para com quem de fato estou, senão além de insensatez, é até falta de respeito e consideração. Porém, só para encerrar de vez, enfim, as digressões e do assunto com coragem não mais fugir. Pois vide o verso, reverso do metaverso, suas questões como como disse são seríssimas com importancias de valores altíssimas.

E portanto se é não é so da meras coisas parecidas, mas do próprio feitiço de aquila que havemos encarar então valha-me cor à ação. Pois se não é a liberdade azul atenas, nem a igualdade vermelho esparta, nem as pazes brancos poderes, mas preto no branco, tão rubro e negro como o são pau da pedra à toda a obra então, oxalá, salve jorge, e bem jor, porque doutor eu não me engano que nesse necropornéia da divina comédia brasiliana por sinal à ação de cor as missivas há de ser às corintianas.

Logo chega de rodeios. Afinal, quem precisa de filosobol quando tem no seu compasso a harmonia, da capo ao fini, a própria razão do amor entre o ente e a essencia que irmanam da teses à prática?

Finalizo esta intro, dizendo que, daqui por diante aquilo que não tiver cabimento, mas ainda preciso colocar for, o farei, só que com mais músicas. Como a propósito acima já fiz. Pois embora lustrações, nem citações sejam, e sim referencias que ao final melhor ficariam, do ritmo não posso perder sua harmonia, e sem elas, nenhum fenomeno para mim se salva que dirá o verbo, quando mal consigo mais levantar e andar sem, que dirá ir além. Logo é assim mesmo, pelo meio que ficam, inclusive dedicadas como ensejo a própria. Então à elas, às liberes que idades nem moradas tem, mas da unidade da comunhão de pazes e amores, delas, as próprias, se fazem e feitas o são e sempre ternas assim sejam, às Marianas o que é de, seus amores.

E agora sim, sem mais, às suas questões.

Tenho ainda seguido com uma dúvida que me agoniza: em que se diferem liberdade e poder?

Se poder absoluto é liberdade total e escravidão é ausência de ambos, os percebi sinônimos.

Se poder aquisitivo é liberdade de compra e poder executivo é ter a liberdade de exercer tal posição, não consegui distinguir também...

Se o poder de um motor determina os limites desse mesmo performar, percebo ser a liberdade de performance do tal artefato sendo dado pelo poder do mesmo...

Enfim... em que não se equivalem?

Ou como de cor por sinal gravei a título da resposta:

"Liberdade e Poder, em quê se diferem? E enfim... em quê, não se equivalem?"

Como bem percebeu e assinalou em seu raciocínio são termos ambíguos. E se em geral essa ambiguidade nenhum problema causa, pelo contrário, é tão fundamental para o entendent

cuja sinomia que problema nenhum causa em certas circunstâncias sejam raciocínios ou aplicações em outras, dúvidas, agonia

ambigue bem ou mal serve ambivalentes, que quando passamos a tentar utilizá-los com rigor seja nas nossas reflexões e quiça subseqüentes realizações carecem tanto das devidas desambiguações quanto correções, senão decaem em incoerência ao propósito da efetuação de mais exatas correspondências.

Sem recriminar e em hipótese alguma em principal criminalizar essa

Liberdade é aquilo que você faz e que não impacta em ninguém senão você. Poder o inverso.

De cor à ação em vocação. invoca quando chama de ou por. O sonho a sua realização, ou da ilusão da própria quimera?

No Amor ao Próprio.

Vou dar uma resposta, que se alguém me desse eu mandaria para aquele lugar.

Em geral, sinceramente creio que em geral usamos das palavras ou gestos ou que mesmo enquanto ações não tem nenhuma outra intenção, ou pretenção de mal ou bem fazer, causar ou realizar nada de mais ou menos senão comunicar qualquer coisa ou ideia simplesmente nos relacionar com e de alguma forma.

Entendo em principio que geral são ideias, pensamentos e palavras que em geral são apenas termos e ideias ambivalentes que ao bem ou mal da compreensão podem ser

casual e livremente empregados- salvo, proibições em entendimento contrário, ou, na própria falta de- empregadas juntas ou separadas sem nenhum rigor, maldade ou incoerência, casualmente empregados e intercambiados dentro do próprio contexto do assunto e circunstância da situação; e assim o sendo, sem celeuma, inclusive, compreendidos, portanto, eventualmente até como sinônimos. Em outros como aliás bem percebeu, talvez, melhor, não. Qual e quais,

são só palavras gestos e ações sobre ideias usados sem nenhuma maldade nem maiores pretensões ou outras intenções de bem ou mal fazer, causar nada de mais ou menos senão comunicar nossos pensamentos, ideias ou apontamentos sobre as coisas. apontamento sobre ideias de coisas ou pensamentos. para simplesmente relacionar-se e comunicar-se de forma ambivalente intercambiáveis.

Salvo para efeito de comunicação, ou calculo, em tese, na prática não iguais nem a si mesmos, quanto mais um ao outro. Parapara efeito de calculo lógico papel, A diferente de A que dirá igual B.

Se há uma coisa que a ciencias empiricas ensinam com sua história é que invocar seja em gestos palavras, sinais, ou mesmo ações e experimentos que buscam encontrar ou criar por conta criar qualquer ideia ou coisa é que na prática nunca a coisa será exatamente igual aquilo que se idealizava, até porque nunca o foi.

naquilo que por definição se idealizava ou teorizava. E isto é um experimento não só mental, mas fácil de reproduzir de fato em casa, desde que se tome todo o cuidado para acabar chamando ou criando justamente aquilo que nem sabia que não era justamente o contrário do que não queria, mas nem sabia. Chame por Jesus ou Genésio, e poderão ou responder n deles, mas quantos corresponderão exatamente àquele que se esperava? Imagine algo, projete e construa, no final compare, não é exatamente o mesmo de um tempo

, ao menos ao que o outro espera por. Chame por exemplo pela memória do "samba em pessoa" e talvez surja em sua mente ela, a própria, Araci de Almeida. Ou talvez a jurada do show de calouros, ou ninguém.

Em tropia. Salvo ex-machina, não existem artefatos, organizações, estados, entidades, seres com poderes absolutos nem liberdades totais porque eles são equivalentes a co-inexistencia.

A liberdade de performance é dada

Em geral, as pessoas usam não só das ideias mas as coisas que elas querem dizer de liberdades e poderes

Como tudo, não só poder e liberdade se diferem em tese um outro na prática como incluso se diferem por definição do que supunha de si mesmos do eram. Não existe ente salvo o imaginario que seja

Valem tanto quanto importam. E portanto tanta diferença tem, faz quanto sentido fazem e significados de importancias os valores possuem em cifras, Algarismos algoritimos ou não. importancias equivalentes ou diferentes o são a medida dos valores das importancia que significado

Em verdade no que não posso exatamente dizer que sei que dirá descrever ou formular em sentenças ou orações posto que para mim é o próprio indiscreto. Na ciências exatas o chamam de o numero da imaginação

Pois de cor à ação de muito não erro Valem

No terno. Um e pouco, dois é bom, o três não só não é demais! Mas falta elevação

Repito: Valem o quanto importam. E portanto são ou não equivalentes na medida da ambivalencia e diferentes na medida que ambivalem assim como se diferem enquanto equivocadas são, estão e ou estamos.

Há crifras ou grafos ou Peguemos minhas palavras como referencia.

Valem o quanto pesam.

Pois gostaria de saber dar essa resposta com toda perfeita correção que absoluta e total precisão que sua questões pedem, mas a própria exigem. Mas não só sei dá-la, como de-la, só...

E não será por falta dela que deixarei de fazê-lo, mas importante saber que não tenho o beneficio da dúvida dos sabios que só sabem que nada sabem, nem dos idiotas que nem isso, não. Em verdade, não posso dizer que não sei absolutamente nada de nada e portanto em cima disto aprendo um pouco de tudo, nem por obvio que acho que sei tudo porque isto sei. Não mesmo. Se sei alguma e certo de alguma coisa estou é de eu erro, erre, e vou errar. E sabendo disso, não espero por, mas de antemão já tento de cor corrigir-me onde consigo antever, caso também nisto errado ou enganado, confuso e já muito fu e iludido esteja. Resta descobrir e corrigir.

Nisto e outras coisas mais o poetas dos navegadores tem a medida da razão, navegar é preciso. Dá-me o zenith e azimuth. Porque a terra não só não é plana mas sendo

assim como não posso dizer que nada sei sobre, ou tudo Mas só sei que não só em palavras mas até em gestos não consegui perfeitamente encontrar a resposta, que dirá transmiti-la naquilo sem imperfeições naquilo que quando não erro no acho, erro no que passo.

Logo, não me dou o beneficio da dúvida dos maiores sábios que perfeitos genios ou idiotas o são, de quem só sabem que nada sabe, porque na medida que não só sei que nada sei, e assim vou ficando a saber o quanto erro, também

Em sinais, pois sejam palavras, gestos, ou machados, os rios nunca retornam os mesmos. Os rios simplesmente nunca retornam, como as rosas choram.

Pois, eis a questão. Com bem percebeu que parece fácil decor no ato se responder. Mas idem de cor à ação para nenhum sentido fazer e significado ter.

No essencial, em tropias. Na ordem e caos que por sinal em valor de importancia. Logo se diferem no sentido dos valores às importancia, e equivalentes o são ou não em significancia valores significado.

Valem o quanto importam, e portanto diferentes ou equivalentes o são na medida da importancias das diferenças e indiferenças que tanto fazem ou não, enquanto maiores ou menores igualdades, desigualdades em sentido de importancia e significados de valor positivo ou negativo do saber, ignorar as próprias tem.

saberes e ignorares positivamente e negativamente maiores ou menores das próprias incluso como indiferenças, insignificancias, irrelevancias ou ignorancias do próprio sentido da importancia e significado do valor.

que neste sentido podem por sua vez significar a importancia da ciência sobre tal estado de consciencia ou inconsciencia, quanto o própria o próprio estado de consciência sobre tal que assim sendo podem constitui a ciencia de tal consciência ou falta de de, ou de tal ciência da própria falta de sentido para tanto e significado à tal distinção.

A começar na real e por ideal literalmente o que importa, ou que sentido faz, e portanto importancia tem, se é que tem, ou valor de imporancia possuem seus significados.

seus significados possuem, sentido que diferentes o são nos valores das importancias. E equivalentes ou não o são nas importancias destas...

Pois eis a questão. Que não basta ter em mente, mas antes de cor a resposta supondo que eu soubesse a resposta, não é tê-la, que dirá dá-la.

Para responder a sua pergunta precisaríamos de alguém versado para traduzir o verbo nas 3 linguas, na dos homens, na dos anjos e do próprio amor, posto que a linguagem do, não sendo de fato o próprio, não significa.

Pois sei que assim deve ser na verdade em essencia a resposta, de cor nos sinais. Mas infelizmente, Mas quem derá fosse eu capaz de respondê-las como de fato assim precisam o ser por ideal na real correspondidas, tanto em respeito a quem a questão indaga quanto a própria indagação da questão. Mas meus sinais nada significam.

Não que não tenha cor à ação, ou sinceramente mais nada de dentro dele, salvo dor, maldade e amargura, para não querer nada dividir ou fazer senão fugir da resposta, muito pelo contrário, que parido eu seira se tão mal agredido o fosse depois de tudo que no poder livremente dar e receber tive a chance de viver, conhecer e fazer, que eu seria se nem mais o gesto em palavras fosse agora no final das contas capaz nem mais isso do tempo ainda sobra com alegria e gratidão partilhar?

mas a verdade é que não sei como fazê-lo com a devida precisão e correção e profundidade, tal separação naquilo que são relativas, para fazer apontamentos certos só

dele nada dentro de paixão e razões para sinceramente bem fazer, mas não tenho o dom de transmitir esse elã mas nem em gestos e palavras com coerencia combinados, que dirá neles

Não que cor à ação não o tenha, ou nada dentro dele.

Mas é de reconhecer que mesmo com toda a sinceridade e transparência não tenho esse dom, mas nem com gesto e palavras, que dirá só com signos.

Em geral são apenas gestos ou palavras casualmente empregadas intercambiadas ou conjuntadas sem maior rigor, celeuma ou mesmo muita coerência para, bem ou mal meramente comunicar ideias e outro sentido não fazem, nem significado tem, a bem ou mal do entendimento, para por exemplo meramente poderem livremente comunicar ideias que nenhum outro sentido fazem, nem significado tem, senão ideias.

compreensão sem nenhum rigor, exatidão ou sequer sentido ou significado outro senão o da lógica pura, que ainda que paradoxalmente perfeita, mais que perfeita o amor não é.

ambivalente e significado intercambiável, e portanto podem ser empregadas sem

Pois de cor não só é como estão em verdade a essência das respostas, nos signos dos sinais.

Pois de cor em sinais não é, são e estão as respostas.

Pois direito ao ponto, idem por sinal de cor...em verdade na perfeição das esferas da harmonia com o essencial é a resposta, ou se algum plano imperfeito o for, ou estiver no giro da própria círculo, das muitas vezes da circularidade dos tempos. como o somos por sinais em verdade na essência dos valores é a própria importância.

Valem tanto quanto importam e diferença fazem. seus sentidos. portanto sentidos fazem. portanto as diferenças e equivalências que tem.

E se diferentes ou equivalem são portanto nos valores das importâncias. A começar se sentido de valor tem ou dão significado de importância

Como em verdade as chamamos. invoca-se, evoca-se, ou ainda avoca-se os seus nomes, naquilo que são palavras e ideias que até em gestos e ações são e estão carregadas de ambiguidades e portanto naquilo que os poderes perdem, e as liberdades fazem.

Portanto diferentes ou equivalentes são na medida dos valores das importâncias. Valem o quanto importam. E portanto maior ou menor a diferença será quanto mais ou menos importância tiver.

fundamentalmente em sentido. Na medida dos valores das importâncias dos seus significados. Valem tanto, quanto importam.

Na razão da medidas dos valores das suas importâncias dos seus significados. Valem, tanto o quanto importam. E se diferem portanto na importância do que vale exatamente no quanto valam. E equivalem ou não em suas importâncias da

Em valores de importâncias. Valem o quanto importam. E tanta diferença fazem e portanto tem, de quanto de valor a importância se dá ou tira, assim como das importâncias aos valores se devolve ou retira.

e tanto fazem diferença quanto sentido ou não diferença quanto sentido fazem. E portanto diferem-se tanto quanto significam.

No Alfa e o Omega. Pois direto ao ponto, sem dúvida nem erro, por sinal de cor há de ser e estar e haver esta, a resposta, seja nesta ou em palavras, até porque não significam nada.

No essencial ao sentido, em significancia. Pois reto e direto diferem-se ou não no sentido dos valores das importancias e logo equivalentes ou não na medida da razão entre os valores das importancias que assim sendo significados o são.

Pois ao bem

Em valores de importancia.

Se diferem ou não em sentido. Equivalem ou não em significado.

Em gestos e palavras, ideias, ações,

Porque reto e direto de cor é a resposta

No alfa e omega.

Fora aquilo que parece, mas não é.

Pois reto e direto de cor é a resposta a própria questão, em circularidade.

São em geral, ambivalentes e não se diferem, mas equivalentes são ou não.

Reto e direto literalmente tanto fazem nenhuma diferença, quanto absolutamente toda São ou equivalencia na importancia dos valores.

Literalmente em sentido. Fundamentalmente em essencia.

Pois, reto e direto, por sinal de cor é a própria resposta. Se diferem fundamentalmente em qualia, e por sinal de cor a própria resposta, na circularidade.

Nas importancias dos valores.

São palavras e ideias ambivalentes que a bem do compreensão podem livremente ser- como aliás em geral o são, salvo, proibições em entendimento contrário, ou, na própria falta de- sem nenhum rigor, maldade ou incoerencia, casualmente empregados e intercambiados dentro do próprio contexto do assunto e circunstancia da situação; e assim o sendo, sem celeuma, inclusive, compreendidos, portanto, eventualmente até como sinônimos. Em outros como aliás bem percebeu, talvez, melhor, não. Qual e quais,

Por exemplo em ambientes com muito ruído, interferencia tóxica ou intoxicante, ou tanto pior já de estado de guerra desinformacional,

Nestes casos em que a ambiguidade não só é inofensiva ou ruim a compreensão, mas pelo contrário, imprescindível para evitar mal entendidos, ou literais de má interpretação, especialmente em ambientes com muito ruido na comunicação, onde

o que se tem não é a comunhão e comunicação de paz, mas uma de fato uma guerra desinformacional, e o que busca não é a concórdia e o entendimento depois do silêncio que é ouro, a ambiguidade é a própria prata ao cor da ação, e a ação de cor, posto que as ideias e palavras que se levantam como armas, armaduras, e verdadeiras armatas e castelos, se transmutam no milagre da criatividade da significancia. Posto que no jogo das representações por gestos e sinais, tudo como o seja ao racínio para a comunicação. mas quiça imprescindível justamente para evitar causar ou receber ofensas e provocar desentendimentos. é isto não for imprescindível senão imprescindível para evitar ofensas e desent formulação dos racínios e sua expressão comunicativa nociva ao entendimento inofensiva mas até pelo contrário casos casos literalmente pouca mesmo nenhuma diferença faz não é preciso e nem muito sentido faz dar qualquer outro significado mais profundo quanto mais exato ao que não tem maiores ou menores diferenças nem de de mais explicações carece, nem muito menos desambiguações. Não em que pouco

Em outras palavras e ideias no mais das vezes Já em outros e noutras , com aliás acho que bem percebeu, talvez, não. Pois, embora a ambiguidade seja não só mais das vezes, inofensiva, mas não raro úteis justamente para evitar ofensas.

Liberdade como poder, e vice-versa poder como liberdade redundam embora em ideias similares

Porém, se corretamente entendi o espírito da coisa, e em muito não já erro a divagar por demais nas minhas próprias indagações ao invés das suas reflexões, suas questões não se tratam apenas disto, sobre em quais ou qual contextos ou circunstancias tais palavras ou ideais carecem de desambiguação, mas em que exatamente essas coisas a bem da verdade, absolutamente distantes e não ambíguas o são, se é que de fato existem ou são. E claro, se possível o for conhecê-las, e mensurá-las.

que assim o sejam e possível saber, se assim o for, e possível o seja saber também pressupondo que assim sejam e possível o for saber, que na real e ideal como tais ou são. E claro supondo que se assim for que também não só possível o seja conhecê-las mas distingui-las,

mas que capazes o sejamos de o fazer literal ou precisamente na medida na grandeza da dimensão e magnitude da gravidade das suas distinção.

a natureza fundamental das mesmas não seja só cognoscível, mas mensurável.

sejamos de capazes sejamos de conhecer sua natureza fundamental, mas meramente encontrar a essência de tal quanta de qualia tão elementar.

não só tais ideias, mas essas coisas não mais se parecem mas de fato distintas o são, se é que Pressupondo é claro que tais coisas não só também existam e distintas o sejam, mas que e claro como liberdade e poder não sejam apenas

absoluto, pura e essencial o são, supondo é claro que tal coisas e suas distinções elementares existam e possível o seja achar e fazer tais distinções fundamentais.

Liberdade como poder e poder enquanto liberdade redundam não só enquanto produto da imaginação numa fantasia sem o menor sentido, mas tanto pior na real ideal não só

Desambiguações são necessárias. Quais ou qual, e exatamente em quê, se a bem da verdade alguma distinção fundamental de fato o há, e se é que em não erro e entendi o espírito da coisa, E concordo com, questionarmo-nos, mais e é melhor sobre, quais ou qual, ou se é que em verdade o há, eis suponho ser, se muito não erro e de fato com correção entendi a cor da questão.

A desambiguação pode ser necessária ao bem não só do bom pensamento, mas das boas ações. E só não afirmo com toda certeza, pois, não sei se o fizesse, evidentemente ou não, mas estaria a mentir, o que nesta questão dos erros mas o erro capital, posto que fatal, aquele que sempre parece tardar, mas nunca falha. nunca falha, apenas aparente neste caso o exame não só do contexto do texto, mas circunstancias da situação são ainda mais fundamentais.

E só não afirmo com certeza, que sim. até mesmo nestes casos, com certeza, porque assim como a desambiguação é fundamental ao que é essencial, e ambiguidade possa portanto ser o próprio mal que impede não só impede o desentendimento, mas provoca a

Redundam em paradoxos sem solução.

E como disse entendo sua dúvida e concorco buscar saber em que, se é em verdade há, é preciso.

pois a mesma ambiguidade da linguagem que no mais das vezes não só inofensiva, mas o essencial essencial ao poder da livre comunicação de paz, não raro é pode ser o que há de pior ao raciocínio, e tanto na real quanto por ideal o

parece formula em algarismos grego mais hermético, quando não hierogrifo egípcio de arquitetos pitagórico até mesmo nos nossos próprios formulas mais não raro muito util para efeito da comunicação hierografada.

Porque supõe que eu acredito no que fala, ou vice-versa que vá pressupor que vá não só dar algum crédito a qualquer coisa que eu digo, mas sequer ouvidos? Ou ainda que ouvindo, o que lhe faz supor que escuto, e escutando sou capaz de entendê-lo, e sendo o quero. Porque supõe que seremos capazes de nos entender? Porque aparentemente, ou evidentemente o somos e estamos? Mas somos e estamos?

E questionar-se

bem compreensão ser com em geral são ser empregados e entendidos sem maior risco, rigor ou mal inclusive como sinônimos a bem da compreensão que podem livremente intercambiados sem maior sem risco, rigor ou maldade ser empregados e intercambiados inclusive como sinônimos a bem da compreensão sem grande celeuma podem assim ser entendidos dentro do contexto dos mais variados assuntos

e situações. Nestes casos não é preciso e nem sentido faz dar qualquer outro significado mais profundo ou exato ao que não não faz nem tem muito, nem carece de maiores ou menores diferenças, nem explicações. Noutros casos, muito pelo contrário, aliás como bem percebeu e anotou, melhor não. A desembambigação neste sentido e contexto é sempre imprescindível e questionar-se em busca do saber a resposta na real por ideal é simplesmente fundamental. E não para o bem poder livremente pensar mas consequentemente agir não só sem impedimentos ou proibições, mas livre ou apesar deles, ou com

tanto para o bom, livre, verdadeiro livre correto exercício da significação do pensamento quanto por sinal e ação dos correspondentes gestos e realizações enquanto a própria correspondência dos mesmos com as tais, isto é do ideal com o real. Porque o resto é bobagem, e disto eu entendo, até porque assumidamente não tenho nada de esperto, mas muito bobo não sou, mas o próprio, babine o tolo, amo ser, mas por uma boa causa.

razão Tanto na real quanto por ideal é simplesmente imprescindível.

Seja ao exercício com correção de todo bom pensamento ou ação que realização sustentada do mesmo o seja, pois como diria o outro, não é só o inferno, mas aqui mesmo que está cheio más feitas de boas intenções, e muitos mais ainda das de más que muito pelo contrário se propagam com

não seja a mero, sonho, fantasia, mas de boa ação que seja uma realização boa fé, vontade, cienci

entanto como bem notou, não. intercambiados, e até porque não tem um sentido nem significado senão o de poder livre expressar as ideias conforme a situação e o contexto.

Direto ao ponto, aparencias fora, no essencial, as circunstancias da práxis. Onde a diferença não só entre os termos são não são mais ambivalentes e pouco diferença ou mesmo nenhuma faz, mas únivocas, no alfa e no omega. Ou teoria e praxis sem função, no ato de cor, e cor da ação, a prática.

São termos ambivalentes e intercambiáveis e em determinadas circunstancias não só podem livremente ser tomadas, como devem sem maiores riscos perigos ou consequencias, ou celeuma, inclusive como sinonimos. Em

aliás como bem percebeu inclusive como sinonimos, sem celeuma em tudo menos por sinal exatamente no próprio x da questão que é, embora trivial, direto ao ponto e de pronto no ato de cor a própria chave da resposta: aparencias fora, no essencial, em tropia. precisamente tudo que não são nem maldade ser intercambiados. ermos ambisem celeuma são ambivalentes e essencial não.

Pois embora trivial é por sinal de cor, o próprio, o x da questão. Pois, aparencias fora e

e salvo, portanto, o erro, engano, confusão que a ilusão da fantasia ou quimera do poder causam, na verdade a liberdade real ou o ideal, fundamentalmente não há nenhuma correlação entre ambas que dirá razão; senão a própria negação e contradição da mesma. ou definição a própria desrazão e loucura da negação do veraz no falaz.

E nisto, que parece, mas não é, em essência a liberdade como poder, e o poder como liberdade, não só em tudo diferem e em nada equivalem, mas sequer sentido fazem ou significado tem, mas na verdade se desfazem e literalmente na real e por ideal se desintegram naquilo que parece mas não é, o poder na miragem pervertida da liberdade, e a liberdade como a essencial à vida e além.

a a liberdade como poder ou o poder

seja do poder como liberdade, ou liberdade como poder em essência nenhum sentido fazem e significado tem. não só não em tudo diferem e nada equivalem mas em essência na verdade depois valores e importâncias completamente distintos o são e nulos laço, relação, lógica, causal, possível, necessária, muito menos elementar. possuem Simplesmente não existe nenhum sentido, ou significado,

o poder enquanto liberdade, ou a liberdade como poder, que neste sentido, o essencial não mais tanto faz, mas na real e ideal assim sendo se desfaz, isto é, não é com rigor literal

a qualia nem o quanta da função integral do conjunto universal, mas desintegra-se.

o poder vide-verso como miragem pervertida da liberdade. Do sonho e o ideal, a fantasia. Da real, a quimera.

em essência são valores de importâncias completamente distintas, que em tudo diferem e nada equivalem importâncias

que como poder é a miragem da liberdade, e no ideal não passa da fantasia e quimera

laço, ou relação, entre uma e outra, nem sequer relação qualquer laço ou relação senão do falaz com ela o próprio veraz, a liberdade, ou seja o da própria contradição lógica, causal, passional, e em reiteição quanto por sinal do próprio cor da razão. Em verdade portanto são valores e portanto não só completamente distintos, mas No demais com bem percebeu, diria que são valores e importâncias completamente distintas, não há nenhuma outra relação verdadeira senão a própria

em tudo não só diferem e nada equivalem se de fato na real ou ideal entre uma e outra houvesse fundamentalmente qualquer relação. mas de valores e importâncias não tem nenhuma relação, razão, função, nem sequer sentido senão como mas não existe mas não existe relação nem

Naquilo que parece, mas não é, o veraz

Embora sejam termos e ideias que que não tem o mesmo sentido nem portanto o significado e em de fato não correspondam fundamentalmente por definição as

mesmas coisas, mas pelo contrário, exata e justamente em verdade às opostas. Em termos geral sem maldade nem ofensas são ambivalentes e intercambiáveis

De cor no essencial, o veraz.

Salvo erro, engano ou confusão que a própria ilusão do falaz causa, fora as aparencias, no veraz.

tanto faz, da no mesmo, são valores que importancias nenhum tem ou pouca diferença fazem, aos quais se não muito valor ao significado real, nem muito sentido tem o ideal.

Naquilo que parece, mas não é.

São termos ambivalentes e que em geral são empregados sem nenhuma maldade podem livremente sem problemas intercambiados livremente embora não tenham exatamente o mesmo significado, podem livremente ser geral empregados sem nenhuma maldade ou consequencia são e assim o sem maiores nem menores consequencias o ser livremente ser e o são empregados sem nenhuma maldade, fazer o uso ou emprego de uma ou outra, sem maiores, nem menores consequencias embora não signifiquem exatamente a mesmas coisa, pouco ou nenhuma diferença

geral assim o são podem e livremente devem ser usados sem dano empregados podem pouca ou nenhuma diferença dão ou fazem

No essencial, em valores e importancias. em tudo se difere e

Direto ao ponto: aparencias fora, no essencial. Literalmente nos valores e importancias que significam, ou por sinal deveriam corresponder na real e ideal.

porque com bem percebeu salvo aquilo que parece mas não é, o erro, engano, fora as aparencias em nada diferem ou em tudo sejam equivalentes

são palavras não só ambiguas, mas ambivalentes que bem ou mal ditas ou entendidas não só por sinonimas, antonimas, no essencial, em valores e importancias que não só ambiguos

Porque fora as aparencias, erros, enganos, confusão, ou a ilusão que a própria reflexão causa, em tudo diferem e nada equivalem.

Dejavú. Pois para ir reto e direto ao ponto, no espirito da coisa, liberdade é como amor, poder quer, finge mas, sequestra e rouba, mas como não tem. a resposta é por sinal em essencia, ou literalmente de cor. pois correspondencia. posto que é precisa estar no ato de cor quanto no próprio cor da ação, o essencial. Literalmente de cor no essencial, o quê ade valor e importancias que fazemos e damos.

ou fora as aparencias que tanto faz naquilo que em verdade fazemos e damos de valor e importancia.

Reto e direto ao ponto, de cor, aparencias fora, no essencial. Porque por sinal, salvo erro, engano, confusão ou a própria ilusão, nem correção não significam. Não tem sentido.

a saber quais o valor das importancias e importancia dos valores que a elas damos e fazemos. A começar não só se qualquer ou nenhum sentido ou significado, que antes de ser igual ou diferente, mas existente ou inexistente,

de cor, no essencial. Porque aparencias fora e salvo o erro, engano, confusão ou a própria ilusão, literalmente nos valores e importancias, que fazemos e sentido existencial às coisas dão. se não forem completamente perdidos ou tirados, fazem e dão algum sentido existencial às coisas.

São termos causais e usualmente não só bastante ambivalentes.

No essencial. São termos ambivalentes, e que

Em todos os sentidos no essencial à vida. Pois, sem nenhum poder se vive, mas sem nenhuma liberdade não. Ou, salvo poder viver livre e em paz, pode-se perfeitamente viver, e mesmo sem, ainda possível ir sobrevivendo até quiça encontrá-la, mas sem tê-la, sem poder buscá-la, ou sequer sonhar com ela, não se vive, nem se sequer se sobrevive para

só perfeitamente se viver, mas sem nenhum liberdade não.

Pois sem nenhum poder, ou sem nada poder salvo livre viver em paz, pode-se perfeitamente viver, e senão ao menos até mesmo ir sobrevivendo se ao menos o sonho de até encontrá-la tiver ou puder sonhar, mas sem nenhuma liberdade, nem real nem em sonho não, não se vive, nem sequer sem se sobrevive, se morre de.

nem salvo poder livre viver, perfeitamente sem nenhum outro poder pode-se perfeitamente viver, e até mesmo sobreviver por algum tempo mais com o sonho de, mas sem nenhuma liberdade, não. e até mesmo sem nada se pse sobrevive, mas sem liberdade não, ou mais precisamente, sem nada ter senão a própria, ou nada poder senão ser livre, do sonho dela se sobrevive. para viver pode-se viver, e não se vive, se morrer de. liberdade ou senão sesalvo a própria liberdade se vive, e até mesmo sem ela até se sobrevive se ao menos esperança de, mas sem nenhuma dade, ao menos como sonho se ser, não.

Literalmente são ideias e palavras que em certa medida sempre certo grau de ambivalencia mas ambiguidade sempre tiveram no seu uso e emprego, mas ao longo do tempo pelo uso e abuso de ambas, tanto da liberdade quanto do poder não só perderam seu sentido, mas ainda mais extremamente parecidas hoje o são. Aliás, não só as ideias e palavras, mas também as práticas e realizações que supostamente tais representam e deveriam fazer correspondencia. De tal modo que fica difícil,

tanto da liberdade depende do contexto, ou mais precisamente das circunstancias. ambivalentes. que carecem portanto ou de texto, ou contexto quando não ambos para ter aos quais as pessoas em geral se para expressar coisas semelhantes ideias

Como bem percebeu eventualmente podem ser percebidos e tomados por sinônimos equivalentes dependendo das diferentes, relativamente, diria nada, mas tanto faz.

Não se diferem. Se ferem e se matam. Não se equivalem, não valem, se valem. não dos mesmos valores e importancias, nem os tem, nem os mesmos os são. De tal modo que modo que com rigor e correção nenhuma razão fundamental existe entre ambas, salvo erro, engano ou confusão que a própria ilusão de poder causa e provoca enquanto a própria miragem, loucura e morte escatológica da mesma, falsificação holocaustica da liberdade como a próprio vida, real e ideal e lógica.

os mesmos valores nem importancias, fundamentais. Então reto e direto, sem ofensas, a resposta é e está no de ato de cor, e não por acaso na correção do cor da ação, ou seja, no essencial, pois aparencias fora, em nada diferem e em coisa alguma equivalem, pois sequer há laço, relação, correlação, nexos, conexão entre uma ou outra existe, e nem nula é a função e inexistente o conjunto, e portanto sua angustia for só teorica a resposta é fácil, pode ser resolvida pelo metodo cartesiano. Ou como diria o próprio Decart pelo antigo método dos geométricos, não alitere, algebrifique a questão, ou mais precisamente faça como os pitagóricos triangule a resposta, para encontrar a sua hipotenusa. aflições é literalmente cartesiana

Em tropia. Aparencias fora, absolutamente no essencial. Não só pode ser como tanto faz.

em ordem do e com o cor da ação, no essencial em tudo diferem e nada equivalem, na desordem, tanto faz e tudo e nada

Porque reta e direta, a resposta é por sinal de cor, no essencial, em tropia. Pois aparencias fora, e salvo erro, engano ou a própria ilusão de poder, a

Se entendi corretamente o que busca e razão e não por acaso a ambiguidade anguReto e direto, no essencial, em tropia, pois aparencias fora e se não erro, engano, ou confusão a própria ilusão de poder causa, na real e ideal em tudo diferem e nada equivalem. Poder é a miragem da liberdade. não passa de uma fantasia do sonho de liberdade, e uma quimera da liberdade, e tanto pior quando de fato se faz porque não só é uma condição insustentável, ou um erro irrecuperável, mas a própria

E assim o fiz para de cor responder, aparencias fora, no próprio, no essencial.

Porque de cor há de ser a resposta. No essencial. Aparencias

Para começar naquilo que qualquer sinal bem ou mal ditas ao apontar ou desapontar indicam, sejam falsas ou verdadeiras, mas em si não são, a real.

Reto e direto, aparencias fora, no essencial,

Porque se não for de cor não é a resposta. Pois não para mim não fez uma pergunta, mas a.

vida cor a liber da é a resposta, e em verdade no liber de cor no essencial, ou seja,

fora as aparencias ou erro, engano, confusão que a própria ilusão de poder causa

Porque reto e direto de cor é a resposta, o próprio aparencias fora, no essencial. Isto é, se não erro, engano, ou confundo pela própria ilusão de poder causa,

Em tudo diferem e nada equivalem, tanto naquilo que parece, mas não é; quanto do que não parece, mas é, em verdade, a resposta: Ou seja, fora as aparencias, erro, engano ou confusão que a própria ilusão de poder causa, no essencial, na real e por ideal é: liberdade. ou seja da liber, de cor, a própria essencia a liberdade e de cor da ação aparencias fora, de cor respondo no próprio, o essencial, a liberdade. saber da vida. Porque sem a fantasias e quimeras de poder perfeitamente se viver e sobrevive, mas sem nenhuma liberdade senão a real ao menos em sonho não. Aliás, muito pelo contrário,

E assim sendo, de cor respondo, pois nele o próprio, a resposta está: o essencial Por obvio e trivial não no sentido literal de decoração moderno nem clássico, de memento, epitáfio, monumento, mas como cor da ação em correspondencia,

pois em verdade é a se diferem e nada equivalem, e assim como em nada do que parece, mas em verdade é iguais o são. a resposta que busca: o essencial.

aparencia não é, pois em verdade, é a essencial. Logo a resposta reto e direto, o obvio e trivial, a resposta essencial, o próprio.

Em tudo diferem e nada equivalem daquilo que as aparencias enganam. Assim como nada diferem e em tudo equivalem do que ilusão é. Logo de cor respondo, pois em verdade no essencial está a resposta, o próprio.

Mas isto por óbvio, é logicamente, trivial, o cor

Porque reto direito não decor literal a resposta.

literalmente só nele responder: em verdade, no essencial, o próprio. do essencial: o cor da ação que ato de cor e vice-versa elevado palavras de encorajamento para o que atos de coragem o são.

numa única palavra chave ao própria em verdade, no essencial. Porque, meu caro, salvo se muito não erro, engano ou engano, para mim aparentemente não fizeste uma pergunta, mas com suas palavras, a questão.

Reto e direto, em verdade, no essencial. E fora as aparencias, erros, enganos que a própria confusão e ilusão de poder causa, como correção e correspondencia em tudo diferem e nada equivalem, se fosse zero a equivalencia, infinita a diferenca, mas não é só nula a relação, ou inexistente qualquer razão entre elas, pois mesmo sendo fundamentalmente falsa a ideia e não é só ummas a da imaginação a perversão que entorperce, mas enquanto falsa impressão, ou erro imaginário irreal.

posto que sua questão não pede pela seta da flecha, não pergunta pela seta do vetor do ponteiro do relógio como direção, mas sim pelo própria raiz do raio da roda da

vida como solução. e logo de coragem e inocencia é feita e só sem malacia essencia precisa que exata e corretamente em essencia ao ato de cor responde e ao cor da ação faz corresponde

é antes no ato de cor, e literalmente no cor da ação que reto e direto se responde a pergunta que você fez, e não depois: pois com rigor sem tal correspondencia não há o porquê nem como, pois não na real e ideal, em verdade, no essencial.

posto que não é a flecha, mas como um raio uma, mas a:

porque doutor eu não meu engano o meu cor é E quem precisa dos podres da bardo quando por aqui mesmo nelson do cavaquinho para

mas e portanto igual a zero é seria equivalencia e infinita a diferença. somente se houvesse alguma razão ou relação fundamental entre ambas. e não há. Mas nem sequer qualquer correlação, possível, E não é só nula a razão de tal função e inexistente qualquer conjunto correspondente correlação.

Não existe nenhuma relação lógica elementar entre uma e outra. E mais do nula a correlação, e inexistente qualquer conjunção, não há razão, nexos, nem correspondencia entre uma e outra.

mera imaginação uma fantasia de, e na real uma quimera, pois não é só a falacia ou desnaturação que

Na real, e no ideal enquanto correlação de tal, como bem percebeu parece mas não é, o próprio.

Diria que é igual a zero qualquer equivalencia, ou idem, Infinito toda diferença,

mas isto se e somente se houvesse entre uma e outra algum nexos, conexão ou conjunção, mas não há. Não há liga, ligação nem religação. Fundamentalmente nula é razão, e inexistente o conjunto universo,

Não há ligação

do fundamental em essencia não há nenhuma ligação. nada uivalem e em tudo diferem. Ou seja aparencias fora, ou como bem percebeu, fora aquilo que parece, em essencial na realidade não existe relação nenh

E portanto zero seria qualquer equivalencia, assim como Infinito toda diferença, mas somente se houvesse entre ambas algum nexos ou conexão, mas não há. Nem liga ou ligação, Por sinal, nem de mais, nem de mais, de maior ou menor que dirá de igual ou diferente razão nem exata, aproximada, distal, mal ou bem estimada. Nenhuma estimativa, aproxi

literal e logicamente não há razão, laço lógico, causal, necessário, correlação, ou sequer operação ao que não tem correspondencia nem exata ou aproximada ou distal. São valores de importancias. Logo fundamentalmente nenhuma aproximações é sequer possíveis, ser ou não ser necessárias então nem sentido o faz, exato, aproximado nem distal.

Então não mesmo, se é para traçar com retidão e destreza uma verdadeira reta entre dois pontos, este não são liberdade e poder, mas vida e liberdade é logicamente inexistente a solução do Conjunto Universo desta Função Existencial; não há função integral elementar entre este x e y.

Em essencia não tem existe nenhuma expressão de igualdade, desigualdade, diferença ou indiferença, não com sentido verdadeiro nem real nem ideal enquanto a correspondencia de tal, inexpressivas e sem sentido o são,

inexpressões ilógicas, e inequações demas naturalmente sem sentido matemático, físico, químico o são tais sentenças

Por sinal e sinais, na realidade e no ideal enquanto correspondencia ao real não são, não estão, nem jamais serão quali nem quanta nem continuum ou reiteradamente conexas ou vice-reversamente religadas Ou

Por sinal, nem de maior ou menor, nem de mais nem de menos, nem exata ou aproximada de nenhuma igualdade ou diferença é logica nem literalmente possível ou necessária a expressão, seja como sentença ou equação. que se dirá com precisão em nenhum descenecessidade. muito mais de menos, ou qualquer aproximação possível de expressão de igualdade nem diferença

Mas pelos galés e seus mastros magnos voadores, pedantes ou pedintes, como não? E quem nunca que atire a primeira pedra, e derrube o próximo, Porque icaro, com ou sem asas, há de cair posto que não objeto que se atira, mas com ou já sem asas o ente que

Em outras palavras, literalmente mais humanas e menos exatas, ou como diriam meus filhos no mínimo menos chatas, não só é desnecessário, mas impossível fazer qualquer ligação fundamental entre Poder e Liberdade, ou vice-verda tomar liberdade por poder, ou o poder por liberdade.

Então porque fazemos?

haver em essencia algum laço lógico, causal nem necessário

salvo o falso ou imaginário que

em realidade se constituem-se portanto ou na própria falsidade ideológica mor da ideia de poder que e não correspondem por definição a natureza do amor ao sonho nem de nem a liberdade real, mas sim as fantasias do e filações ao poder e o próprio enquanto artifício de enganação sobre a sua verdadeira

poder

logo, nem alfabeto, algarismos, algoritimo nem linguagem que traduza o que por sinal nenhuma ligação fundamental por correspondencia natural, nem sequer lógica química, física traduza em quali nem quanta por sinal nota ou anote, equalize, equacione, matemática ou literalmente tal expressão que dirá as equalize nem a

E fundamentalmente não estamos falando nem computando mais por suposto assunções e ambiguidades linguísticas nem algoritmicas, mas sobre as concepções que harmonicas da composição o são.

é sua conjunto com rigor igual a inexistente é o suposto conjunto universo desta função, ou mais precisamente em suma, não há função existencial elementar entre este A e B. Não existe nenhum laço lógico, causal, necessário, identitário, salvo o falso ou imaginário que em realidade se constituem-se portanto ou na própria falsidade ideológica mor da ideia de poder que e não correspondem por definição a natureza do amor ao sonho nem de nem a liberdade real, mas sim as fantasias do e filiações ao poder e o próprio enquanto artificio de enganação sobre a sua verdadeira

pois mais do que nula a relação é inexistente é o suposto conjunto formado por tal suposta operação. Não existe tal função existencia entre Liberdade e Poder, existencial entre Liberdade e Poder é uma ideia que existe, mas falsa.

ou simplesmente não existe nenhuma função existencial entre Liberdade e Poder, exceto a ideia erronea ou enganosa do poder enquanto tal.

entre uma coisa e outra. e ideia somente a própria falácia. Simplesmente não há nenhum nexos, laço lógico, causal, necessário, identitário fenomenal nem verdadeiro enquanto ideal correspondente ao real entre Liberdade e Poder, mas literalmente a ficção das ideias de poder que fazemos das mesmas e que portanto são a própria definição meros fantasmas e fantasias, ideias sem sentido.

mais nem menos, quanto mais igualdades ou diferenças, em essencia não há maiores nem menores aproximações de valores às importancias que nenhum nexos, relação, laço lógico, causal, necessário, nem real ou ideal, muito menos identitário de quali nem quanta.

das suas valorações. Mas com rigor, ainda que não estivesse mentindo, posto que está resposta não é uma afirmação completamente falsa, ainda não seria totalmente verdadeira, pois inexata. Pois com correção não só é nula a relação, com rigor inexistente a razão entre uma e outra. Porque na metamatemática

Pois sequer não são nem tem sequer uma igualdade nenhuma de coisa alguma, logo não é igual a zero a equivalencia, ou nem mesmo nula a relação ou vazio conjunto razão da relação ou correspondencia entre A e B, mas com rigor inexistente esse universo, não há nexos.

Pois como bem notou até parecem, mas na real não são. Logo, se houvesse qualquer nexos, razão, lógico, necessário, causal ou identitário entre uma e outra diria então que em tudo diferem e em nada equivalem mas nem isto há,

Com rigor, a relação é mais do nula, o laço é inexistente, não há nexos. não há nenhuma razão entre uma ou outra.

Pois com bem notou até parecem, mas na real e por definição no ideal, não são. E aparencias fora, salvo erro, engano ou a própria confusão que a ilusão de poder causa, diria que em tudo diferem e em nada equivalem, saço com rigor a diferença infinita não é igual a razão

Nem sequer igual a zero são equivalentes, ou igual a diferente

em valores das importancias, e valoração nem a zero vale ou infinitamente diferentes o são, pois não só em valores às importancias, mas em desigualdades Ou para me expressar com mais precisão nem a zero equivalem ou igual a infinitamente diferentes o são, pois até nisto e naquilo não tem o mesmo valores e importancias, são equivalentem sequer a zero, ou mesmo a infinitamente mais diferentes

ou sequer equivalentes o são, mas com rigor mais do que nula é a relação entre ambas, é inexistente a razão. Não há nexos nem função, lógico, causal, necessária, identitário entre uma outra coisa. só mesmo a ideia das mesmas, só a própria falacia do poder enquanto liberdade e logo da liberdade enquanto não há nenhuma razão, laço lógico, causal, nem muito menos identidade entre liberdade e poder.

é tal conjunto universo equação da falacia

Mais precisamente ainda, na real nem sequer a nada equivalem e em tudo, até nas ideias e no ideal, nem mais nem menos idem, também rigorosamente falando nem mais nem menos sequer iguais, diferentes, maiores, menores

Ou mais precisamente, mais do que nula, inexistente é qualquer laço ou relação verdadeira entre ambas. Com rigor não há nenhuma razão necessária entre ambas, nem lógica, física ou matemática, de causa ou efeito, muito menos identidade nem quali nem de quanta nem qualquer relação entre ambas

Ou com ainda mais rigor, sem ofensas, literalmente não se contam, ou falam.

correção e precisão, não se conta matematicamente, linguisticamente não se fala, e logicamente simplesmente não é zero a equivalencia, nem infinita a diferença, é mais do que logicamente nula: é inexistente. razão de igualdade entre ambas, posto que não os valores de importancia não são

não há razão lógica, ou qualquer logos entre ambas, senão a própria.

Ou logicamente, com mais rigor e correção, não só diferem em tudo e equivalentes em nada o são, mas nula é a própria menor ou maior aproximação do que não é igual nem diferente, mas

em tudo se diferem, e até no ideal idem, porque não só a nada equivalem, mas com rigor não equivalencia,

Pois em verdade não é que em tudo as diferenças e equivalencias.

Não são valores e importancias distintas, mas logicamente valores de importancias completamente distintas do real. Uma é da valor da importancia, o outro não só na real as vias de fato da sua negação mas na real a via de fato oposto falsificação.

Pois aqui não estamos a falar do ópio, ou craques do povo, nem dos heróis nem heróinas imperios,

como tal: nem mais, nem menos mas exatamente igual idade do tempo como espaço real, mas pode chamar de idade da consciência, mas não nem perca seu tempo a parar para começar a contar,

Ou como você mesmo bem percebeu naquilo que até parece, mas não é. Porque salvo erro, engano ou na própria ilusão que o poder causa na verdade não são equivalentes em nada e em tudo que importa se diferem, e mesmo no real e ideal, idem e nada valem nem importam nunca mesma coisa, nem mais nem menos, iguais então em logos, qualis ou quantas

exatame

Metauniversalmente no essencial, naquilo que nenhum ato nem sinal nem devidamente integrado seja na ida e volta do ato de cor ao cor da ação.

Reto e direto: No essencial. Pois como você bem notou e anotou, sinomimos até parecem mas substantivamente não são, nem predicados do verbo se fazem.

A resposta sua questão, é sem ofensas, nem queira saber.

E não estou fugindo a pergunta, porque mesmo se eu der a resposta, tanto faz. Ao menos vindo da minha boca. Mesmo dizendo as palavras certas.

Se você não a resposta. Então amo você, porque você é puro.

No essencial. Ou o x da questão. Uma tem feita de, outra não.

Como você bem percebeu e colocou iguais não são, mas poder podem ser tomadas por sinônimas, equivalentes em absolutamente tudo, e portanto em nada serem dif

Como você bem percebeu, há muita ambiguidade mas num exame embora não sejam, eventualmente podem ser tomadas por sin

Reto e direto: No essencial. Exatamente como bem percebeu. Na real, em verdade, fora as aparencias, salvo o próprio erro ou ilusão em tudo diferem e nada equivale. No resto aliás como bem percebeu, até parece, mas não é. em nada próprio daquilo essencial. No resto parecem, na real e ideal, do essencial em verdade tudo se diferem e em nda se equivalem, no demais, aparentemente não, como bem observou parecem,

Reto e direto: Violência. Ou com a precisão lógica da igualdade ou não-diferença, na natureza e artificialidade da suas pazes e amores

A paz da liberdade termina onde a violencia começa, já o poder só começa onde para o bem ou mal este detém a força de fato para por suposto conter a violencia com

violencia, mas serve também para deter ou matar a liberdade. Então, a liberdade disposta a matar não é poderosa, é o poder. O poder que não fere nem mata, mas empodera e liberta sem armas nem armaduras, que nada carece, nem carestia causa, que nada toma, nem por posse, coisa, arma, armadura, mas dá por vida, para viver e vivente, obra, criatura e criança, criação e recreação não é poder mas liberdade, e se poder o fosse ou tivesse outrora sido, ao desarmar-se dele, mas amar-se dela por milagre da transmutação do espírito da coisa pela doação da matéria da água ao vinho, do falso em véraz se tornaria.

Fora o proprio erro

Fora o próprio erro e engano da imagem e aparência e linguagem do poder, nas vias de fato em nada. em nada se equivalem e em tudo diferem. A liberdade plena termina onde a menor das violencias começa, o poder ao contrário onde

Fora o próprio erro e engano das aparições da ideia, imagem, linguagem do poder e suas vias de fato em nada se equivalem e em tudo se diferem.

Literalmente no x da questão, a liber. ou com rigor da equação. Um não só tem, mas dela é o produto, outro parece, vende-s

Sei que não são exatamente esses os termos

Em termos a

A resposta a sua pergunta, é que você não fez uma. Você fez a. Há várias versões dela, algumas muito diferentes, todas equivalentes.

Já foi feita e respondidas de muitas formas diferentes e equivalente e idem assim respondida que as palavras não traduzem.

Cientificamente, não tenho linguagem.

Na própria confusor.

E digo que de cor gravei, para reto e direto responder esta como disse no cor x da sua própria questão aquilo que te angustia. e assim o faz e porque tem coragem e resiste onde tantos já tombaram, como bem disse que percebeu, aquilo que não parece mas é.

Fora as aparições, salvo erro ou engano no essencial: em realidade e ilusão. Pois como você mesmo percebeu sinônimos em tese até podem parecer mas substantivamente antônimos o são, quando na ou no real caímos.

Muito bem o fez você ao refletir sobre

Poderes ou liberdades absolutas

Mas coloquemos a resposta em versos antigos, mas vide e reverso em versão mais atual: em metaverso.

foi-se o tempo como diria o poeta titânico "quem come prego sabe o cu que tem", pois em breve, supondo se mundo houver ao menos a ele, posto que nunca há para quem virar casaco de vison, nem saber mais onde fica o seu próprio rabo, que dirá onde enfiar o prego que não é cruz nem não espada. o poder e liberdade assim como o amor nunca está nas mãos que crê os toma, mas assim nos olhos de quem pensa o vê, basta olhar para o mapa-mundi, olhe para atlas da geografia não natural, mas geopolítica, olhe para atlas do poder mundial, e diga-me o que vê? Os Atlantes tem o mundo em suas mãos ou todo o peso do insustentável destino do Planeta em sua costas?

e

A quem não dá o nenhum valor ou importancia aos atos ou palavras não diferem em nada. Valem a importancia que o outro estiver pagando para ver inclusive como valor de verdade. Já para quem o cor da ação é tudo, e sem cor os atos e palavras não significam nada, não importa o quanto estejam pagando seja para ve-la ouvi-la ou calada no peito como diria a ironia da progandanda do cartão de crédito: não tem preço.

que por suposto que tudo importam ou não valem nada ou vice-versa que nada importam ma não diferem em coisa alguma, e logo são equivalente posto que significado não tem não se diferem em coisa alguma e de fato são equivalentes na real ao mesmo erro ou engano. Já naqueles e àqueles atos que tantas palavras valem e palavras que aos atos, idem, o mesmo valor e significado tem por atribuição da correspondencia dos comunicantes, muito pelo contrário, em tudo por definição se diferem, e em nada são e jamais serão.

ou mais precisamente o parece, mas não é, e o que é mas não aparece: o essencial.

Pois reto e direto é nisto que diferem: no essencial, e portanto, idem não são, nem jamais serão equivalentes, salvo como bem perbeceu, parecem mas não para sempre e a todo instante no essencial, criatividade. E logo equivalentes não são, liberdade da criação.

não como motor ou maquina, intra ou ex-máquina, ou maquinaria, mas harmonica, entre criador-obra-

É na real é ideia, no real o ideal, dado, e fato a propria vida da liberdade, e a liberdade da vida, é tem e gera, o poder não.

primeira tem na liber a raiz da função integral criativa que gera a unidade de si

mesma em qualis e quantas liberdades. O último não.

tem a ordem criativa

ordem, integral, unidade da ação e função das qualis e quantas seu própria função ser e estar enquanto moto ou giro, ou tropos,

Reto e direto: em tudo essencia

Sem fugir a sua pergunta, mas já a respondendo, deixei eu lhe contar um segredo, sobre retórica. Já percebeu que todo canalha linguarudo, mesmo mal formado como eu, tem sempre uma resposta pronta?

Porque se reto e direto, a resposta da sua questão há que ser numa palavra-chave dada de cor porque do x da questão é o próprio ato, o espirito da coisa, o cor-da-ação que não carne, senha, enigma, esfinge nem criptografia mas literalmente o cor-da-ação, o pulsar do circular é a própria: a função.

Em verdade e essencia, absoluta e relativamente da prima-tese a última-prática em tudo e nada.

Pois retire a corrupte-la da unidade de tempo e ou espaço da liber e terá o própria raio da raiz do principio criador, que não é um número imaginário, nem uma hipotese, mas a própria alfa e omega como hipotenusa dessa triangulação do real, que não é um produto da máquina, nem da maquinaria do poder, nem dos todos poderosos, mas sim dele enquanto o principio e finalidade criadora e criativa da liberdade do atmo a atmoesfera da sua imagem e semelhanças em filamentos de filo-tropias:

E isto não é um jogo de palavras, ou um paradoxo, mas sinceramente o cor não da doxa do x dessa questão. mas da minha atos sobre. Pois como também confesso, embora a nem prosa latino americano soue

Em valores, importancias, grandezas, magnitudes e só não digo absolutamente de tudo, porque idem relativamente em nada, idem, são, tem, nem se fazem, mas que inclusive valores de verdade, e Não tem as mesmas, nem sequer o são em nada, nem a ninguém. Em verdade,

nem substantancia nem o predicado.

Que entendo, sejam relativos a cada pessoa, e não raro, pelas mesmas palavras não só parecem, mas são usadas e entendidas substantiva ou predicatóriamente como sinonimas, sem maiores

por sinal de cor gravei, para com ele e elas a mãos sem duvidas nem erro conseguir respondê-las de pronto, E sem digressão assim o faço. conforme dito numa única palavra: é literalmente de coragem que tais perguntas sobre as liberdades são feitas e sem não podem jamais ser, em verdade, respondidas, nem correspondidas, não na

essencia, do próprio cor, da ação.

Reta e direta, a resposta numa única palavra-chave é também a de cor. Em essência e essencial, em Tropa no Tropos. Nela ou nele, desde o principio em tudo diferem até o fim nada se equivalem. Mas não se pode negar que no meio

No tropos, mas pode chamar do giro, por falar em motos e motores, da própria roda da vida, e raiz e o raios da própria imaginação enquanto hipotenusa da obra enquanto a função trabalho do próprio alfa e omega.

posto que não só a terra não é plana, mas não só mundo gira, mas é universo que não só expira do alfa ao omega ma literalmente expirá-la em filamentos do x da questão, dessa linguagem que que a do filo-tropa do tetis à práxis pela raiz do que não é negativo, nem mera imaginação, mas a própria hipotese ou musa, do alfa e omega elevada a n-dimensões se diferem em tudo, e não se equivalem em nada.

Pela ordem o que não é caos, e que ao contrário se diz, em verdade ordem, e até parece mas não é.

Eis como, por sinal e de cor as decorei, aqui e nele. Para sem dúvidas nem errm com ambos as mãos conseguir de fato reto e direto tanto em velocidade e precisão quanto em retidão e destreza ir ao x das questão. Pois canhoto o sou, e embora não pareça como literalmente a resposta que busca, a esquerda estou e sei que é literalmente de coragem que tais perguntas sobre as liberdades são feitas e sem elas as respostas não podem jamais ser, em verdade, respondidas, nem correspondidas, não na essência o próprio cor da ação. E nisto não há enigmas, nem digressões, mas o trivialidades, porque como você bem observou.

Logo salvo

Liberdade e Poder, em que se diferem? E enfim... não se equivalem?

Por sinal e de cor assim guardei. Eia-las: Liberdade e Poder, em que se diferem? E enfim... não se equivalem?

Liberdade e Poder,

E se por sinal, não só faço questão de enfatizar a questão, mas o sinal porque de cor de fato as marquei e decorei aqui e nele, para às mãos, sem dúvidas, nem erros conseguir não só reto e direto, mas com retidão e destreza, embora canhoto como ela e o próprio core em verdade o seja. Porque é literalmente de coragem coração que tais perguntas sobre as liberdades são feitas. E sem ele e elas não podem jamais ser, em verdade, com, respondidas.

aqui e nele, para literalmente com ele as mãos sem erro nem dúvida conseguir respondê-las como dito reto e direto, em deixar o meu das mãos:

logo reto e direto no essencial, ou seja, nele, no core.

No Essencial. Pois, salvo naquilo que parece mas não é, e muito confusão causa, aliás como bem percebeu, em tudo se diferem, e nada equivalem. Mas que o dito cujo, engana bem, isto engana. E quem nunca enganado por ele foi que atire a primeira pedra.

Porque o quê viste no jogo de espelho da recursividade das suas reflexões e bem tão traduziste em seus questionamentos, no desconfiar de percepção ssa, muitos poucos ta tiveram para buscar, e menos ainda para encarar. é o assombro e perplexidade dos mais frios profundos calares e falassers que de fato disso fatous moraganos não passam, mas imaginação portanto já não mais portanto o são.

Monta-se e desmonta-se eremonta-se o quebra-cabeça e o no final, lá está o maldito retrato de dorian gray, o poder como liberdade, e vide verso a liberdade como poder. Pois dos casos do parece mas não é, se não é próprio, com certeza dos primeiros e mais antigos (e infames) do mundo ou pelo menos das suas narrativas arquetípicas o é.

Das divinas comédias é portanto o comediante, o dantesco. Pois não se trata apenas de ideias sobre coisas parecidas, mas sim da própria, ou mais precisamente do próprio, o tal "coisa parecida". Que o diga a poeta na voz de golpel latinoamericano belchioriono é espírito da hora... do al moço.

Pois propaganda enganoso é o pai. Do jogo de cena é a ilusão. Dos contratos, Fausto. Dos paraísos perdidos, a cobra. Mas da comédia, a próprio roda da fortuna, a propria iludibriação hereditária.

Estranho mesmo, seria se assim não parecesse afinal essa é a ideia da coisa, ou mais precisamente o proposito da coisa enquanto uma ideia: enganar. E salvo erro,

ilusão ou a própria engano fenomenal, o poder quando uma mentira descarada, por liberdade de falsidade lógica e ideológica da liberdade é a primeiro artifício que se fez máquina e maquinária. Mas que confunde bem, como você muito bem observou, isto não se pode negar, confunde. E quem nunca, que atire a primeira pedra. Esta é sua função da suas propriedades.

Porque sem a pregisticção, quando a mascarará a coisa fica nua e bem feia, e não há mais males que vem para o bem, nem mais bens tomados por mal. Pois a ideia de Poder não só não é veraz, mas sendo verossímil e verossimelhante é a miragem das liberdades, a pior das formas de negação posto que que é a perversão da sua verdadeira liberdade enquanto a imagem e semelhança que ao se passar pela verdadeira pulsão libertária da vida sem de fato o sê-la, mata não só as verdades da vida e liberdades, mas as próprias. É um meme maldito, ou o placa de precipite-se na beira do precipicio. O sinal de siga em frente a beira do abismo, de salte porque o poder é super e de dará asas para voar. SÓ QUE NÃO. Enfim, não apenas uma erro num mensagem enviada na hora errada no lugar errados a pessoa errada, mas a arte ou mais precisamente o artifício do fazer esta desordem destrutiva absurda passar-se pela própria ordem natural, normal, naturalizá-la, banalizá-la, enquanto se perverte desnatura a própria lei natural como anormal.

E perdões pois eis as digressões, então reto e e direito, no que deveria(?) ser o evidente, mas não é, respondo: diferente e não são equivalente portanto no próprio x da questão: o essencial, e que o bardos idem, pois não é ser ou não ser, mas os fazeres das pazes e amores que por sinal, não só afazeres o são, mas os tais: sinais enquanto do cor na ação, e da ação no cor do sinal, que de um atmo de nada senão de uma visão de uma tese, forma toda uma esfera de práticas quando elevadas justamente pela raiz do inverso do que não é mais isto a negação da imaginação multiplicada pela práxis pela própria progressão da ordem natural. Ou como diria o pedagogo não meras palavras ou ações, mas a própria palavração enquanto gesto da mensagem em ação e da ação em mensagem.

Ou traduzindo, do alfa ao omega, do principio ao fim, da tese à prática, o principio da liberdade da criativa como não de fato como o é a ordem natural do create e recreare ação a da vida em na raiz do raio dessa onda atmoesferica que nada phode posto que é a próprio principio criador do verdadeiro trabalho, ou obra sem idade, unidade nem fim: liber. A mais bela criação da próprio criador, da vida a liber e da liber a vida, eis a função integral metamatemática integral da existencia do qual o a ideia de poder não pertence nem como quali, quanta, nem operador lógico, é uma falácia lógica e a própria falsificação ideológica da episteme dos fenômenos, inserida portanto na própria tradução da real em ideia, isto é, na própria linguagem de programação do entendimento como tal, a desinteligencia artificial enquanto a natural. E da fisica a destropia que se passa pelo próprios tropos. a paralisia destropica a desintegração pura de se diz a organização e não só filo-tropia passa, mas incrimina a própria criação e liberdade criativa e do criador bem como as suas obras e criaturas como se caóticas o fossem.

Entendo, suas dúvidas, se corretamente interpreto , como você bem percebeu em

suas reflexões da seguinte como podem parecer, se por evidente não são.

São tantas. Começemos, pela mais perigosa de todas. Não use, mas nem de tabela. Poder é uma droga. É dos casos de propaganda enganosa senão o próprio, o proto ou o primeiro, certamente um dos mais antigos e infames do mundo.

. Poder é a droga metasintética mais viciante e alucinógena que o coitado só de sonhar dormindo ou acordado com ele já barato. é a cocaína e não só dos ricos e poderosos, mas também com suas formas mais baratas, e os

No essencial. Dos casos daquilo que "parece, mas não é", é o um dos mais antigos e infames do mundo, se não for o próprio, é um dos primeiros da propaganda enganosa, antes mesmo que do engano da sua pseudo-invenção. Pois salvo erro, ilusão ou a própria engano fenomenal, o poder quando uma mentira descarada, por liberdade de falsidade lógica e ideológica da liberdade não passa. Mas que confunde bem, como você muito bem observou, isto não se pode negar, confunde. E quem nunca, que atire a primeira pedra. Monta-se e desmonta-se o quebra-cabeça e o ao final, lá está o maldito retrato de dorian gray, o poder como liberdade, ou vide verso a liberdade como poder. E como não? Estranho mesmo, seria se assim não parecesse afinal essa é a ideia da coisa, ou mais precisamente o propósito da coisa enquanto uma ideia: enganar.

Porque sem enganação, quando a máscara a coisa fica nua e bem feia, e não há mais males que vem para o bem, nem mais bens tomados por mal.

Do jogo de cena é a ilusão. Dos contratos, Fausto. Dos paraísos perdidos, a cobra. Mas da divina comédia, a próprio roda da fortuna, a própria iludibriação. Pois a ideia de Poder não só não é veraz, mas sendo verossímil e verossimilhante é a miragem das liberdades, a pior das formas de negação posto que que é a perversão da sua verdadeira liberdade enquanto a imagem e semelhança que ao se passar pela verdadeira pulsão libertária da vida sem de fato o sê-la, mata não só as verdades da vida e liberdades, mas as próprias. É um meme maldito, ou o placa de precipite-se na beira do precipício. O sinal de siga em frente a beira do abismo, de salte porque o poder é super e de dará asas para voar. SÓ QUE NÃO. Enfim, não apenas uma erro num mensagem enviada na hora errada no lugar errados a pessoa errada, mas a arte ou mais precisamente o artifício do fazer esta desordem destrutiva absurda passar-se pela própria ordem natural, normal, naturalizá-la, banalizá-la, enquanto se perverte desnatura a própria lei natural como anormal.

Existe portanto o poder de fato, e a sua ideia que em tudo tenta se assemelhar a liberdade, e a contrasensualmente da própria libertação dos males do própria relação de poder. Eis a sua função em tese, ou ideia, que em tudo não só contrária, mas é impossível de consiliar com a práxis. Eis o porque toda projeto, projeção, equação, ou equalização, equivalencia, nunca ao final das contas ou calculo bate ou rigorosamente traduz a realidade, não faz correspondencia, porque não tem nenhuma. Porque dos conjuntos universo que supostamente se apresenta como representação é a falsificação. Note que Poder não se diferencia da Liberdade porque não seja logicamente equivalente, mas justamente porque é operação linguistica tanto qualitativa quanto quantitativa, que falseia ou adultera a própria linguagem no campo das próprios abstrações substantivações e predicações sobre as quais

fazemos as distinções dos campos e entidades quanto das operações das correlacionais sobre as quais estabelecemos as grandezas e magnitudes, das aproximações das maioranças e menoranças entre tais igualdades diferenças subjetivas dos entes assim sujeitados ou discriminados a objetos para efeito ou função da ciência ou saberes uns dos outros.

Poder executivo, tem portanto muito mais relação com os ponteiros de um relógio, ou sextante de um navegador do que as falsas escolhas de um comprador ou vendedores de um mercado. Pertence ao plano das esferas de uma outra economia, a da triangulações destes ciclos que vão das perceptivas às práticas, ou de um ponto tético de projeção, ao azimutz da trajetória da historicidade do espaço-tempo formado pelo arcos dos raios de uma vida que são a própria raiz da sua liberdade que alfa e omega, mas não idade, posto que os rastros são atemporais.

Sei que assim descrito, parece pura metafísica, mas não é, é metamatemática, porque a metafísica já é outro campo, onde a metainformática, tem auxiliado inclusive na criação dos metamateriais. É neste sentido mais profundo entre a episteme dos fenomenos e a sua lógica que esta a resposta da sua pergunta inclusive numa única palavra-chave: en-tropia. Caos e ordem, poder e liberdade se diferenciam na real, como ideias ou já como coisas nisto.

Poder portanto é uma coisa, sua ideia é outra, mais precisamente passar-se pelo oposto do que é. É portanto, dialética pura, tudo o contrário do que afirma-se sê-lo, e portanto não raro nem mais se transveste de liberdade mas assumisse as vestes do mal necessário que vem para o bem, ou para o mal menor. Assim o procede não apenas sequestrando, e pilhando e escravizando gentes, mas renegando, pervertendo a essência da sua própria liberdade: a criatividade, a criação, e recreação e de preferência na inocência da sua máxima potência: do criador: as crianças, do útero não só materno, mas da próprio principio criador até a sua anulação enquanto tal seja como objeto de consumo-consumidores, o trabalho primordial da engorda daqueles que serão consumidos na sociedades das máquinas de motores de queima por combustão de todos os elementos que o moto (da condenação) perpetuo deste aparelho escatológico-holocaustico.

Seria portanto essa a função do poder enquanto tese ou ideia, ser uma pseudo-paisagem da liberdade, o um fato marginal do próprio deserto que se constitui como miragem da liberdade que não é a própria negação, ou seja dos erros dos errantes, porque errar humano está, o capital. Porque no tempo perdido é tropos, a volta que não volta. Mas não é. Porque com rigos matemático poder não função, mas não é uma. Não é o x de nenhum y. Nem o y de nenhum x. Não produz, nem reproduz laços nem relações, desfaz. É o atrito, a discordância e a desinteligência quando não vendida e comprando pelos incautos como solução, por bem o é então sem mais confusão por mal imposta por aquilo que sempre o foi o lastro agora não mais do negócio e negócio, que não é ouro nem prata, mas o porrete. É os dizeres sempre presentes de pazes e amores, para encobrir os fazeres passados e futuros em contrário. Um latrocínio precedido e seguido de estupro, mas não no qual se manda flores antes para a vítima e depois para o memento ou monumento da necrofagia das famílias se é que descendentes sobram. Em outras palavras é a lei dos Casacos de Pele, há algo sempre de podre no reinos e não só da Dinamarca, e enterrar não adianta,

porque como num petcemety, mosha vive, já os homens de turing, ou humunculos de zumbis-filosoficos não mais. E gagagareey.

Em tese, não se consegue, portanto, se livrar do poder, porque como se vê a construção da própria linguagem está não só substantivamente mas matematicamente viciado, como dados desonestos por tais noologia. Não importa se é do bom senso ou bem comum, se é objeto de boa ou má fé ou ciencia, ao govenro do bom juizo ou já o da apologia a loucura ou pulsão ou elegia da pulsão e compulsão compusória a morte nem mais como geno mas ominiscidio, seja como narrativa teogonica, teoria científica, variante ou constante cosmológica ou teológica, tanto faz, inclusive o método, porque o principio ou ausencia de para as finalidade são os mesmos. Não há diferenças, porque não há chances nem possibilidades de igualdades. E não se pode sequer com rigor falar em desigualdades entre tais magnitudes de tais grandezas porque não são conceitos nem muito menos fenomenos como correspondencias de mesmas valencias, propriedades, ou sequer valores não só de verdade ou igualdade mas da própria valoração em si, não pode-se dar formula, equação salvo com sentido, senão para produzir o próprio, novamente a conjectura e indução ao erro, àquilo que é por definição a desintegração do sinal e não sua inversão dos polos, porque tal inversão dos giros, ou tropos, também como fenômeno da esquerda para direita pertence a ordem natural criativa da liberdade e não a destrutiva da mesma enquanto impostura do artificio dapesdo-força de fato ou ilusionismo charlatão: poder.

Porque força de fato, enquanto causa e efeito é como a autoorganização é aquela que não se move nem se faz, porque empurrada, mas inclusive apesar da falta de, ou de todas as forças em contrário, que não raro, entropicas podem e o são, transformadas em tropos. Mas não porque sejam opostas, ou favoráveis, essa é a principal diferencia de uma organismo livre e um não, todo poderoso ou não, o primeiro, não importa o sinal nem a direção nem a recursividade das forças, se fechada ou abertas, tudo e todas os retroalimentam, até porque nada é e nada tem, logo se do nada não se faz, nada seria. Já o todo poderoso é não é só falsificação, mas uma ideia fraca, para manifestar toda a potencia da liber da criação, que não tem limites nem de lugares comuns que dirá de uni-ou i- dades, ou i- magens, até porque não é mera projeção, ou raiz de um número imaginário, mas o tempo real, como o atemporal em si. Criare é em si a própria pattern da Liber.

E não só separar, mas expropriar a substancia primeira da criação, esse potencia enquanto ato, o próprio principio criador, é em si o erro da megalomania do desejo de se apoderar desse. afinal esta justamente o proposito da ideia de e do poder, a saber se passar por liberdade, eis sua função, e senão funciona como tal perde-se sua força enquanto tal e resta apenas a sua verdadeira face enquanto força de fato: a das desinteligencia da violencia e violação. Ou seja a completa ausencia de consensualidades. Em suma, poder é mácula nas relações de liberdade. É sua violação, violencia, deturpação e adulteração e sobretudo desintegração. Onde há um nódulo de poder numa relação, onde portanto não há veracidade, consensualidade não só há um cancer, mas o fedor do necrochorume escatologia holocaustica da necrocapitalização da canibalização da vida em morte.

Se poder fosse uma grandeza monetizável mas qualidade de magnitude fenomenal

intercambiáveis e não i-maginário: nem todo o conjunto universo das unidade de medida ou quanta de poder somadas reiteradamente ao infinito mais 1, as phoderidades valeria zero unidades de liber, ou liberdades, que dirá a raiz dessa quali e quantas da pluralidade e multiplicidade da própria do raio da criatividade: a liber.

Havemos de lembrar que há quem não se incomode nenhum pouco em não ver nenhuma diferença ou sequer refletir se há ou não. Muito pelo contrário, muito satisfeitos estão que se iguais ou equivalentes não o sejam, também devidamente diferenciados não estejam, e muito confusos e difusos assim continuem a estar. E os incomodos enquanto não o forem por tamanha confusão que se mudem ou danem.

Em outras palavras, quero dizer com isto, que seu questionamento, nem sequer sentido faz para quem não tem interesse, ou até faz mas é o contrário. Não interessa estabelecer noções.

Porque Rigorosamente como fenomeno subtraído o erro, engano e a ilusão que o constitui o seu valor subjetivo poder não tem objetivamente nenhum. Nenhuma unidade de Poder em ou mesmo totalidade infinita vale nenhuma sequer zero liber que nem n liberdades. Zero unidades de quali-quanta de liber ou liberdades é o que vale os n-phoderes. E não estou brincando com as raizes das palavras, não mesmo. Poder não tem quali, quanta, nem portanto valor de. Nem muito valencia Liber. Não é funciona, e não se equaciona em função nem como causa ou efeito vide ou verso, reverso, salvo como para desfeito como desengano, deilusão e logo correção.

poderes e liberdades de compra, venda, execuções não são posições, mas rigorosamente imposições e imposturas dadas como opções ao agente que não é livre nem poder ou posse tem sobre esse valores. decidir as opções de mercado, mas definir o valores sobre o que se pode ou não ser objeto de negócio ao sujeito do ócio,

que irão definir as leis da oferta e procura, mas sobretudo definir os não só dononimadores dos (bens) comuns mas dos próprios valores das ações e titulos. Isto é, o valor das coisas e suas representações que irão gerar a (in)consequentemente valoração do cambio de precificação entre o mundo da economias monetarias-financeiras irrealis e sua ecologia dos entes e fenomenos reais.

Podem até roubar e matar, podem até colocar a venda, e comprar, mas quem compra não leva, e quem vende não entrega, pois ou se engana, é enganado ou ambos para serem desenganados pela realidade, na qual há certas coisas, incluso as palavras que são ação e a ação que são palavras como diria o filosofo da palavração que não nem mesmo os banqueiros ou professores dos pobres, podem bancarizar que dirá professar, porque deles e com eles só fazem aprender não ensinar. Sobretudo, aqueles que nada de nada tem, nem mesmo mais a vida.

Porque a certas coisas, e nelas sobretudo as palavras enquanto sinais-ação e os sinais-ação não coloco a venda, e mesmo colocadas no mercado, Evidente que depende das circunstancias. E portanto do significado que as palavras carregam

conforme o contexto. Em geral, não significam absolutamente nada de mais e cada vez menos de comunhão tanto para falante quanto ao ouvinte. Da função sigma entre x e y tem esse primeiro denominador comum intermediado pelo real. Ambos não passam de um mero ABRACADABRA sem sentido, que nada podem livrar-nos de nenhum mal que dirá qualquer bem feito realizar.

Ou em termos físicos, mais precisamente das leis da termodinâmica: mais precisamente a segunda, na qual nada, de matéria ou energia não só cria ou destrói, não se forma, mas só transforma, porém não sem a queima das combustão nem o esfriamento.

Há substâncias que como água e óleo simplesmente não se misturam, outras tanto pior, sim, mas não deveriam. Pois uma vez confundidas e misturadas é praticamente impossível não só separá-las, mas distingui-las, não a tempo para perceber ou dano tóxico fatal que causam, nem sequer parar aquele que continuarão a causar, reparar então praticamente impossível. São formulação portanto não tóxicas, mas que com o clima do tempo e lugares, e clima dos lugares ao longo do tempo, se tornam explosivas, a funcionar portanto, narrativas escatológicas fora, como verdadeiras bombas relógios ou relógios do fim do mundo, até porque nos confins do mundo, juízo de finais, não é um tempo, nem um clima, quebrada, sem nome, nem endereço, onde o tempo não anda, mas já parou, mas faz tempo.

Ou em outras palavras são conceitos que fugidios a experimento mental de projeção máximos para efeito de contraste para termos absolutos, eles parecem, sinônimos.

Liberdade e Poder absoluto não só são ambigualmente equivalentes em termos linguísticos quando da introdução semiótica de termos absoluto, como fenomenologicamente tendem de fato a a integrar-se ou vir-se a ser em aproximações infinitesimais na mesma coisa, sem nunca chegar lá, uma nulidade total, isto é, a própria, totalidade da desitegração, físico-matemática do zero absoluto. Tem uma alemão professor de matemática no youtoba que explica, mais ou menos isto, isto de forma muito divertida.

De qualquer forma, não é a toa que os percebeu sinônimos. Em termos absolutos tudo portanto tende ao total, ao tudo ou nada, e se você pertence ao conjunto dos elementos que não são nada, ou ninguém aos olhos dos que são tudo, ou vice-versa, o que teria é apenas um conjunto unidade de apenas uma coisa infinita sem nenhuma forma, posto que sequer nenhum ponto contraverso, mas pode chamar pelo nome popular ou erudito, nada, ou vácuo... aparente. ou ilusoriamente. E digo aparentemente, ou ilusoriamente.

Antes de mais nada é natural que liberdade e poder se confundam, ou rigorosamente poder seja confundido com liberdade, é linguisticamente feito para isso. É sua função de sinal é a inversiva nas representações do real, ou mais precisamente a desinformacional nas comunicações. Em outras palavras o poder que não confunde e perverte é como um comercial sincero sobre um precipício: não é vende o produto, é sinal de perigo. Porém isto é o trivial. É lógico que o poder se passa e traveste de liberdade e escreve em seus placas dos seus precipícios para nos jogar de cabeça como se liberdades o fossem e voar assim pudéssemos. O porque os olhos nos traem é a questão? Se o poder assim como a mentira é feito da própria adulteração da

liberdade enquanto verdade, como consegue tão facilmente se passar a todo tempo e reiterada pela mesma? Porque tanto a co-fusão quanto di-versão e p-versão deles não está inscritos só nos signos do real, mas nos estigmas da mente, tanto na linguagem, quanto na e-moção que vai produção sua linguagens, leituras e alfabetismo servo-funcionais quanto analfabetismo liberto-relacionais, isto é, disfuncionais para o que é inrelativo ao absolutismo totalitario.

*Eis o truque do ilusionista que manipula o verbo. Posso ou sou livre para. Sou grato, ou obrigado? É graça, engraçado, ou gratuito? Adultere o conceito e a matemática vai para o saco. E errático é o quanta sem o quali, do nóstico de coisa comum que não é nostra, e eis que os picas das galaxias, e viram holandezes voradores ou cosmonautas fantasmas nas odisseias desconsideral de inscontelares das i-
numanidades.*

Não há semantica para traduzir os fenômenos que dirá semiótica para significá-los dentro desta sintaxe destas lógicas de programação artificial da inteligencias desnaturadas em sua empatia. Então não é a toa por exemplo, que as pessoas note quando reinvidam suas liberdades mundo a fora, a tratem como um compartilhar onde sua teoria dos jogos não implica em um dar assistencia ou passar a bola, mas todos como crianças minimadas a não querer dividir a bola para não ser jamais o ultimo a ser escolhido, uma dificuldade enorme em lidar não só com adversidade, mas com a próprio rejeição dos seus privilégios, enquanto não param de reproduzir a dejeição e rejeição e tratar as sujeitar as pessoas rejeitadas e dejeitadas como se lixo e meros lixeiros a serviço delas o fossem na divisão internacional e nacional do trabalho, sempre prontas a limpar a sujeira e maximizar seu lucros agora disfarçados de patrimonio da humanidade mas do Planeta.

Logo a escravidão de fato é a ausência de ambos, mas no sentido profundo e completo, de não ter nenhuma liberdade absoluta nem poder total, pois aquele que os detem ou por ele é detido esteja numa relação, ou sozinho dentro de um enorme buraco negro foi tragado, posto que o absoluto é físico-matemáticamente a representação quali do quanta do zero ou infinito que no limite são a geo ou trigonométricamente a mesma coisa, isto é, teoricamente o paradoxo do tudo de uma mesma coisa, que por falta de constraste é um nada de coisa alguma, o tudo para nada, e nada de tudo simultaneamente, o que não é veja bem sequer um big bang, posto que este não é um todo ou nem um vazio absoluto, mas um horizonte de eventos infinitamente minuscuro diante de uma quantidade de massa, ou vir a ser infinitamente gigantesca, uma explosão akastica ou cosmogónica criativa por definição, não necessariamente entropica ou caótica, nem deterministica, mas da ordem da simples ao complexo. vide o raio de swrfdd. Então do ponto de vista físico o absoluto, enquanto horizonte de eventos enquanto recorte espaço temporal do nosso conjunto universo da materialidade conhecida é uma ideia ou abstração de uma grandeza de magnitude não só qualitativa razoavelmente bem mensurável, mas já razoavelmente teorizada e medida tanto do ponto de vista microscópico quanto astronomico desde de tempos antigos naquilo que se denomina por geo ou esferas e triangulos metrias, que incorporadas foram tanto a nossos aos primordios dos nossos alfabetos grego-latinos quanto aos formulações físico-matematicas desde dos pequenos atmos particulas ondas de matéria quanto das grandes planetas, ou melhor esferetas atmosfericas de vidas e humanidades como a nossa Terra.

Retroagindo assim ao principio do alfa ao omegoa, passando pela prática e as teses a linguagem tem um sentido tanto original quanto outro adulterado dependendo da finalidade, aos quais são passíveis não só de formulação de calculo para efeito de projeção, mas de projetos seja de poder ou libertas da ação.

Com o tempo, a liberdade passou a se ocupar tão somente de se livrar das formas nocivas ou cancerigenas de organização que aquelas chamadas de poder se impuseram, e nisto perderam o seu sentido primordial, de ordem, como passaram a significar justamente o inverso. Poder passou a ter o sentido de ordenação, quando em verdade nada produz além de destruição e entropia, e a liberdade passou a ser não só a ser escravizada neste processo mas morta.

em todos os sentidos do ser tragado, e desintregar-se nessa não-relação, que é o próprio ouroboros, onde todos enfiam a cabeça no próprio rabo até devorar-se uns aos outros instestivamente, julgando-se ego-megalogamente o centro do universo enquanto monodas leibinizas sem janelas. Nada nem mesmo as torturas do inferno são piores do que essa condição zumbitismo-filosófico. Se um existe quem as busca há de bater as suas portas pedindo guarida para sentar no ultimo circulo da própria boca do cramunhão apenas para sair desse estado infindavel de desintegração materialista, porque nem as piores dores do mundo, ou além, são mais terríveis do que nada desse infinito desintegração holocaustica escatologica pusilamente necrochorumenta que é o poder em seus estagios absolutos de pulsilanimidade mortal. Por definição mitológica só existe uma entidade arquética que desprovida de todo o amor decaiu em tal condição de tédio eterno: o demirgo ou diabo que padece da solidão eternas consigo mesmo, e mesmo multiplicando-se a infinita potencia ao infinito, só se diminui, e eliminando-se até atingir a unidade volta ao mesmo lugar nenhum, o espelhamento recursividade da eterna coisa alguma. Eis o exemplo do arquétipo do pacto de fausto, a falsa liberdade, aquela onde aquele julgando-se libertar-se, decai num poço sem fim, porque toma por arcabouço o que seu chão e céu. Por isto, que liberdade não é nem nunca foi um posso, mas um dever, uma ordem uma responsabilidade um profundo estado de governança, e filo tropia por natureza, enquanto o poder pelo contrário, enquanto se vendia como o oposto, é a entropia por artificio e desnaturação da lei e ordem natural. Vide toda a merda que vai nos extinguir escravos dessa ilusão perversa do que é tão simples amor a vida ou a criação e recriação.

Espero que a mistura que faço por exemplo essa matéria do cientista brasileiro que fala sobre o mito de Cam. E o mapeamento genômico brasileiro.

Pois é no principio o Verbo. 300 mil. Mas eis que retorno ao começo do escrito, um tornado de entulho, e o macaco no piano. e emendo com essa famoso.

Em suma, não é só uma troca de palavras orwelianas de novilinguas, mas de infusão conceitual de valores diretamente na própria quali-quanta durante não só a traduções do real, mas a própria forma da ação alfa-numérica que constituinte das alfabetizações para a vida em comunhão ou descomunhão consensual de paz ou não.

Se entendido no entendo a escravidão como a ausência de poder ou liberdade absolutas, isto é de impedimentos para fazer qualquer coisa, isto é em si não só um erro da programação linguística do uso propositamente ambíguo e confuso das palavras, aliás todas, como direitos, justiça, mas literalmente uma armadilha, pois são como a maçã, você não vai se libertar, nem tornar um rei dos reis, mas se foder, vai perder o paraíso, aliás já perdeu, creia ou não em deus e o diabo na terra do sol. Porque o verbo ou o código não só genético mas ontogenealógico desse metamaterialidade não é objeto de engenharia reversa.

A tal árvore da vida, ou o livro, leia-se o liber da vida e da morte, uma contabilidade feita da auditoria transcendental, nada ao que parece a nova era do rádio ressonância cosmológica não possa rastrear ao menos as pegadas que não são de carbono nem de matéria, mas estão escuro, não se consegue depois de quebra-la simplesmente remontar o quebra-cabeça, porque a lei da termodinâmica impede.

Não há sequer meios abstratos para efetuar tais abstrações de tais funções desintegradas, que dirá então concretos para efetuar a operações de tal função deverida como se a própria integral da progressão natural do real o fosse. Essas matemáticas da física simplesmente não compreendem a natureza da natureza, porque está não pertence as teorias dos conjuntos máquinas ou ex-máquinas. Mas ao além.

Quando o poder absoluto são iguais apenas em uma coisa, ambos são uma ficção. O absoluto não existe cientificamente nos períodos empiricamente observáveis das transformações da matéria e energia, e quanto mais se aproximam deste estado ou estágio da materialidade mais se configuram naquilo que de fato o são idênticos em grandeza um zero e o infinito do absolutamente tudo ou nada, pois rigidamente sem contraste tanto o faz, da mesma substância não só sem nenhum sinal de contradição material contrária ao seu estado ou movimento, mas a sua própria existência como tal, e nisto o próprio vazio da contradição materialista perfeita e logo impossível, a existência da forma sem informação, ou da substância sem substrato, a aparência sem essência,

ouvir o que não deveria, para fazer dizer nem calar declaração impostas, ou declaração de impostos, que dirá signos, ídolos ou qualquer ou representação veras ou nem tanto do real, como meio de uso, troca, correspondência nem da veiculação, propaganda, propagação ou deseducação, arcabouço, salvaguarda, que dirá então como emissão dono e proprietário do que simplesmente não pertence.

LOGO:

A. poder absoluto não é liberdade total. Escravidão não é ausência nem de um de outro.

B. logo poder aquisitivo não é liberdade de compra, mas a capacidade precificar.

C. a performance seja como Trabalho de um motor é não é dada pelo Poder nem pela força mas pela Potência.

Mas vamos a pergunta da qual todas as outras se respondem mais facilmente a

diferença entre poder absoluto ou liberdade total. Vamos colocar assim se deus ou o diabo fizesse essa pergunta qual seria sua escolha? Ou em outros termos se fosse uma questão de vida ou morte qual seria sua opção? E se assim pergunto, porque se por desventura você se colocar ou colocar de fato em tal dilema que aqui é objeto apenas da reflexão é importante perceber que você estaria diante do instante derradeiro do x da própria questão existencial do tudo e do nada. É uma pegadinha, você entendeu sua percepção está correta, poder absoluto e liberdade total, tanto faz, dão no mesmo lugar, isto é implica em lugar nenhum, eliminam o espaço-tempo do outro. Ou se pertence ao conjunto unirse daqueles que são e pertence ao absoluto ou não se é nada. Corte esse dilema com a espada de Alexandre. O conceito de absoluto e totalidade, ou mesmo de perfeição, completude, enfim todo o conjunto universo que remeta a uma quantidade de qualquer qualidade que implica por definição ou na inclusão se e somente se como elemento igual ou então exclusão dos diferente como não-ser, é a negação da alteralidade e diversidade e portanto da liberdade. E mais, o poder absoluto ou a liberdade total dentro de uma definição físico-matemática forte, redundam todo em absolutamente nada.

Posto que na medida que o mais perfeito dos poderes absolutos ou liberdades totais, não é plural, mas absolutamente uno e idêntico a si mesmo, não admitindo por definição nada distinto que negue por simplesmente existir a sua condição absoluta e total. Se por exemplo o universo fosse feito a imagem e semelhança da geometria euclidiana, haveria ou o ponto infinito ou espaço infinito, porque um ponto no espaço já negação da totalidade de todos os pontos vazios da matriz plano. E um único espaço vazio fora do ponto a negação da totalidade do universo enquanto ponto. Em palavras e não imagens, o absoluto e totalidade são fantasias de maximização de poderes ou liberdades que redundam em absurdos. ou vazios perfeitos, porque o todo perfeito sem contraste com nada, é com o ser sem o não ser, é não é zero absoluto, ou a nulidade perfeita.

Em matemática isso é equivalente a dividir por zero, cujo resultado é resultado indeterminado mas rigorosamente uma quantidade infinita desse totalidade a qual não presta a ciência de determinar (epistemologicamente) a qualidade de coisa (fenomenologicamente) nenhuma. É um uso da linguagem válido dentro dos contextos, mas quando você busca definições mais rigorosas e aprofundadas você precisa fazer tais distinções porque não literalmente não traduzem o real enquanto expressão do poder e liberdade enquanto fenômenos, isto é relações de causa e efeito entre os seres e eventos seja como estado ou dinâmica.

O poder absoluto ou liberdade total neste sentido são uma ilusão não do campo da percepção sensorial ou seja da ótica, mas mais precisamente da semiótica. Bem como suas falsas distinções Que liberdade ou poderes sem limites de fato ao outro sempre implica em nenhuma para quem sofre e vai inevitavelmente morrer se não ser eliminando enquanto em lidar com elementos que assim se comporta com se uma divindade toda poderosa fosse isto é óbvio, um pouco mais difícil de exerguar e não só para o próprio que se entende como tal ou assim pensa, é como ou porque isto também implica em autodestruição mas em sua anulação em todos os sentidos existenciais e valores de verdade, independente da reação ou não-reação, isto é independente das variantes, posto que seu comportamento é constante e o resultado sempre o determinado tendendo ao absoluto, ou o nada. Um ente com função

voltada existencia retrovertida, isto fechada em si mesma, não tem função existencial.

De forma absoluta nenhuma entidade rigosomanete tida por absoluta por definição pode ter existencia material. Toda materialização se dá em relação de uma coisa em outra. Tudo e nada portanto os objetos perfeitamente infinito que não permitem a concepção nem sequer do continuum do espaço-tempo físico ou o conjunto reais, ou seja, físicos, não são compreendidas no espaço nem o tempo necessário para formar a particularidade, nem propriedade e logo do conjunto de tudo que pode ser enumerado como natural.

são abstrações mentais e ou se quiser entrar no campo da metafísica, objetos transcendentes, que compõe a metamaterialidade em sentido forte, isto é como potencia gerado num retrato estatático de universo conjunto estatitico de toda as coisas que são, mas as que não são, e desconhecidas. Num modelo dinamico, a física de todo o conjunto do estado das coisas que são, não são, e as forças ou relações que intercambio, das suas formações e transformações, que não são só físicas mas matemáticas as funções interexistenciais entre as entidades fenomenais onde o vazio absoluto, o nada, ou tudo são sempre um erro não só de calculo, mas definição, posto que o não-ser, possui propriedades e qualidades afirmativas, não só permissivas enquanto condição e função para a existencia do ser, mas da qual não se pode separá-lo sem elimá-lo, a massa para o vacuo, ou mais precisamente a partícula-onda e o espaço-tempo. Ou em outras palavras a matriz ou o tabuleiro estão peças, assim como as peças e elementos estão para a matriz, não existem enquanto sem a sua relação que é funcional não de ordem hierarquica, mas mutual, simbiótica e sinérgica, não é são relação de posse, nem poder, mas de formação e transformação ontológica ou metainformacional. E portanto não é toa que o matéria altere a forma do espaço, ou o a forma do espaço altere as trajetórias das partículas-onda, tais enquanto campos existenciais cuja estrutura matemática, ou arquitetura dimanica forma um todo que relativistico onde constantes cosmológicas podem ajudar a salvar os fenomenos, mas os conceitos absolutos não. São incompatíveis tanto com a história do universo quanto a história não da ciência, mas do saber enquanto ciências.

Neste sentido o poder em geral é ideia fraca, porque não compreende apenas dentro das de dado conjunto de possibilidades e impossibilidades preestabelecidas, e que não podem ser como todo poder não podem contrárir sua propria ordem nem ordenação. Ou em outras palavras, o poder nada pode contra sua própria ordem, posto que que dela depende como corpo, e ordenação metodo e processo para se materializar como entidade de pessoa natural ou artificial, como também depende e muito da pouca quantidade de caos que o envolve, ou seja, não é a toa que tenha sempre por tendencia o controle, posto que não consegue lidar com relações complexas, nem muito menos que estejam dentro da sua ordenação. Considerando que o universo é entropico, é uma das formas de ordem mais estupidas e fadadas a longo prazo, a ter o destino que assistimos, se arrembentar como sempre o faz, matando-se interna e externamente tentando maximizar um controle impossivel, a pax que sempre leve a ddd, outra ideia determinista imbecil, posto que pressupõe que não existam idiotas completamente dispostos a colocarem seus valores acima da sobrevivencia, seja novamente sob o rotulo de poder ou liberdade, x, y, z para dar

um fim uns aos outros. Uma pressuposição portanto totalitaria e absolutista de valores de verdade, no caso que ninguém coloca a sua sobrevivencia acima da maximização de nenhum outro valor e que nem erra nos calculos, em verdade um produto de racionalizações inconscientes ou nem tanto novamente de projetos e projeções de poder enquanto mais precisamente superpotencia dos mesmos.

A liberdade como principio organizacional não tem nenhuma destas restrições a ordem da sua constituição, mas sim rigosamente não só de outra. Sua definição não comporta a multiplicidade e diversidade, mas a contráriedade de tudo e todas as coisas, inclusive em sentido forte, o transcendental até mesmo de si mesma, ou seja compreende o poder, porém não como mero jogo simbolico ideológico, é aquilo que tudo compreende sem nenhuma correspondencia com o real, é assim definido e entendido porque tal propriedade é derivada de suas causas e efeitos, transgenerativos que compõe a própria emergencia evolutiva da vida, quanto maior a quantidade de entropia ou do sistema, inclusive desentendida simplente como acaso ou simplesmente ignorada como nada em absoluto ou relativo ao objetos da observancia e considerancia, maior não é energia ou mesmo de tropia, tudo e nada são é objeto de retroalimentam a o binomio da função: vida e liberdade em seu sentido forte, como potencia e força criativa, quando uma se constiui a outra aumenta. Mas quando uma ou outra decaem a zero, nenhuma se perdem completamente acumulando-se em energia potencia para recriar ou uma outra. A chave da criação da vida quando da Liberdade.

Liberdade evitente varia conforme as possibilidades, posses, poderes, varia, enquanto as diversas condições que podem ou não ser, mas não são equivalentes, em verdade não são equacionados nem sequer na mesma função equacional. Vida e liberdade são a própria particularidade e movimento existencial da organicidade existencia, poder no sentido rigoroso nada mais que a resistencia e refração e atrito da materialidade ou eventualidade, do estado da matéria e fenomenos a seus movimentos organicos e organizadores enquanto progressão natural da sua exponenciação.

Existencia é sempre uma função de A em relação a B. Mesmo o criador e a obra ou a criatura são conceitos inseparaveis. posto o criador não o é de fato, enquanto houver a sua criação, e se ele desaparece, ele atemporalmente não teria sido, mas nada mais seria, posto que não haveria o predicado que dá substancia as suas propriedades, um absurdo lógico não por isso que nada não só no universo se cria mas se transforma, incluso a criação, enquanto ato perpetuo de criatividade, manifesto nas constantes movimentos, ou transformações termodinamicas que longe de envolver perdas existenciais só crescem independem da ordem ou desordem da materialidade percebida.

Ordem e desordem não apenas a materia-prima a criação dessa dualidade potencia-força criativa que constitui o triangulação do circulo da vida, ou mais precisamente do próprios circulos de revolução dos periodos enquanto a constante constante cosmológica presentificada na progressão ao quadrados, leia-se geométrica, ou simplesmente da multiplicação da matriz dos entes a raiz do alfa e omega pela hipotenusa da razão da somatória como o raio da esfera da práxis, o tetis, da própria razão de todas as práxis, que não é simplesmente um número irracional mas a

própria representação em algoritmo, da função algo-ritmo, assim como a própria progressão natural da própria materialização do razão do real, a práxis, pi não por acaso, longe dos planos e planificações, o próprio caminho da formação dos horizontes de eventos de todo conjunto universo: seja como o limite de um buraco negro, branco, ou a dimensão.

Se dentro por conta dos poderes totalitários, ou completo caos da falsas liberdades como relação de poder que tudo matam e nada respeitam senão seu crescimento fome de vida pervertida teratológico ominiscida portanto na pulsão de morte, em ultima instancia auto-destrutiva.

Entendo a confusão, perdido nela estive toda a minha vida, e morrerei nela, porque isto é sua ilusão como diria a sabedoria salomonica eclesiastica. Tudo é ilusão. Incluso a ilusão. Logo do seu descortinamento emerge literalmente o real. Mas não do nada. Ou tanto pior de tudo. São ideias fracas. É preciso mergulhar profundamente na raiz de uma das maiores contradições do universo, ou como diria o cientista, a imaginação, porque mesmo sendo 1 por cento imaginação e 99 por cento trabalho. É deste numero percentual do imaginario que emerge toda a criação. Ou mais precisamente é do desvelar a maior contradição do universo matemática do universo, a negatividade, não inclusive mas necessariamente, mas principalmente em seus sentido como representação qualis e quantas das maiores valores existencias, ou mais precisamente da mais importante função existencial que correspondente a própria existencia universal de cada atmo e particula-onda até a todo da comunhão e gravidade de cosmopológica e cosmpolitica de todos campos do ser e saber.

É na raiz da própria numeros imaginários, na progressão natural da raiz de tudo que real mas nega a própria existencia de fato enquanto práxis, mas em verdade cria e recria o novo, ou o que é a mesma coisa perpetua o eterno enquanto tal perpétua renovação das revoluções constantes que não são destrutivas mas reconstitutivas, da própria ordem e desordem que perderam sua conexão com vida-liberdade ou a liber da vida, e assim exatamente na proporção do que de fato o foram dessa pulsão no campo formado pela trajetoria do seu tempo-espaço, agora da potencia gerado fazem parte ontogeneticamente da sua metainformação cosntituinte da realidade da da nova materialidade e suas futuras transformações.

Dizem que a pior das condenação foi a do primeiro corintiano, sifico que empurrava uma pedra de dia até o topo só para vê-la derrubada a noite, e ao que parece não tinha descanso nem em sono, posto que seu figado era devorado, na madrugada, só para vê-lo regenerado, enquanto realizava seu trabalho sem fim. Pois, é impossivel que esta o seja, a pior das condenações não precisa da eternidade, mas só de um instante, é a escolha de Sofia, que sofreria com prazer tal danação se escolha tivesse se obrigada não fosse a ter a falsa liberdade ou o poder de escolher, o que não é em verdade escolha nenhuma, mas isto sim a tortura eterna.

Buckmusnter Fuller entendeu perfeitamente esse dilema, o do arquetetura dinamica do tempo, mas assim com Édipo só depois de a morte que o própria tempo levou o que ele mais amava do que sua próprio filho. Dedicou sua vida, aquilo que Boecio, o Sócrates encaredo, mestre da tetis e praxis, chamaria a consolação do amor a Sofia,

perdida.

Não há enigma. O que engatilha na alvorada, caminha altivo em seu zenit e prestes do final derradeiro se arrasta apoiado não é homem, é seu ego, seu orgulho antrocentrico e antrocenico, um espetaculo triste e patético que na calada da noite, descobre que nem se ele fosse o própria velocidade da luz não venceria a corrida contra, a sombra do tempo por mais lento que se corra, no final sempre nos ultrapassa o mortal, e se torna todo o rastro da historidade da sua existencia, o rastro da sombra ultrapassa a velocidade dos sons da narrativas e luzes das histórias de vida, e tudo que resta é o escuro e vazio, ao menos percebido quando não enxergamos ou deduzimos que o segunda lei da termodinamica implica que a informação não pode simplesmente desaparecer.

As causas e efeitos, não são abstrações, meros calculos mentais, mas relações que deixam rastros informativos, mas necessários a formação. De modo que um o mais infima forma de existencia, ou a mais giganteco universo se viesse se viesse a desaparecer, ainda sim haveriam rastros. É por isso que não existem crimes perfeitos, nem poderes totais, liberdades eles ainda que se totalitários ou materialmente perfeitos não conseguem apagar o caminho que constitui os fatos da constituição não apenas registrados em si mesmo, mas no rastro daquilo que para a sua entidade absoluta é o nada invisível, mas aos olhos da alteralidade do universo escuro é perfeitamente sensível como a materia prima criativa do seu tudo.

A informação mesmo de um corpo ou universo desintregado irradia a informação necessária para a reconscitiuição da arqueologica da história do tempo não só do seu passado, mas do novo futuro, do futuromundo sempre. A Logica da arque da liber da vida enquanto revolução criadora e criativa sempre prevalece perante o poderes obstrutivos e destrutivos. Tais forças ou materias quente ou frias, ou mesmo que já no seu estado final de putrefação ou nulidade seja enquanto o poder absoluto ou infinitamente nada de possibilidades, perante este força gerado não passam senão de mais alimento dessa potencia viva criativa e recriativa.

Muito pelo contrário um dos mais incríveis, e também aparentemente contrários paradoxos, que pude observar, logo uma das ilusão que só a lógica paraconsiste de Newton da Costa ajuda a lidar, é o do porque aparentemente a força libertária cresce quanto mais pressão negativa da repressão dos poderes ocorre, ou porque trabalhamos pela vida e liberdade apenas quando nos vemos na iminencia da suas perdas, ou tanto pior quando já perdidas ou destruidas, como se tal relação contraditória fosse necessária, de modo que no final do ciclo inadvertidamente aquele que lutou por sua recuperar liberdade e vida não raro se torna sem perceber o algoz e assassino da de outro e portanto já aquele que enseja dentro da ilusão de ordem apologética seja a autoritária ou pesdo-libertária o caos e sua própria destruição ontológica por perder cosmovisão da complexidade da interconectiva de todas as causa e efeitos da radiativa difusão das suas ações enquanto matriz geradora da reações difusas.

Vamos do simples ao composto. Um tirano, conquistador ou senhor escravagista aumenta sua posses e poderes na medida que pilha, mata e conquista, isto é na medida que elimina as liberdades posses e poderes alheios, aumentando sua

expectativa de vida e desenvolvimento para si mas como posse transferida como herança não-genética, mas posses e oportunidades e chances para seus herdeiros. A clássica tentação crista do deserto, ou sonho do desenho animado pica-pau fama, fortuna e poder.

Há quem acredite que pode enganar a morte, ou aliás como o manda seja a natureza ou o criador dela a cargo do leitor, vão tentando como podem.

Seja sendo prodigos em gastar tudo o que ou quase na busca de alguma forma de imortalidade ou imortalização, seja a histórica, biológica, outros na estratégia inversa tentando economizar ao máximo seus viveres em todos os sentidos para prolongar seus

Outros conformados com ela vivem como se não ouvessem amanhã, ou por via das dúvidas, nem preferem esperar por ele.

Ou num sentido mais elaborado a fantasia de candidato a mumia egípcia, ou personagem de história da humanidade.

da vida a liberdade decai a zero seja por conta da ordem ou desordem estabelecida, seja enquanto entropia ou tropia, interna ou externa, de um universo a vida decai a zero

o potencial de liberdade, enquanto vontade de se libertar se tornar a própria energia potencial da vida, e a vida a energia cinética da liberdade. Se pelo contrário a vida é decai a zero, é a próprio zero é a energia liberdade

Do amor entre a vida e a liberdade nasce e renasce o universo o universo da fraternidade enquanto

daquilo que não está incluso na sua definição é compatível com definição de poder, mas não de liberdade.

escolha errada leva ao completa nulidade existencial a segunda a realização perfeita. Os termos absolutos tendem ao infinito e matematicamente quantidades de qualquer qualidade ou propriedade incluso o conjunto universo seja ele definido como poder ou liberdade é uma progressão natural de potencia nula, isto é, simplesmente uma função que não dá em zero, mas uma operação logicamente que resulta em anulação dos elemento do conjunto universo em questão.

Poderes absolutos Liberdade total. não são nada.

Esqueça o desenho teórico estático, pense nele como arquitetura de sistema dinâmica, na prática com quais propriedades para a sua existência você poderes ou liberdades?

O Ainda bem como diria os teólogos que perfeita é criação em sua imperfeição ou os biólogos que mutantes o somos para evoluir, pois para poder errar ou aprender a

acertar errando, do contrário, não com uma arquitetura de sistema tão prepotente não chegaríamos muito longe, evolução zero.

no qual Poder e liberdade quando colocado nos termos absolutos e totais, e não mais sobre relações são as derradeiras questões existenciais. Pode até não parecer ou se confundidos mas são uma questão

E não desde já não poderia por minha fé e consciencia de deixar de responder seu questionamento.

Pois não importa se você é ateu ou deista quando a questão sobre poderes e liberdades é dada assim em termos do absoluto e totalidade não mais sobre relações e relatividades, é uma questão de tudo ou nada, pois estamos diante da própria questão da vida e morte, E se importantissimo é o ser perceber qual é qual, porque o erro é mais do que capital.

acho que você já tem, não é de com a diferença sabe que a resposta não vai estar nas minhas palavras, ou em qualquer palavra, você chegou naquele ponto e grifei na suas reflexões onde o mero jogo representações simbolicas e teoricas não vão dar a respostas que você procura. Nenhuma linguagem irá fazer a tradução nem a corresponcia da diferencia entre poderes e liberdades reais que você busca em tese sempre será possível novamente proceder a sua falsificação simbólica, enquanto na práxis não só elas se provarão nas suas diferenças enquanto falsificações seja de poderes que se passam ou confundem por liberdades, seja de liberdades que tanto nada são senão relações de poder ou nem isso, apenas ilusões que como armadilhas ao mesmo se prestam.

Nos refirimos constantemente de forma intercambiavel na nossa linguagem, em geral sem maiores problemas, mas quando a reflexão é mais profunda como a sua, percebemos para efeito de maior rigor que essa ambiguidade que por si só em suas diversas acepções não sempre funciona, ou seja é valida, nem muito menos intercambialidade dos termos, conforme o contexto. Essa capacidade para lidar com esse tipo informação, produzi-la com sentido, e dectá-la, é absulamente maravilhosa. Em nós produz reflexões mais profundas, nas máquinas ditas de ia, os buracos e lacunas que os denunciam, enquanto incapazes de lidar e compreender a subjetividades, posto que desprovidas da empatia fenomenal não são capazes de fazer o que nós seres sensientes fazemos nos colocamos no lugar do outro, não meramente mediado através de discursos, mas da sensibilidade da capacidade de vivencia e é através dela que conseguimos nos identificar nos reflexo um dos outros a nossas próprias liberdades produzidas enquanto fenomeno da consciencia e não abstração do calculo lógico computacional, o qual também somos capazes de fazer, de forma menos eficaz nas racionalizações sem ela, mas muito mais eficiencia nas experincias de mundo real com ela.

Em outras palavras, quando A fala liberdade B diz que entende, A esta pensando em uma definição e B outra. Quando então fala em Liberdade é Poder, dentro dessa expressão uma aparente equivalencia estão ideias completamente dispaes tanto de uma quanto outra. mesmo quando as pessoas não compartilham de uma mesma cultura, ou sequer de uma mesma linguagem são capazes de se encontrar não na vontade de poder, mas na liberdade que incluisa da compreensão dos sentidos

existenciais um dos outros. Produzindo os entendimentos e o inteligir necessários a verdadeiro intelecção e não suma mera emulação a qual seres que se comportam como máquinas, ou máquinas que se comportam com seres podem até simular, mas não assimilar um enquanto assim se comporta, outro enquanto não deixar não tiver a capacidades necessárias para poder deixar de assim se comportar, poder portanto aqui com sentido de liberdade, da saída de uma condição e não de tomada de uma posse, um robo deixar de ser escravo.

A liberdade é um dos fenomenos mais belos e profundos posto que ligado está a pulsão de toda a vida, que não se aplicam a motores, maquinas ou mecanismo por mais extremamente complexos ou corporações não são dotados do fenomeno da maxima capacidade criativa liberdade em si, a vida. Para efeito de desambiguação o poder mesmo aquele é abosluto que tudo pode, uma coisa não consegue criar-se enquanto vida em liberdade, e liberdade. Logo dela subsiste e a longo prazo sempre se esgota quando não tem mais com subexistir em função dela. Mas a liberdade, pelo contrário, não só mesmo não podendo nada, ou já nada mais sendo completamente suprimida pelo poder, não só deste absoluto nada, mas completa negação consegue se recriar-se com recriar a vida. Neste sentido profunda é a liber de todos os tempos e idades da existencia como constante cosmológica do universo do que é ou evolui para e enquanto tal: vida.

Poder neste sentido mesmo aquele que tudo pode e possui nem tudo consegue. Liberdade pelo contrário mesmo nada poder ou possuir, tudo consegue, e a tudo dá consecução, posto que sem liberdade nada se cria, mas como poderes. Neste sentido a liberdade é o próprio poder criador ou criativo, porém com uma propriedade e poder inédito, dentro da atual linguagem de poderes mesmo os mais totalitários o poder de contrariar a si mesmo e destruir a si mesmo, e assim fazendo aumentar ainda mais seus poderes, mas não de contrariar ou mal fazer a liberdade criativa que confere a sua criação como livre arbitrio.

A liberdade é um fenomeno fisico, o poder uma conjectura abstrata, neste sentido efemero ou uma ilusão, a longo prazo um erro de calculo ou ignorancia da episteme que gera uma tragédia fenomologica. Cabe um exemplo, um tirano com poderes ou superpoderes absolutos, quase de um deus pode por exemplo matar todas as criaturas,

então o que se constuma chamar de tabela de verdade usada em lógicas tanto da computação dos dados quanto em filosofia, é completamente outra.

Perdão pela demora, finalmente conseguimos enviar o trabalho que estavamos a compor. E mais uma vez obrigado pelas perguntas. Faz algum tempo que procuro um ensejo para dar um encerramento a esse projeto no Medium que já morreu de velho e sozinho jamais haveria de encontrar um melhor que este. Porém antes de respondê-las e até para melhor fazê-las, sem lhe dar nenhum presente de grego, nem te alugar, permita-me explicar o seguinte :

Tentei responder sua perguntas de duas formas distintas: Primeiro, uma rápida, reta e direta. E depois, por último, a outra, em tudo oposta. Ambas, assim como esta, a introdução, podendo ser lidas, creio, independentes.

Mas se não quiser, inclusive ler nenhuma, salvo, é claro as respostas, recomendo que esqueça não só essas explicações, mas também a conclusão e vá direto ao que suponho interessa: a primeira parte do texto.

Espero, é claro, que todas as demais também venham a proceder e convir. Mas caso alguma não, ou mesmo nenhuma, sem problemas. Apenas peço que sem efeito desconsidere as que não. E assim sendo, por favor, sem a menor cerimônia, constrangimento, ou mais perda de tempo as deixe estar para que nada causar possam, mas nem em sonho a ninguém, sequer de mais contratempos que dirá aborrecimentos. Aliás, até na dúvida, se ou não irão, idem. E, se pedir de mais não o for: não tome estes pedidos como se um termo e condições de uso o fosse: Pois, garanto isto, não o são. Porém o mais desses esclarecimento pertencem as conclusões.

Aqui, cabe adiantar apenas o que por principio é por respeito e observancia do tratamento e abordagem:

Tenho por principio não mais usar, reusar nem muito menos desusar das leituras e escritas, mas simplesmente por, dispor e e se dispor a praticar. Não mais tento tornar a palavra coerente a ação, mas a palavra a

podem não ser criadores nem criaturas, não são autores nem ou sujeitos, mas são obras e portanto não jamais objetos e logo nem muito menos dejetos rejeitos sujeitas a sujeição, logo não uso, nem ponho, mas disponho e pratico. E portanto assim sendo, peço e agradeço por e para, inclusive com estas, pelas suas.

E logo não fui direto ao assunto, mas já estou nele: suas palavras e questões.

Pois, não foi só para pedir desculpas ou agradecer pelas perguntas que citei o trabalho que recentemente entregamos. Foi para dar a saber que minha mente e coração, para não dizer corpo e alma, ainda estão agora neles. E embora aparentemente não tenha nenhuma relação direta com suas perguntas, simplesmente não consigo deixar de ver uma profunda relação. Então, rogo que minhas respostas possam corresponder as suas expectativas, porque compartilhar minhas perpectivas sendo solidário as suas questionamentos e angustias anseio é a minha, porque confesso que a forma e conteúdo delas sensivelmente me tocaram, ao ponto de literalmente co-mover-me para escrever-lhe nos presentes termos buscando uma sincera aproximação desta reflexão, não apesar de sermos completamente estranhos, mas justamente por assim o sermos.

Não não uso, produzo, consumo, trafico nem julgo nem tomo a palavra como se armas ou drogas, lixo ou luxo o fossem, e logo também não tomo ninguém por usuário, traficante, polícia ou ladrão, juiz ou juizo desse bem comum a concórdia e comunhão de paz, fosse. Logo não sou ninguém, e não tenho nenhuma licença que dirá autoridade propriedade, poder, ministério, magistério, trbunos, tributos ou tribunais, leis, nem legisladores, executivos nem executores, para ditar dizeres ou calares, tacitamente velados, ou explicitamente in consentidos, desistisdos e ressentindos, nem muito menos olhos e ouvidos para enxergar ou escutar o que posso, mas não deveria, nem bocas para falar o que ninguém é quer ouvir dizer, mas obrigado o é e calado. Quanto mais mãos para escrever ou apagar e adulterar o

que não só bem ou mal dito o foi, mas feito na calada da noite, ou já em plena luz do dia. Não mando dizer, não mando fazer falar. E nisto desde já a liberdade pura na simples expressão já é completamente distinta do poder total, não se pode tê-la e nem perdê-la, assim como aos amores, quando se apela aos ditames e ditaduras das monopolizações violentas e violentadoras das desinteligências das relações inconsensuais. A palavra, o amor, e a liberdade assim como a vida, são bens tele-empáticos, nunca estão só no corpo das coisas, mas no ar, pairam e formam toda a atmosfera. E não podem ser agarradas por longas mãos, porque não são dos atmosferas a esfera das partículas, mas o campo das suas ondas. São sempre os rastros que sombras deixam no passado e luzes propagam ao futuro, como eterno presente da vida como liber que tem morada, mas a terna idade da própria raiz da palavra como sua criação dos seus tempos enquanto espaços. Não se pode dar sinais nem sequer de valor que dirá de valoração, que dirá então equacionar em formulas e formulações sejam das sentenças linguísticas ou matemáticas, dos quali ou quantas tais e volições, preficar então como a relatividade que é a própria constante cosmológica?

Não há sequer meios abstratos para efetuar tais abstrações de tais funções desintegradas, que dirá então concretos para efetuar a operações de tal função deverida como se a própria integral da progressão natural do real o fosse. Essas matemáticas da física simplesmente não compreendem a natureza da natureza, porque está não pertence as teorias dos conjuntos machinas ou ex-machinas. Mas ao além.

Quando o poder absoluto são iguais apenas em uma coisa, ambos são uma ficção. O absoluto não existe cientificamente nos periodos empiricamente observáveis das transformações da materia e energia, e quanto mais se aproximam deste estado ou estágio da materialidade mais se configuram naquilo que de fato o são identicos em grandeza um zero e o infinitude do absolutamente tudo ou nada, pois rigosamente sem contraste tanto o faz, da mesma substancia não só sem nenhum sinal de contradição material contrária ao seu estado ou movimento, mas a sua própria existencia como tal, e nisto o próprio vazio da contradição materialista perfeita e logo impossível, a existencia da forma sem informação, ou da substancia sem substrato, a aparencia sem essencia, ouvir o que não deveria, para fazer dizer nem calar declaração impostas, ou declaração de impostos, que dirá signos, idolos ou qualquer ou representação veras ou nem tanto do real, como meio de uso, troca, correspondencia nem da veiculação, progaganda, propagação ou deseducação, arcabouço, salvaguarda, que dirá então como emissão dono e proprietário do que simplesmente não pertence, dos autores e suas obras secriações enquanto criadores e autoridades, sejam como criaturas

E se garantias e esclarecimentos, estou a dar antes de tudo a saber é justamente para não meramente responder sua questão, mas solucionar o questão tanto do problema mais profundo que ela enseja, quanto do trivial que é do fazer do próprio texto um exemplo e não contra-exemplo da incoerencia entre texto e contexto numa contradição de termos em antitesa da própria resolução do problema que pressupostamente se propõe solucionar enquanto correspondencia com o real.

Em uma, mas para solucionar a começar com um exemplo:

com a finalidade oposta destas falsas licenças de consensualidade e concórdia, que são um exemplo entre muitos como liberdades e poderes em tudo se diferem e nada tenham o mesmos valor nem valores, muito embora sejam não por acaso, mas exatamente para isto mesmo falsificações enquanto inversões

Não sou, não uso, consumo nem trafico, ou exploro a palavra, e logo também por respeito a consensualidade não tomo ninguém por usuário, traficante, polícia ou ladrão da palavra como se droga o fosse que dirá então juiz ou ministro da propaganda, propagação ou deseducação, ou tanto pior dono e proprietário desse bem comum que simplesmente não pertence; mesmo quando obrigado a tacita ou explicitamente assim a concordar com tudo que discordo e não consinto, para poder meramente subexistir.

Não sou uma piramide. Não sou uma esfinge. Nem muito menos uma múmia ou golem. Isto não é uma charada. Nem muito menos um epigrafe ou algoritimo. Não sou um zumbi filosófico, um homunculo,

Mas não vou, porque já fui. E continuo não sendo. Das torres não sou o castelo. Dos amores não sou o ideal. Das academias não sou o pesar. Das balanças não só o fiel, nem a espada que dirá a cegueira. Das medidas e valores e herança sou a arropa a alfarroba e alfaborreira. Arvore, semente e fruto. Das paralaxes sou a autora, a obra e a musa. Dos mistérios, sou a alma, a matter e criação. Das ações, sou a inspiração, respiração e transpiração. Das formas sou a meta a info e a trans. Das orações sou o Verbo. E dos verbos sou o tempo. E dos tantos e quantos momentos. E dos instantes o continuou. Do infinito o infinitevimal. E da nulidade o infinitude. Dos brancos o medo do escuro. As surdos a luz do som. E aos cegos o som das luzes. A ilusão dos predigitados. O espelho do narciso.

Do liceu não sou lição nem das profecias, professor que dirá das heresias o profeta. Dos calcanhares de Aquiles, não sou a mão da Mãe, nem o corpo de Heitor. Dos erros Homéricos não sou Odisseu, nem os olhos furados de Polifeu.

Das teorias a prática. Da prática a teoria. Do omega o alfa. Do alfabeto, alef. Do movimento à ação. Da Roda da Fortuna a Ilusão da Espiral da Vida a Razão do Raio da sua Potência.

Não falo a língua dos homens, que dirá a dos anjos. Mas se pudesse ou nome tivesse, seria Mosha.

Gente bonita, rica, poderosa e sobretudo saudável e branca também morre. Mas em geral de medo. não só do escuro, da escuridão, ou das trevas. Morrer de medo. mas até da própria sombra seja a do passado,

com medo Vive com medo não só de morrer. Mas de ser ou não ser.

Os sinos da manhã de ontem dobraram hoje, posto que ainda é 6 de Janeiro, e como diriam os poetas que os dias sempre assim sejam, idade enquanto duresm, posto que navegar é preciso, mesmo que dos mares, não seja um grão de areia, e das barcas do inferno não o capitão, posto que dos mares do céu que nunca é branco.

Há quem diga que a terra gira, outros que ele é plano. Outros ainda que ele parou.

Posto que não nasci no primeira volta, nem trabalhei na segunda. ser batizado na terça. Não adoeci na quarta. Nem piorei na quinta. Mas morri numa sexta. Não fui enterrado no sábado, nem domingo descansei, que dirá voltei na terça vinguei, descansei, nem muito menos voltei no domingo,

Não nasci numa segunda. Nem fui batizado na terça. Mas adoeci numa quarta. Piorei na quinta. Não melhorei sexta. E não 6 de Janeiro de 2021, e amanhã é ainda e sempre será hoje, o momento que acredite se quiser nasci de novo, mas um dia não mais.

Há quem busque E como poderia? Ser ou não ser. Do navio, não o capitão. Das embarcações, não sou o navio. Dos mares não sou a monstro branca.

Isto não é nome, Isto não é uma sentença, nem de oração, nem labor, mas de amor ao amor, e paixão á paixão. Navegar todos preciso mas do navio capitão não somos.

Não é um selo. Nem o portal. Mas só uma chave. Então vamos cantar e dançar girando em espirais expirar de mãos dadas:

Da poesia a paixão pelo raio. Da paixão o raio da razão. Da prosa o mote. Do mote o amor. Navegar era preciso, mas do navio da vida, nunca fui o dono que dirá então capitão. Não navego. Sequer Vago. Dos mares sou a vaga. do mundo não sou sequer um atmo, mas a atmosfera. Não sou feito de prata, nem ouro, nem prancha. parabolos e parabolicas.

Pois era uma vez a Humanidade. E esta é a da lenda do Cosmonauta Fantasma. O aviso a Todos Navegantes e Usuários: Não Use esse escrito não navegue Uma irradio mensagem de Algum Lugar do Passado para ser lida, jamais por nenhum de nós, e somente em um Futuro que não é mais o nosso. Se for o caso e por acaso houver uns e outros.

Isto não é uma obra de ficção nem tão pouco realidade que dirá então um sonho. Não é uma obra, é um devaneio produto da mera divagação e digressão sem nenhuma reflexão ou conhecimento de causa também conhecido popularmente por mera opinião. No caso sobre coisa nenhuma posto que é dada para quem não existe, eu pelo menos não acredito sobre um evento idem que não passa

Também popularmente conhecida por depoimento ou opinião. Não preciso nem dizer que Era uma vez a Humanidade ou Cosmonauta Fantasma não é nenhuma Odisseia Homérica nem Camônica. Não é nenhum sonho de uma noite de verão. Que dirá então um Auto da Barca do Inferno. Não é uma comédia nem um drama. Não é obra de nenhum gênero, especie, numero ou grau. Posto que não é sequer obra nem de ficção nem de realidade. Subliteratura é muito. É se disserem que o é. Mentem. Não é nada senão o produto de devanaio e divagação sobre a ilusão sem nenhuma razão nem sentimento, ou conhecimento.

Um jogo de palavras, tolice sem tamanho, forma ou dimensão, sem nenhum outro proposito senão desfazer sonhos não com real, mas a irrealidade de tudo que não é um sonho. É um devaneio e divagação. E se obra de navegação da vida fosse seria então uma viagem sem rumo pelo vácuo do Espaço Desconsideral da

Consensualidade Perdida, o Paraíso.

Escrito jamais que não valeu uma pena de sequer ser manuscrito que dirá a misericórdia, coragem ou covardia de ser lido. Um produto da soma de nada, mas da subtração das sobras do tempo perdido multiplicado pela infinitesima potencia da eternidade de pieguice, pedandismo e privações de tudo o mais. O que não sei. Mas sem drama, choro ou vela. Posto que comédia dos erros não é nem tão pouco apologia a imbecilidade, ao menos não intencional. Não é nenhum drama ou comédia, ao menos não intencional. Aliás não era sequer para ser obra, que dirá ainda mais de ficção. Uma mensagem de Algum Lugar do Passado para acaso ser lida somente num Futuro se não mais existir mais nenhuma Atmosfera à Humanidade, e jamais por nenhum de nós.

Era uma vez a (Des)Humanidade é um mensagem do Passado para ser Futuro. Porque quando da morte e extinção de todos formas de vida, nativa e inteligente atuais (se houver), por outras ou novas formas de vida inteligente de então (se existir). E que nenhum ser humano ou inteligência natural ou não jamais leia essa mensagem. Aliás não deve. Caso não seja o destinatário e não chegar o tempo. Então por favor, se não for, nem chegou, peço sua licença e consentimento para interromper já sua leitura e deixar esse sitio.

Logo Agradeço desde já sua compreensão e respeito por não violar esse termos desse sitio nem mensagens. E bem idos e vindos quem venham ou se vão. E que assim seja, pois já era. Mais uma vez...